



OS SENHORES DO
NORTE

OUTRAS OBRAS DO AUTOR PUBLICADAS PELA EDITORA RECORD

O condenado

Trilogia *As Crônicas de Artur*

O rei do inverno

O inimigo de Deus

Excalibur

Trilogia *A Busca do Graal*

O arqueiro

O andarilho

O herege

Série *As Aventuras de um Soldado nas Guerras Napoleônicas* *O tigre de Sharpe* (Índia, 1799)

O triunfo de Sharpe (Índia, setembro de 1803) *A fortaleza de Sharpe* (Índia, dezembro de 1803) *Sharpe em Trafalgar* (Espanha, 1805)

A presa de Sharpe (Dinamarca, 1807)

Os fuzileiros de Sharpe (Espanha, janeiro de 1809) Série *Crônicas Saxônicas*

O último reino *O cavaleiro da morte*

BERNARD CORNWELL

Os Senhores do Norte

EDITORA RECORD

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2007

Título original inglês:

THE LORDS OF THE NORTH

Impresso no Brasil

Para Ed Breslin

Saindo das noites lívidas desliza o caminhante das sombras Beowulf

Nota de Tradução

Foi respeitada ao longo deste livro a grafia original de diversas palavras. O

autor, por diversas vezes, as usa intencionalmente com um sentido arcaico, a exemplo de *Yule*, correspondente às festas

NON-ACTIVATED VERSION

www.avs4you.com

natalinas atuais, mas que, originalmente, indicava um ritual pagão. Outro exemplo é a utilização de *svear*, tribo proveniente do norte da Europa.

Além disso, foram mantidas algumas denominações sociais, como *earl* (atualmente traduzido como "conde", mas que o autor especifica como um título dinamarquês, que só mais tarde seria equiparado ao de conde, usado na Europa continental), *thegn*, *reeve*, e outros que são explicados ao longo do livro.

Por outro lado, optou-se por traduzir *lord* sempre como "senhor", jamais como "lorde", cujo sentido remete à monarquia inglesa posterior, e não à

estrutura medieval. *Britain* foi traduzido como Britânia (opção igualmente aceita, mas pouco corrente), para não confundir com Bretanha, no norte da França (*Brittany*), mesmo recurso usado na tradução da série *As Crônicas de Artur*, do mesmo autor.

SUMÁRIO

TOPÔNIMOS 13

PRIMEIRA PARTE *O rei escravo 17*

SEGUNDA PARTE

O navio vermelho 155

TERCEIRA PARTE

Caminhante das sombras 249

NOTA HISTÓRICA 345

TOPÔNIMOS

A GRAFIA DOS TOPÔNIMOS na Inglaterra anglo-saxã era incerta, sem qualquer consistência ou concordância, nem mesmo quanto ao nome em si.

Assim, Londres era grafado como Lundenia, Lundenberg, Lundenne, Lundene, Lundenwic, Lundenceaster e Lundres. Sem dúvida alguns leitores preferirão outras versões dos nomes listados a seguir, mas em geral empreguei a grafia que estivesse citada no *Oxford Dictionary of English Place-Names* referente aos anos mais próximos ou contidos no reino de Alfredo, entre 871 e 899 d.C, mas nem mesmo essas soluções são à prova de erro.

A ilha de Hayling, em 956, era grafada tanto como Heilincigae quanto como Haeglingaigga. E eu próprio não fui consistente; preferi a grafia moderna England (Inglaterra) a Engaland e, em vez de Norðhymbraland, usei Nortúmbria para evitar a sugestão de que a fronteira do antigo reino coincidia com as fronteiras modernas. De modo que a lista, como as grafias em si, é resultado de um capricho.

ETHELING EG Athelney, Somerset

ALCLYT Bishop Auckland, condado de Durham **ALBUM BATH, AVO** (NORJUNIA-S-BATHUM)

BEBBANBURG Castelo de Bamburgh, Northumberland

BERROCSCIRE Berkshire

CAIR LIGUALID Carlisle, Cumbria

CETREHT Catterick, Yorkshire

Cippanham Chippenham, Wiltshire

Contwaraburg

Cumbraland

Cuncacester

Cynuit

Defnascir

Dornwaraceaster

Dunholm

Dyflin

Eoferwic

Ethandun

Exanceaster

Fifhidan

Gleawecestre

Gyruum

- Hamptonscir

Haithabu

Heagostealdes

Hedene

Hocchale

Horn

Hreapandune

Kenet
Lindisfarena
Lundene
Onhripum
Pedredan
Readingum
Scirebuman
Snotengaham
Strath Clota
Sumorsaete
Canterbury, Kent
Cumbria
Chester-le-Street, condado de Durham
Cynuit Hillfort, próximo a Cannington,
Somerset
Devonshire
Dorchester, Dorset
Durham, condado de Durham
Dublin, Eire
York (Também, em dinamarquês, Jorvic. Promp-
cia-se Yorvik.
Edington, Wiltshire
Exeter, Devon
Fyfield, Wiltshire
Gloucester, Gloucestershire " "
Jarrow, condado de Durham
Hampshire
Hedeby, cidade mercante no sul da Dinamarca
Hexham, Northumberland
Rio Éden, Cumbria
Houghall, condado de Durharri
Hofn, Islândia
Repton, Derbyshire
Rio Kennet
Lindisfarne (Ilha Sagrada), Northumberland
Londres
Ripon, Yorkshire
Rio Parrett
Reading, Berkshire
Sherborne, Dorset
Nottingham, Nottinghamshire
Strathclyde
Somerset.

PRIMEIRA PARTE

O rei escravo

Eu queria as trevas. Naquela noite de verão havia uma lua pela metade que saía de trás das nuvens para me deixar nervoso. Eu queria as trevas.

Havia carregado duas bolsas de couro até a pequena crista que marcava o limite norte de minha propriedade. Minha propriedade. Fifhaden, era como se chamava, e era a recompensa do rei Alfredo pelo serviço que eu lhe prestara em Ethandun, onde, na longa colina verde, havíamos destruído o exército dinamarquês. Parede de escudos contra parede de escudos; no fim Alfredo era rei de novo, os dinamarqueses estavam derrotados e Wessex vivia. E ousou dizer que fiz mais do que a maioria dos homens. Minha mulher havia morrido, meu amigo havia morrido, eu havia levado um golpe de lança na coxa direita e minha recompensa era Fifhaden.

Cinco jeiras. Era o que o nome significava. Cinco jeiras! Terra que mal bastava para sustentar as quatro famílias de escravos que labutavam no solo, cuidavam das ovelhas e pescavam no rio Kenet. Outros homens haviam recebido grandes propriedades e a Igreja fora recompensada com ricas florestas e pastagens profundas, enquanto eu recebia cinco jeiras. Eu odiava Alfredo. Era um rei miserável, devoto, mão-fechada, que desconfiava de mim porque eu não era cristão,

NON-ACTIVATED VERSION

www.avs4you.com

porque era do norte e porque havia lhe dado o reino de volta em Ethandun. E como recompensa ele me deu Fífhaden. Desgraçado.

Assim eu havia carregado as duas sacolas até a crista baixa, pastada pelas ovelhas e atulhada de enormes pedregulhos que luziam brancos quando a lua escapava dos fiapos de nuvens. Agachei-me perto de uma pedra enorme e Hild se ajoelhou ao meu lado.

Na época ela era minha mulher. Havia sido freira em Cippanhamm, mas os dinamarqueses tinham capturado a cidade e a usaram como prostituta. Agora estava comigo. Algumas vezes, à noite, eu a ouvia rezar, e suas orações eram todas feitas de lágrimas e desespero, e eu admitia que no fim ela retornaria ao seu deus, mas no momento eu era seu refúgio.

— Por que estamos esperando? — perguntou ela.

Encostei um dos dedos nos lábios para silenciá-la. Ela ficou me olhando.

Tinha rosto comprido, olhos grandes e cabelos dourados sob um retalho de xale.

Eu considerava um desperdício ela ser freira. Alfredo, claro, queria-a de volta no convento. Por isso deixei que ela ficasse.

Para irritá-lo. Desgraçado.

Estava esperando para ter certeza de que ninguém nos olhava. Era improvável, porque as pessoas não gostam de se aventurar à noite quando o horror se esgueira na terra. Hild segurava seu crucifixo, mas eu me sentia confortável no escuro. Desde que era criança havia ensinado a mim mesmo a amar a noite. Eu era um *sceadungengan*, um caminhante das sombras, uma das criaturas que os outros homens temiam.

Esperei longo tempo até ter certeza de que não havia mais ninguém na crista baixa, então desembainhei Ferrão de Vespa, minha espada curta, e cortei um quadrado de terra e capim que pus de lado. Em seguida cavei o chão, empilhando a terra em minha capa. A espada ficava batendo em calcário e sílex, e eu sabia que a lâmina de Ferrão de Vespa ficaria com mossas, mas continuei cavando até fazer um buraco de tamanho suficiente para o enterro de uma criança. Pusemos as duas sacolas na terra. Eram meu tesouro. Minha prata e meu ouro, minha riqueza, e eu não queria ser atrapalhado por ela. Possuía cinco jeiras de terra, duas espadas, uma cota de malha, um escudo, um elmo, um cavalo e uma freira magra, mas não tinha homens para proteger um tesouro, por isso precisava escondê-lo. Mantive apenas algumas moedas de prata, o restante coloquei sob a guarda do solo. Cobrimos o tesouro, batemos o solo com o pé e depois recolocamos a terra com capim no lugar. Esperei que a lua saísse de trás de uma nuvem, olhei o capim e achei que ninguém saberia que o lugar fora mexido. Em seguida memorizei o local, marcando-o na mente com as pedras mais próximas. Um dia, quando tivesse meios de proteger aquilo, eu iria retornar. Adilheu para a sepultura das crianças.

— Alfredo diz que você deve ficar aqui — disse ela.

— Alfredo pode mijar na própria goela e esperar que o desgraçado engasgue e morra. — Ele provavelmente morreria logo, porque era um homem doente. Tinha apenas 29 anos, oito a mais do que eu, mas parecia mais próximo dos cinquenta, e duvido de que algum de nós lhe daria mais do que dois ou três anos de vida. Vivia reclamando das dores de barriga, correndo para o buraco de cagar ou tremendo de febre.

Hild tocou o capim em que o tesouro estava enterrado.

— Isso significa que vamos voltar a Wessex? — perguntou.

— Significa que nenhum homem viaja entre inimigos levando seu tesouro.

Está mais seguro aqui, e se sobrevivermos, vamos pegá-lo. E se eu morrer, você

pega. — Ela não disse nada. Carregamos a terra que estava na capa de volta ao rio e jogamos na água.

De manhã pegamos os cavalos e fomos para o leste. íamos a Lundene, porque em Lundene todas as estradas começam.

Era o destino que me impelia. O

Ano era 878, eu tinha 21 anos e acreditava que minhas espadas poderiam me dar o mundo inteiro. Eu era Uhtred de Bebbanburg, o homem que havia matado Ubba Lothbrokson ao lado do mar e que havia derrubado Svein do Cavalo Branco de sua sela em Ethandun. Era o homem que dera a Alfredo seu reino de volta e o odiava. Por isso iria deixá-lo.

Meu caminho era o da espada, e esse caminho me levaria de volta para casa. Eu iria para o norte.

Lundene é a maior cidade em toda a ilha da Britânia, e sempre adorei suas casas arruinadas e os becos febris, mas Hild e eu só ficamos lá por dois dias, alojados numa taverna saxã na nova cidade a oeste das decadentes muralhas romanas. Na época o lugar fazia parte da Mércia e servia como guarnição dos dinamarqueses. As cervejarias estavam cheias de mercadores, estrangeiros e navegantes, e foi um mercador chamado Thorkild que nos ofereceu passagem até a Nortúmbria. Eu havia lhe dito que meu nome era Ragnarson e ele não acreditou nem questionou, mas nos deu passagem em troca de duas moedas de prata e meus músculos para seus remos. Eu era saxão, mas fora criado pelos dinamarqueses, de modo que falava a língua deles e Thorkild presumiu que eu fosse dinamarquês. Meu belo elmo, a cota de malha e as duas espadas lhe diziam que eu era guerreiro e ele deve ter suspeitado de que eu era fugitivo, pertencente ao exército derrotado, mas o que isso lhe importava? Ele precisava de remadores.

Alguns mercadores só usavam escravos nos remos, mas Thorkild os considerava encrenca e empregava homens livres.

Saímos na maré vazante, o casco cheio de fardos de linho, óleo da Frankia, peles de castor, uma quantidade de ótimas selas e sacos de couro cheios de cominho e mostarda preciosos. Assim que nos afastamos da cidade e chegamos ao estuário do Tâmisia estávamos na Ânglia Oriental, mas vimos pouco daquele reino porque na primeira noite uma névoa

perniciosa veio rolando do mar e permaneceu durante dias. Em algumas manhãs não conseguíamos viajar, e mesmo quando o tempo era razoável nunca ficávamos longe da margem. Eu havia pensado em ir de navio para casa porque seria mais rápido do que viajar por terra, mas em vez disso nos arrastávamos um quilômetro enevoado após o outro em meio a um emaranhado de bancos de lama, riachos e correntezas traiçoeiras. Parávamos toda noite, encontrando algum lugar para ancorar ou atracar, e passamos toda uma semana num pântano esquecido por Deus na Ânglia Oriental porque uma tábuia do casco na proa se soltou e a água não podia ser retirada com rapidez suficiente usando baldes, por isso fomos obrigados a levar o navio até uma praia lamacenta e fazer o conserto. Quando o casco estava calafetado, o tempo havia mudado e o sol brilhou num mar sem névoa.

Remamos para o norte, ainda parando toda noite. Vimos uma dúzia de outros navios, todos mais longos e estreitos do que o de Thorkild. Eram navios de guerra dinamarqueses e todos viajavam para o norte. Presumi que fossem fugitivos do exército derrotado de Guthrum e que iam para casa na Dinamarca ou talvez à Frísia ou qualquer outro lugar em que houvesse saques mais fáceis do que na Wessex de Alfredo.

Thorkild era um homem alto e lúgubre que achava ter 35 anos. Trançava o cabelo grisalho de modo a pender em cordas compridas até a cintura, e os braços não tinham os braceletes que mostrassem a proeza de um guerreiro.

— Nunca fui lutador — confessou-me. — Fui criado como mercador e sempre fui mercador, e meu filho vai comerciar quando eu tiver morrido.

— Você mora em Eoferwic?

— Lundene. Mas mantenho um armazém em Eoferwic. É um bom lugar para comprar peles.

— Ricsig ainda governa lá? Ele balançou a cabeça.

— Ricsig está morto há dois anos. Agora há um homem chamado Egbert no trono.

— Havia um rei Egbert em Eoferwic quando eu era criança.

— Esse pode ser filho ou neto dele. Talvez primo. De qualquer modo, é saxão.

— Então quem realmente governa a Nortúmbria?

— Nós, claro — disse ele, querendo dizer os dinamarqueses. Os dinamarqueses costumavam colocar um saxão inofensivo nos tronos dos países que capturavam, e Egbert, quem quer que fosse, sem dúvida era um desses monarcas de coleira.

Dava um fingimento de legalidade aos ocupantes dinamarqueses, mas o verdadeiro governante era o *earl Ivan*, o dinamarquês dono da maior parte das terras adriáticas. — É Ivar, o filho de Ivar, com um toque de orgulho na voz —, e seu pai era Ivar Lothbrokson.

— Conheci Ivar Lothbrokson.

Duvido de que Thorkild tenha acreditado em mim, mas é verdade. Ivar Lothbrokson fora um temível senhor guerreiro, esquelético, selvagem e medonho, mas era amigo do *earl* Ragnar, que me criou. Seu irmão era Ubba, o homem que matei junto ao mar.

— Ivar é o verdadeiro poder na Nortúmbria — disse Thorkild —, mas não no vale do rio Wiire. Lá quem governa é Kjartan. — Thorkild tocou seu amuleto do martelo quando disse o nome de Kjartan. — Agora ele é chamado de Kjartan, o Cruel, e seu filho é ainda pior.

— Sven. — Falei o nome azedamente. Eu conhecia Kjartan e Sven. Eram meus inimigos.

— Sven, o Caolho — disse Thorkild, com uma careta, e tocou de novo seu amuleto, como se para manter longe o mal dos nomes que havia acabado de falar. — E ao norte deles — continuou — o governante é Elfric de Bebbanburg.

Eu o conhecia também. Elfric de Bebbanburg era meu tio e ladrão das minhas terras, mas fingi não conhecer o nome.

— Elfric? Outro saxão?

— Um saxão — confirmou Thorkild —, mas sua fortaleza é poderosa demais para nós — acrescentou como explicação para um senhor saxão permanecer na Nortúmbria —, e ele não faz nada para nos ofender.

— É amigo dos dinamarqueses?

— Não é inimigo. Esses são os três grandes senhores. Ivarr, Kjartan e Elfric. Mas para além das colinas, em Cumbreland?

Ninguém sabe o que acontece lá. — Ele estava falando do litoral oeste da Nortúmbria, voltado para o mar da Irlanda. — Havia um grande senhor dinamarquês em Cumbreland.

Hardicnut, era como se chamava, mas ouvi dizer que foi morto numa escaramuça. E agora? — Ele deu de ombros.

Então essa era a Nortúmbria, um reino de senhores rivais, nenhum com motivo para gostar de mim e dois que me queriam morto. No entanto, era meu lar, e eu tinha um dever para com o local, e por isso estava seguindo o caminho da espada.

Era o dever da rixa de sangue. A rixa havia começado cinco anos antes, quando Kjartan e seus homens foram à noite ao castelo do *earl* Ragnar. Havia queimado o castelo e assassinado as pessoas que tentavam fugir das chamas.

Ragnar havia me criado, eu o amava como um pai, e seu assassinato ficou sem vingança. Ele tinha um filho, também chamado Ragnar, que era meu amigo, mas Ragnar, o Jovem, não podia se vingar porque agora era refém em Wessex.

Assim, eu iria para o norte, encontraria Kjartan e iria matá-lo. E mataria seu filho, Sven, o Caolho, que levava como prisioneira a filha de Ragnar. Será que Thyra ainda vivia? Eu não fazia idéia. Sabia apenas que tinha jurado vingar a morte

de Ragnar, o Velho. Algumas vezes, enquanto fazia força no remo de Thorkild, achava idiotece estar indo para casa porque a Nortúmbria estava cheia dos meus inimigos, mas o destino me levava, e havia um nó na minha garganta quando finalmente entramos na ampla foz do rio Humber.

Não havia nada além de um baixo litoral lamacento meio vislumbrado através da chuva, juncos nos baixios marcando riachos escondidos e grandes trechos de plantas aquáticas balançando na água cinzenta, mas este era o rio que levava para dentro da Nortúmbria, e eu soube, naquele momento, que havia tomado a decisão correta. Este era o meu lar. Não Wessex com seus campos mais ricos e suas colinas mais suaves. Wessex era domado, contido pelo rei e a Igreja, mas ali em cima havia gansos mais selvagens no ar mais frio.

- É aqui que você mora? — perguntou Hild enquanto as margens se fechavam dos dois lados.

— Minha terra fica muito ao norte. Ali fica a Mércia — apontei para a margem sul do rio — e ali fica a Nortúmbria — apontei para o outro lado. — E

a Nortúmbria se estende até as terras dos bárbaros.

— Bárbaros?

— Escoceses — falei e cuspi por cima da amurada. Antes que os dinamarqueses viessem, os escoceses haviam sido nossos maiores inimigos, sempre penetrando em nossas terras. Mas eles, como nós, haviam sido atacados pelos homens do norte e isso reduzira sua ameaça, mas não acabara com ela.

Remamos subindo o Ouse e nossas canções acompanhavam as batidas dos remos enquanto deslizávamos sob salgueiros e amieiros, passando por campinas e florestas. Agora que havíamos entrado na Nortúmbria, Thorkild tirou a escultura de cabeça de cachorro da proa do barco para que a fera que rosnava não assustasse os espíritos da terra. E naquele fim de tarde, sob um céu lavado, chegamos a Eoferwic, a principal cidade da Nortúmbria, local em que meu pai fora trucidado, onde fiquei órfão e onde conheci Ragnar, o Velho, que me criou e me deu o amor dos dinamarqueses.

Eu não estava remando enquanto nos aproximávamos da cidade, porque havia puxado um remo o dia inteiro e Thorkild me liberou. Eu estava de pé na proa, olhando a fumaça que subia dos telhados da cidade, e então olhei para o rio e vi o primeiro cadáver. Era um garoto, talvez de 10 ou 11 anos, e estava nu a não ser por um trapo enrolado na cintura. Sua garganta fora cortada, mas o grande ferimento agora estava sem sangue porque fora lavado pelo Ouse. Seu cabelo comprido e louro deslizava como algas sob a água.

Vimos mais dois corpos flutuando, então estávamos suficientemente perto para ver homens nas fortificações da cidade. Eram homens demais, muitos com lanças e estúdios. Havia mais homens do que o barco, e alguns vestindo cotas de malha, homens nos olhando cautelosamente, homens com espadas desembainhadas. Thorkild gritou uma ordem, nossos remos se levantaram e a água pingou das pás imóveis. O barco derivou na corrente e eu ouvi gritos vindos de dentro da cidade.

Eu estava em casa.

Thorkild deixou o barco flutuar rio abaixo por uns cem passos, depois fez a proa se chocar na margem perto de um salgueiro. Pulou em terra, amarrou uma corda de couro de foca no tronco do salgueiro para atracar o barco e então, com um olhar temeroso para os homens armados que vigiavam de mais acima na margem, voltou rapidamente a bordo.

— Você — apontou para mim —, descubra o que está acontecendo.

— O que está acontecendo é encrenca — respondi. — Você precisa saber mais?

— Preciso saber o que aconteceu com meu armazém — disse ele, depois fez um gesto com a cabeça na direção dos homens armados. — E não quero perguntar a eles. Portanto, você pode.

Ele me escolheu porque eu era guerreiro e porque, se eu morresse, ele não lamentaria. A maior parte de seus remadores era capaz de lutar, mas ele evitava o combate sempre que podia porque o derramamento de sangue era mau parceiro do comércio. Os homens armados vinham avançando pela margem. Eram seis, mas se aproximaram com muita hesitação porque Thorkild tinha o dobro de homens em seu navio e todos aqueles marinheiros estavam armados com machados e lanças.

Vesti a cota de malha, desembulhei o glorioso elmo com crista de lobo que havia capturado de um barco dinamarquês perto do litoral de Gales, preendi o cinto de Bafo de Serpente e Ferrão de Vespa e, assim vestido para a guerra, pulei desajeitado na margem. Escorreguei no barranco íngreme, agarrei-me em espinheiros para me apoiar e então, xingando por causa dos espinhos, consegui subir. Eu já estivera ali antes: era a ampla pastagem junto ao rio onde meu pai havia liderado o ataque contra Eoferwic. Coloquei o elmo e gritei para Thorkild me jogar o escudo. Ele fez isso e, no momento em que eu ia caminhar na direção dos seis homens que agora estavam parados me olhando com as espadas nas mãos, Hild pulou atrás de mim.

— Você deveria ter ficado no barco — alertei.

— Não sem você. — Ela estava carregando nossa única bolsa de couro, na qual havia pouco mais do que uma muda de roupa, uma faca e uma pedra de amolar. — Quem são eles? — perguntou, falando dos seis homens que ainda estavam a uns cinquenta passos de nós e sem pressa de diminuir a distância.

— Vamos descobrir — respondi, e desembainhei Bafo de Serpente. As sombras eram longas e a fumaça dos fogões da cidade era púrpura e dourada no crepúsculo. Gralhas voavam para os ninhos e a distância eu podia ver as vacas indo para

a ordenha do fim de tarde. Caminhei na direção dos seis homens. Eu estava usando cota de malha, tinha um escudo e duas espadas, usava braceletes e um elmo que valia três boas cotas de malha e minha aparência fez com que os seis parassem, se juntassem e me esperassem. Todos tinham espadas desembainhadas, mas vi que dois usavam crucifixos no pescoço e isso me fez supor que eram saxões.

— Quando um homem volta para casa — gritei para eles em inglês —, não espera ser recebido por espadas.

Dois deles eram mais velhos, talvez com cerca de trinta anos, ambos com barbas densas e usando malha. Os outros quatro usavam casacos de couro e eram mais jovens, com apenas 17 ou 18 anos, e as lâminas em suas mãos pareciam tão pouco familiares a eles quanto um cabo de arado seria para mim. Deviam ter presumido que eu era dinamarquês, porque tinha vindo de um navio dinamarquês, e deviam saber que seis deles poderiam matar um dinamarquês, mas também sabiam que um dinamarquês guerreiro, vestido em esplendor de batalha, provavelmente mataria pelo menos dois deles antes de morrer, por isso ficaram aliviados quando falei em inglês. Também ficaram perplexos.

— Quem é você? — gritou um dos mais velhos.

Não respondi, apenas continuei andando até eles. Se tivessem decidido me atacar, eu seria obrigado a fugir ignominiosamente ou morrer, mas caminhei confiante, o escudo baixo e a ponta de Bafo de Serpente roçando o capim comprido. Eles confundiram minha relutância em responder com arrogância, quando na verdade era confusão. Eu havia pensado em dizer qualquer outro nome que não fosse o meu, porque não queria que Kjartan ou meu tio traiçoeiro soubesse que eu havia retornado à Nortúmbria, mas meu nome também era importante, e me senti idiotamente tentado a usá-lo para deixá-los espantados, mas a inspiração veio bem a tempo.

— Sou Steapa de Defnascir — anunciei, e só para o caso de o nome de Steapa ser desconhecido na Nortúmbria, acrescentei uma fanfarronada: — Sou o homem que colocou Svein do Cavalo Branco em seu comprido lar cavado na terra.

O homem que havia perguntado meu nome deu um passo atrás.

— Você é Steapa? O que serve a Alfredo?

— Sou.

— Senhor — disse ele, e baixou a espada. Um dos rapazes tocou seu crucifixo e se apoiou sobre um dos joelhos. Um terceiro homem embainhou a espada e os outros, decidindo que isso era prudente, fizeram o mesmo.

— Quem são vocês? — perguntei.

— Servimos ao rei Egbert — respondeu um dos mais velhos.

— E os mortos? — perguntei, indicando o rio onde outro cadáver flutuava girando lentamente na correnteza. — Quem são?

— Dinamarqueses, senhor.

— Vocês estão matando dinamarqueses?

— É a vontade de Deus, senhor. Indiquei o navio de Thorkild.

— Aquele homem é dinamarquês e é amigo. Vocês irão matá-lo?

— Conhecemos Thorkild, senhor — disse o homem —, e se ele vier em paz, vai viver.

— E eu? — perguntei. — O que vocês fariam comigo?

— O rei gostaria de vê-lo, senhor. Ele iria honrá-lo pela grande matança de dinamarqueses.

— Esta matança? — perguntei com escárnio, apontando Bafo de Serpente para um cadáver que flutuava rio abaixo.

— Ele iria homenageá-lo pela vitória sobre Guthrum, senhor. É verdade?

— É verdade — respondi. — Eu estava lá. — Então me virei, embainhei Bafo de Serpente e chamei Thorkild, que desamarrou seu barco e o levou rio acima. Gritei para ele por sobre a água, dizendo que os saxões de Egbert haviam se erguido contra os dinamarqueses, mas que aqueles homens prometiam deixá-lo em paz se ele viesse em amizade.

— O que você faria em meu lugar? — perguntou Thorkild de volta. Seus homens davam pequenos puxões nos remos para manter o navio contra a correnteza.

— Iria rio abaixo — gritei em dinamarquês —, encontraria guerreiros dinamarqueses e esperaria até saber o que está acontecendo.

— E você? — perguntou ele.

— Vou ficar aqui.

Ele enfiou a mão numa bolsa e jogou algo para mim, que brilhou à luz do crepúsculo, depois desapareceu entre os ranúnculos que tornavam amarela a pastagem já escurecida.

— Isso é pelo seu conselho — gritou ele —, e que você viva muito, quem quer que seja.

Thorkild virou o navio, uma manobra desajeitada porque o casco tinha quase o tamanho da largura do Ouse, mas conseguiu fazer isso com habilidade suficiente e os remos o levaram rio abaixo e para longe da minha vida. Mais tarde descobri que seu armazém fora saqueado e que o dinamarquês de um braço só

que trabalhava como vigia fora trucidado e sua filha, estuprada, por isso meu conselho valeu a moeda de prata que Thorkild jogara para mim.

— Você o mandou para longe? — perguntou ressentido um dos homens barbudos.

— Eu lhe disse: ele era um amigo. — Abaixei-me e encontrei a moeda no capim comprido. — Então, como vocês sabem

da vitória de Alfredo?

— Um padre veio, senhor, e contou.

- Um padre?

— De Wessex, senhor. Veio lá de Wessex. Trazia uma mensagem do rei Alfredo.

Eu deveria saber que Alfredo iria querer que a notícia de sua vitória sobre Guthrum se espalhasse por toda a Inglaterra saxã, e por acaso ele havia mandado padres a todos os lugares onde viviam saxões, e esses padres levaram a mensagem de que Wessex era vitorioso e de que Deus e seus santos haviam lhes dado o triunfo. Um desses padres fora mandado ao rei Egbert em Eoferwic, havia chegado à cidade só um dia antes de mim, e foi então que começou a estupidez.

O padre fizera a viagem a cavalo, com o manto clerical enrolado numa trouxa atrás da sela, e havia cavalgado de uma casa saxã a outra por toda a Mércia ainda sob o domínio dinamarquês. Os saxões da Mércia o haviam ajudado, fornecendo cavalos descansados a cada dia e escoltando-o para passar pelas maiores guarnições dinamarquesas até chegar à capital da Nortúmbria e dar ao rei Egbert a boa-nova de que os saxões do oeste haviam derrotado o grande exército dos dinamarqueses. Mas o que agradou mais ainda aos saxões da Nortúmbria foi a alegação ultrajante de que São Cuthbert havia aparecido a Alfredo num sonho e mostrado como chegar à vitória. O sonho teria chegado a Alfredo durante o inverno da derrota em Ethelingaeg, onde um punhado de saxões fugitivos se esconderam dos conquistadores dinamarqueses, e a história do sonho apontava para os saxões de Egbert como a flecha de um caçador, porque não havia santo mais reverenciado ao norte do Humber do que Cuthbert. Este era o ídolo da Nortúmbria, o cristão mais santo que já vivera naquelas terras, e não havia um único lar saxão devoto que não rezasse a ele diariamente. A idéia de que o próprio santo glorioso do norte havia ajudado Wessex a derrotar os dinamarqueses expulsou o bom senso do crânio do rei Egbert como perdizes fugindo dos ceifadores. Ele tinha todo o direito de ficar satisfeito com a vitória de Alfredo, e sem dúvida se ressentia de governar preso a uma coleira dinamarquesa, mas o que deveria ter feito era agradecer ao padre que trouxera a notícia e, para mantê-lo quieto, fazê-lo fechar a boca como um cão num canil.

Em vez disso, ordenou que Wulfhere, o arcebispo da cidade, rezasse uma missa de agradecimento na maior igreja do local. Wulfhere, que não era idiota, contraiu imediatamente uma sezão e foi para o campo se recuperar, mas um idiota chamado padre Hrothweard ocupou seu lugar e a grande igreja de Eoferwic ressoou com um sermão feroz afirmando que São Cuthbert viera do céu liderar os saxões do oeste à vitória, e essa história idiota persuadiu os saxões de Eoferwic de que Deus e São Cuthbert estavam para libertar seu país dos dinamarqueses. Assim havia começado a matança.

Tudo isso fiquei sabendo depois que chegamos na cidade. Também fiquei sabendo que havia menos de cem guerreiros dinamarqueses em Eoferwic, porque o restante havia marchado para o norte sob o comando do *earl* Ivarr para enfrentar um exército escocês que tinha atravessado a fronteira. Não houvera uma invasão assim na memória dos vivos, mas os escoceses do sul tinham um novo rei que havia jurado ao rei Eoferwic sua nova capital e com isso Ivarr levava seu exército ao norte para dar uma lição ao sujeito.

Ivarr era o verdadeiro governante do sul da Nortúmbria. Se quisesse se chamar de rei, não haveria quem o impedisse, mas era conveniente ter um saxão dócil no trono para coletar os impostos e manter quietos seus colegas saxões.

Enquanto isso, Ivarr podia fazer o que sua família fazia melhor: a guerra. Era um Lothbrok, e eles alardeavam que nenhum Lothbrok do sexo masculino jamais morrera na cama. Morriam lutando com a espada na mão. O pai e um tio de Ivarr haviam morrido na Irlanda, ao passo que Ubba, o terceiro irmão Lothbrok, caíra sob minha espada em Cynuit. Agora Ivarr, o último dinamarquês de uma família envolvida pela guerra, marchava contra os escoceses e havia jurado trazer o rei deles a Eoferwic algemado como escravo.

Eu pensava que nenhum saxão com a mente sã se rebelaria contra Ivarr, que tinha reputação de ser tão implacável quanto seu pai, mas a vitória de Alfredo e a afirmação de que ela fora inspirada por São Cuthbert haviam incendiado a loucura em Eoferwic. As chamas foram alimentadas pela pregação do padre Hrothweard. Ele berrou dizendo que Deus, São Cuthbert e um exército de anjos vinham expulsar os dinamarqueses da Nortúmbria, e minha chegada só encorajou essa insanidade.

— Deus o mandou — ficavam dizendo os homens que me cercavam, e gritavam ao povo dizendo que eu era o matador de Svein, e quando chegamos ao palácio havia uma pequena multidão nos seguindo enquanto Hild e eu passávamos pelas ruas estreitas ainda manchadas de sangue dinamarquês.

Eu já estivera no palácio de Eoferwic. Era uma construção romana de belas pedras claras com vastas colunas sustentando um teto de telhas que agora era remendado com palha enegrecida. O piso era de ladrilhos que já haviam formado imagens dos deuses romanos, mas tinham sido arrancados e os que sobravam estavam em sua maioria cobertos de junco manchado pelo sangue do dia anterior. O enorme salão fedia como um pátio de matadouro e estava cheio de fumaça das tochas acesas que iluminavam o espaço enorme.

Por acaso o novo rei Egbert era o sobrinho do velho rei Egbert, tinha o rosto astuto e a boca petulante do tio. Parecia apavorado quando chegou ao tablado na extremidade do salão, o que não era de espantar, porque o louco Brothweard havia provocado um redemoinho e Egbert devia saber que os dinamarqueses de Ivarr chegariam para a vingança. No entanto, os seguidores de Egbert foram apanhados na empolgação, certos de que a vitória de Alfredo previa uma derrota final dos homens do norte, e minha chegada foi vista como outro sinal do céu. Fui empurrado à frente e a notícia de

minha vinda foi gritada ao rei, que pareceu confuso, e ficou ainda mais confuso quando outra voz, esta familiar, gritou meu nome:

— Uhtred! Uhtred!

Procurei quem havia falado e vi que era o padre Willibald.

— Uhtred! - gritou ele de novo, e pareceu deliciado ao me ver. Egbert franziu a testa para mim, depois olhou para Willibald. — Uhtred! — disse o padre, ignorando o rei, e veio me abraçar.

O padre Willibald era um bom amigo e um bom homem. Era um saxão do oeste que já fora capelão da frota de Alfredo, e o destino decretara que fosse o homem enviado ao norte para levar as boas-novas de Ethandun aos saxões da Nortúmbria.

O clamor no salão diminuiu. Egbert tentou assumir o comando.

— Seu nome é — disse ele, e então decidiu que não sabia qual era meu nome.

— Steapa! — gritou um dos homens que nos haviam escoltado à cidade.

— Uhtred! — anunciou Willibald, os olhos luminosos de empolgação.

— Sou Uhtred de Bebbanburg — confessei, incapaz de prolongar a mentira.

— O homem que matou Ubba Lothbrokson! — anunciou Willibald, e tentou levantar minha mão direita para mostrar que eu era um campeão. — E o homem que derrubou Svein do Cavalo Branco em Ethandun!

Em dois dias, pensei, Kjartan.- o Cruel, saberia que eu estava na Nortúmbria, e em três dias meu tio Ifric saberia de minha chegada, e se eu possuísse um fiapo de bom senso, teria saído à força daquele salão, levado Hild e partido para o sul tão rápido quanto o arcebispo Wulfhere desaparecera de Eoferwic.

— Você esteve em Ethandun? — perguntou Egbert.

— Estive, senhor.

— O que aconteceu?

Eles já haviam escutado a história da batalha contada por Willibald, mas a versão dele era a de um padre, cheia de orações e milagres. Dei-lhes o que eles queriam: a história de um guerreiro, cheia de dinamarqueses mortos e morte pela espada, e o tempo todo um padre de olhos ferozes com cabelos eriçados e barba revolta me interrompia com gritos de aleluia. Supus que fosse o padre Hrothweard, que havia instigado Eoferwic à matança. Era jovem, pouco mais velho do que eu, mas tinha voz poderosa e uma autoridade natural que recebia força extra de sua paixão. Cada aleluia era acompanhado por uma arriva de cuspe e nem parecia havia de cuspe os dinamarqueses, e o todo se derramando pela grande encosta do cume de Ethandun, Hrothweard saltou adiante e arengou para a multidão:

— Este é Uhtred! — gritou, cutucando minhas costelas sobrietas pela cota de malha. — Uhtred da Nortúmbria, Uhtred de Bebbanburg, matador de dinamarqueses, guerreiro de Deus, Espírito de Deus. E eu sou eu, assim como o abençoado São Cuthbert abençoou Alfredo em seu tempo de adversidade! Estes são sinais do Todo-poderoso!

A multidão aplaudiu, o rei pareceu apavorado e Hrothweard, sempre pronto a se lançar num sermão feroz, começou a espumar pela boca enquanto descrevia a matança em breve de cada dinamarquês da Nortúmbria.

Consegui me afastar de Hrothweard, indo para a parte de trás do tablado, onde segurei Willibald pelo cangote magro e o obriguei a ir por uma passagem que levava aos aposentos particulares do rei.

- Você é um idiota — rosnei. — É um *earsling*. Um idiota e gosmento, é

isso que você é. Eu deveria cortar suas tripas inúteis aqui e agora e dar de comer aos porcos.

Willibald abriu a boca, fechou-a e pareceu desamparado.

— Os dinamarqueses vão voltar — garanti —, e haverá um massacre. Sua boca se abriu e se fechou de novo, e mesmo assim não houve nenhum som.

— De modo que o que você vai fazer — disse eu — é atravessar o Ouse e ir para o sul o mais rápido que suas pernas permitirem.

— Mas é tudo verdade — implorou ele.

— O que é verdade?

— Que São Cuthbert nos deu a vitória!

— Claro que não é verdade! — rosnei. — Alfredo inventou. Acha que Cuthbert foi visitá-lo em Ethelingaeg? Então por que ele não nos contou o sonho quando aconteceu? Por que esperou até depois da batalha para contar? —

Parei e Willibald fez um som estrangulado. — Ele esperou — respondi eu mesmo — porque isso não aconteceu.

— Mas...

— Ele inventou! — rosnei. — Porque quer que os homens da Nortúmbria busquem a liderança de Wessex contra os dinamarqueses. Quer ser rei da Nortúmbria, você não entende? E não só da Nortúmbria. Não tenho dúvida de que ele mandou idiotas como você dizer aos mércios que um dos santos desgraçados deles lhe apareceu em sonho.

— Mas ele fez isso — interrompeu Willibald, e quando fiquei perplexo, explicou: — Você está certo! São Kenelm falou com Alfredo em Ethelingaeg.

Apareceu a ele num sonho e disse que Alfredo iria vencer.

— Não apareceu, não — respondi com o máximo de paciência que pude.

— Mas é verdade! — insistiu ele. — O próprio Alfredo me disse! É obra de Deus, Uhtred, e uma obra maravilhosa de se testemunhar.

Segurei-o pelos ombros, apertando-o contra a parede do corredor.

— Você tem uma escolha, padre. Pode sair de Eoferwic antes da volta dos dinamarqueses ou pode inclinar a cabeça de lado.

— Posso fazer o quê? — perguntou ele perplexo.

- Inclinar a cabeça, e eu vou bater num dos ouvidos para que toda essa bobagem caia pelo outro.

Ele não quis ser persuadido. A glória de Deus, incendiada pelo derramamento de sangue em Ethandun e instigada pela mentira sobre São Cuthbert, luzia na Nortúmbria, e o pobre Willibald estava convencido de que era testemunha do início de grandes acontecimentos.

Naquela noite houve um festim, um negócio lamentável composto de arenque salgado, queijo, pão duro e cerveja rançosa, e o padre Hrothweard fez outro discurso apaixonado afirmando que Alfredo de Wessex havia me mandado, seu maior guerreiro, para liderar as defesas da cidade, e que o *fyrð* do céu viria proteger Eoferwic. Willibald ficava gritando aleluia, acreditando em toda aquela baboseira, e só no dia seguinte, quando uma chuva cinzenta e uma névoa carrancuda envolveram a cidade, começou a duvidar da iminente chegada dos anjos guerreiros.

Pessoas abandonavam Eoferwic. Havia boatos de bandos de guerreiros dinamarqueses se reunindo ao norte. Hrothweard ainda berrava seus absurdos e liderou uma procissão de padres e monges pelas ruas da cidade, carregando relíquias e estandartes, mas qualquer pessoa com bom senso tinha consciência de que Ivarr retornaria muito antes que São Cuthbert aparecesse com uma hoste celestial. O rei Egbert mandou um mensageiro me procurar, e o sujeito disse que o rei queria falar comigo, mas eu sabia que Egbert estava condenado, por isso ignorei sua convocação. Egbert teria de se virar sozinho.

Assim como eu tinha de me virar sozinho, e o que desejava era ir para longe da cidade antes que a fúria de Ivarr baixasse sobre ela. Na taverna Espadas Cruzadas, perto do portão norte da cidade, encontrei minha fuga. Era um dinamarquês chamado Bolti, que havia sobrevivido ao massacre porque era casado com uma saxã e a família de sua mulher o havia abrigado. Ele me viu na taverna e perguntou se eu era Uhtred de Bebbanburg.

— Sou.

Bolti sentou-se diante de mim, baixou a cabeça respeitosamente para Hild e estalou os dedos para uma garota trazer cerveja. Era um homem burdo, com uma cara com os olhos de um cão, e um nariz que parecia um dos olhos de um cão. Seus dois filhos, ambos meio saxões, espreitavam atrás dele. Achei que um teria cerca de vinte anos e o outro seria cinco anos mais novo, e ambos usavam espadas, ainda que nenhum parecesse confortável com as armas.

— Conheci Ragnar, o Velho — disse Bolti.

— Eu também, e não me lembro de você.

— Na última vez em que ele navegou no *Víbora do Vento* eu lhe vendi cordas e suportes de remos.

— Você o enganou no preço? — perguntei sarcástico.

— Eu gostava dele — disse Bolti com ferocidade.

— E eu o amava porque ele se tornou meu pai.

— Sei disso, e me lembro de você. — Bolti ficou quieto e olhou para Hild.

— Você era muito novo — voltou a me olhar — e estava com uma garotinha morena.

— Então realmente se lembra de mim — respondi, e fiquei quieto enquanto a cerveja era trazida. Notei que Bolti, apesar de dinamarquês, usava uma cruz no pescoço, e ele me viu olhando-a.

— Em Eoferwic é preciso viver — disse ele tocando a cruz. Ele puxou a capa de lado e vi que o amuleto do martelo de Tor fora escondido embaixo. —

Eles mataram principalmente os pagãos — explicou.

Tirei meu amuleto do martelo de sob o gibão.

— Há muitos dinamarqueses cristãos atualmente? — perguntei.

— Alguns — respondeu ele de má vontade. — Quer comida para acompanhar a cerveja?

— Quero saber por que está falando comigo.

Ele queria sair da cidade. Queria levar sua esposa saxã, dois filhos e duas filhas para longe do massacre vingativo que suspeitava estar chegando, e queria espadas para escoltá-lo. E ficou me espiando com olhos patéticos e desesperados, sem saber que o que desejava era exatamente o que eu queria.

— E para onde você vai? — perguntei.

— Não para oeste — respondeu com um tremor. — Há matanças em Cumbraland.

— Sempre há matanças em Cumbraland.

Cumbraland era a parte da Nortúmbria localizada do outro lado dos morros e perto do mar da Irlanda, e era atacada pelos escoceses de Strath Clota, por nórdicos da Irlanda e britânicos do norte de Gales. Alguns dinamarqueses haviam se estabelecido em Cumbraland, mas não o suficiente para impedir que os ataques selvagens devastassem a região.

— Eu iria para a Dinamarca — disse Bolti —, mas não há navios de guerra. — Os únicos navios deixados em Eoferwic eram

mercantes saxões, e se algum deles ousasse velejar, seria destruído pelos barcos dinamarqueses que sem dúvida estariam se reunindo no Humber.

— E então? — perguntei.

— Então quero ir para o norte e encontrar Ivarr. Posso pagar a você.

— E você acha que posso escoltá-lo através das terras de Kjartan?

— Acho que estarei melhor ao lado do filho de Ragnar do que sozinho — admitiu ele —, e se homens souberem que você viaja comigo, irão se juntar a nós.

Deixei, portanto, que ele me pagasse, e meu preço foi 16 xelins, duas éguas e um garanhão preto, e o preço deste último fez Bolti empalidecer. Um homem estivera puxando o garanhão pelas ruas, oferecendo-o à venda. Bolti comprou o animal porque seu medo de ficar preso em Eoferwic valia quarenta xelins. O

cavalo preto era treinado para batalha, o que significava que não se assustava com ruídos altos e se movia obediamente sob a pressão de um joelho, o que deixava o homem livre para segurar escudo e espada e ainda manobrar. O

ganhão fora saqueado de um dos dinamarqueses mortos nos últimos dias e ninguém sabia seu nome. Chamei-o de Witnere, que significa Atormentador, e era um nome adequado, porque ele não gostou das duas éguas e vivia mordendo-as.

As éguas eram para Willibald e Hild. Falei ao padre Willibald que deveria ir para o sul, mas agora ele estava apavorado e insistiu em ficar comigo. Assim, um dia depois de eu ter conhecido Bolti, todos cavalgamos para o norte pela estrada romana. Uma dúzia de homens nos acompanhou. Entre eles estavam três dinamarqueses e dois nórdicos que haviam conseguido se esconder do massacre de Hrothweard, e o restante era de saxões que queriam escapar da vingança de Ivarr. Todos tinham armas e Bolti me deu dinheiro para pagar a eles. Não recebiam muito, só o bastante para comprar comida e cerveja, mas sua presença iria dissuadir qualquer fora-da-lei na longa estrada.

Fiquei tentado a ir até Synningthwait, onde Ragnar e seus seguidores possuíam terras, mas sabia que haveria muito poucos homens lá, porque a maioria fora para o sul com Ragnar. Alguns daqueles guerreiros haviam morrido em Ethandun e os demais ainda estavam com Guthrum, cujo exército derrotado permanecera na Mércia. Guthrum e Alfredo haviam feito as pazes, e Guthrum até fora batizado, o que Willibald disse ser um milagre. De modo que haveria poucos guerreiros em Synningthwait. Não era um local para encontrar refúgio contra as ambições assassinas de meu tio nem o ódio de Kjartan. Por isso, sem ter me decidido para o futuro e com medo de não ter o que fazer, mantive a palavra dada a Bolti e o escoltei para o norte através das terras de Kjartan, que ficavam dos dois lados de nosso caminho como uma nuvem escura.

Passar por aquelas terras significava pagar pedágio, e esse pedágio seria alto, e se homens poderosos como Ivarr, cujos guerreiros eram em maior número do que os seguidores de Kjartan, podiam atravessar o rio Wiire sem pagamento.

— Você pode pagar — provoqueei Bolti. Seus dois filhos guiavam cavalos de carga que, eu suspeitava, estavam carregados de moedas enroladas em panos ou peles para não tilintar.

— Não posso se ele pegar minhas filhas — disse Bolti. O mercador tinha filhas gêmeas de 12 ou 13 anos, maduras para o casamento. Eram baixas, gorduchas, de cabelos claros, com nariz empinado, e era difícil identificar quem era quem.

— É isso que Kjartan faz? — perguntei.

— Ele pega o que quer — disse Bolti azedamente —, e gosta de meninas, mas suspeito de que preferiria pegar você.

— E por que suspeita disso? — perguntei em tom inexpressivo.

— Conheço as histórias. O filho dele perdeu um dos olhos por sua causa.

— O filho dele perdeu um dos olhos porque despiu a filha do *earl* Ragnar.

— Mas ele culpa você.

— Culpa mesmo — concordei. Na época todos éramos crianças, mas os sofrimentos da infância podem infeccionar e não duvidava de que Sven, o Caolho, adoraria arrancar meus dois olhos em vingança pelo seu.

Assim, enquanto nos aproximávamos de Dunholm, viramos para as colinas a oeste no intuito de evitar os homens de Kjartan. Era verão, mas um vento frio trazia nuvens baixas e uma chuva fina, de modo que fiquei satisfeito com minha cota de malha forrada de couro. Hild havia lambuzado os aros de metal com lanolina espremida de peles recém-arrancadas, que protegia a maior parte do metal contra a ferrugem. Havia passado a gordura também no meu elmo e nas lâminas das espadas.

Subimos, seguindo a trilha bastante usada, e alguns quilômetros atrás de nós vinha outro grupo, e havia pegadas recentes de cascos na terra úmida, revelando que outros haviam passado por ali não muito tempo antes. Um uso tão intenso do caminho deveria ter feito com que eu pensasse. Kjartan, o Cruel, e Sven, o Caolho, viviam do pagamento dos viajantes, e se um viajante não pagasse era roubado, feito escravo ou morto. Era muito provável que Kjartan e seu filho já soubessem que havia gente tentando evitá-los usando os caminhos dos morros, e eu deveria ter sido mais cauteloso. Bolti não sentia medo porque simplesmente confiava em mim. Contou histórias de como Kjartan e Svein haviam ficado ricos com escravos.

— Eles pegam qualquer um, dinamarquês ou saxão, e vendem do outro lado da água. Se você tiver sorte, algumas vezes conseguem pagar o resgate de um escravo, mas o preço será alto. — Ele olhou para o padre Willibald. — Ele mata todos os padres.

— É?

— Ele odeia todos os padres cristãos. Acha que são feiticeiros, por isso os enterra pela metade e deixa que seus cães os comam.

— O que ele disse? — perguntou Willibald, puxando sua égua de lado antes que Witnere pudesse mordê-la.

— Ele disse que Kjartan irá matá-lo se o capturar, padre.

— Me matar?

— Vai dá-lo de comer aos cães.

— Ah, santo Deus — disse Willibald. Estava infeliz, perdido, longe de casa e nervoso com a estranha paisagem do norte.

Hild, por outro lado, parecia mais feliz. Tinha 19 anos e era cheia de paciência com as durezas da vida. Havia nascido numa rica família saxã do oeste, não nobre, mas com terras suficientes para viver bem, mas fora a última de oito filhos, e seu pai a prometera ao serviço da igreja porque a mãe quase havia morrido quando Hild nasceu e, considerou que a sobrevivência da esposa era benevolência de Deus. Assim, aos 11 anos, Hild, cujo nome correto era irmã Hildegyth, fora mandada às freiras de Cippanhamm e lá viveu, trancada longe do mundo, rezando e fiando, fiando e rezando, até que os dinamarqueses chegaram e ela foi prostituída.

Hild ainda choramingava no sono e eu sabia que ela estava se lembrando das humilhações, mas sentia-se feliz longe de Wessex e das pessoas dizendo constantemente que ela deveria retornar ao serviço de Deus. Willibald a havia censurado por abandonar a vida santa, mas eu o alertei de que mais um comentário assim lhe renderia um umbigo novo e maior, e desde então ele ficou quieto. Agora Hild entretia-se com a nova paisagem com o sentimento de espanto de uma criança. Seu rosto pálido havia assumido um brilho dourado combinando com o cabelo. Era uma mulher inteligente, não a mais inteligente que já conheci, mas cheia de uma sabedoria esperta. Agora já vivi muito e aprendi que algumas mulheres significam encrenca e algumas são companheiras tranquilas, e Hild estava entre as mais tranquilas que já conheci. Talvez porque fôssemos amigos. Éramos amantes também, porém jamais apaixonados, e ela era atacada pela culpa. Guardava isso para si e para suas orações, mas durante o dia começara a rir de novo e a sentir prazer com as coisas simples. No entanto, algumas vezes a escuridão a cercava, ela gemia, eu via seus dedos longos remexerem um crucifixo e sabia que Hild estava sentindo as saudades de seu lar abandonado sempre lá.

Cavalgamos morro acima e eu fora descuidado, e foi Hild que viu primeiro os cavaleiros. Eram 19, a maioria com casacos de couro, mas três com cota de malha. Vinham circulando atrás de nós e eu soube que estávamos sendo arrebanhados. Nossa trilha seguia a lateral de um morro e a direita havia um precipício que dava num riacho borbulhante. Mesmo que pudéssemos escapar para o vale, inevitavelmente seríamos mais lentos do que os homens que agora pegavam a trilha atrás de nós. Não tentaram se aproximar. Podiam ver que estávamos armados e não queriam briga, só queriam garantir que estivéssemos indo para o norte, para qualquer destino que nos aguardava.

— Você não pode lutar com eles? — perguntou Bolti.

— Treze contra 19? — sugeri. — Sim, se os 13 lutarem, mas não vão lutar.

— Indiquei os homens que Bolti estava pagando para nos acompanhar. — São bons o suficiente para espantar bandidos, mas não são idiotas o suficiente para lutar com os homens de Kjartan. Se eu pedir que lutem, provavelmente vão se juntar ao inimigo e compartilhar suas filhas.

— Mas... — começou ele, depois ficou quieto porque finalmente vimos o que nos esperava. Uma feira de escravos estava sendo realizada onde o riacho caía num vale mais fundo, e naquele vale maior havia um povoado de tamanho razoável construído no local em que uma ponte, nada mais do que uma gigantesca laje de pedra, atravessava um riacho mais largo que supus ser o Wiire.

Havia uma multidão no povoado e vi que aquelas pessoas eram vigiadas por mais homens. Os cavaleiros que nos seguiam chegaram um pouco mais perto, mas pararam quando parei. Olhei morro abaixo. O povoado ficava longe demais para eu saber se Kjartan ou Sven estariam ali, mas parecia seguro presumir que os homens no vale tinham vindo de Dunholm e que um dos dois senhores de Dunholm os lideravam. Bolti estava guinchando de alarme, mas eu o ignorei.

Duas outras trilhas levavam ao povoado, vindas do sul, e supus que houvesse cavaleiros guardando todos aqueles caminhos, interceptando viajantes o dia inteiro. Vinham levando suas presas na direção do povoado e quem não podia pagar o pedágio estava sendo feito cativo.

— O que você vai fazer? — perguntou Bolti, à beira do pânico.

— Salvar sua vida — disse, em seguida me virei para uma de suas filhas gémeas e mandei que me entregassem uma echarpe de linho preto que ela usava como cinto. Ela a desenrolou e me entregou com a mão trémula. Enrolei a echarpe na cabeça, cobrindo a boca, o nariz e a testa, depois pedi que Hild a prendesse com um alfinete.

— O que você está fazendo? — guinchou Bolti outra vez.

Não me incomodei em responder. Em vez disso, enfiei o elmo sobre a echarpe. As placas sobre o rosto se ajustaram, de modo que agora meu rosto era uma máscara de metal polido sobre um crânio preto. Só os olhos podiam ser vistos. Puxei

Um pouco Bafo de Serpente para garantir que ela deslizasse fácil na bainha, depois instiguei Witnere alguns passos adiante.

- Agora sou Thorkild, o Leproso — disse a Bolti. A echarpe tomava minha voz densa e indistinta.

— Quem? — perguntou ele, boquiaberto.

— Thorkild, o Leproso. E agora você vai tratar com eles.

— Eu? — perguntou ele debilmente.

Sinalizei para todos seguirem adiante. O bando que havia nos cercado tinha ido para o sul de novo, presumivelmente para encontrar o próximo grupo que tentava fugir do bando de guerreiros de Kjartan.

— Eu o contratei para me proteger — disse Bolti em desespero.

— E vou protegê-lo — respondi. Sua esposa saxã estava uivando como se estivesse no enterro de alguém e rosnei para que ela ficasse em silêncio. Então, a uns duzentos passos do povoado, parei e mandei todo mundo esperar, menos Bolti.

— Agora só você e eu.

— Acho que você deveria cuidar deles sozinho — disse ele, em seguida guinchou.

Guinchou porque dei um tapa na anca de seu cavalo, que saltou adiante. Alcancei-o.

— Lembre-se — disse eu. — Sou Thorkild, o Leproso, e se você revelar quem sou de verdade, vou matá-lo, matar sua esposa, seus filhos e depois vender suas filhas como prostitutas. Quem eu sou?

— Thorkild — gaguejou ele.

— Thorkild, o Leproso — insisti. Agora estávamos no povoado, um lugar miserável de choupanas baixas, feitas de pedra e com teto de turfa, e havia pelo menos trinta ou quarenta pessoas presas no centro. Mas de um dos lados, perto da ponte de laje de pedra, haviam sido postas uma mesa e bancos num trecho de grama. Havia dois homens sentados atrás da mesa com uma jarra de cerveja à

frente, e tudo isso eu vi, mas na verdade só notei uma coisa.

O elmo do meu pai.

Estava sobre a mesa. O elmo tinha uma placa facial fechada que, como a coroa, era incrustada de prata. Gravada no metal, havia uma boca rosnando, e eu tinha visto aquele elmo muitas vezes. Até mesmo havia brincado com ele na infância, mas se meu pai descobrisse me daria um cascudo na cabeça. Meu pai usava aquele elmo no dia em que morreu em Eoferwic, e Ragnar, o Velho, o havia comprado do homem que matou meu pai. E agora ele pertencia a um dos homens que haviam assassinado Ragnar.

Era Sven, o Caolho. Ele se levantou enquanto Bolti e eu nos aproximávamos e senti um selvagem choque de reconhecimento. Eu conhecia Sven desde que ele era criança e agora era um homem, mas reconheci instantaneamente o rosto chato e largo com seu único olho e oz. O outro era um juízo enegado. Ele era alto e de ombros largos, cabelo comprido e barba cheia, um rapaz arrogante com uma rica cota de malha e duas espadas, uma longa e uma curta, penduradas à cintura.

— Mais convidados — anunciou ele, e indicou o banco do outro lado da mesa. — Sentem-se — ordenou — e faremos negócios.

— Sente-se com ele — resmunguei baixinho a Bolti.

Bolti me lançou um olhar de desespero, depois apeou e foi até a mesa. O

segundo homem tinha pele morena, cabelos pretos e era muito mais velho do que Sven. Usava um manto preto, de modo que parecia um monge, só que tinha um martelo de Tor dourado ao pescoço. Também tinha uma bandeja de madeira à frente, e a bandeja era inteligentemente separada em compartimentos para guardar as diferentes moedas que brilhavam prateadas ao sol. Sven, sentando-se de novo ao lado do homem de manto preto, serviu uma caneca de cerveja e a empurrou para Bolti, que olhou de novo para mim, depois sentou-se como fora ordenado.

— E você é? — perguntou Sven.

— Bolti Ericson — disse Bolti. Preciso falar duas vezes, porque da primeira não consegui elevar a voz o suficiente para ser ouvido.

— Bolti Ericson — repetiu Sven —, e eu sou Sven Kjartanson e meu pai é senhor destas terras. Já ouviu falar de Kjartan?

— Sim, senhor.

— Então de onde vem?

— Eoferwic.

— Ah! Outro mercador de Eoferwic, não? É o terceiro hoje! E o que leva nesses cavalos de carga?

— Nada, senhor. Sven se inclinou ligeiramente adiante, depois riu enquanto soltava um peido enorme.

— Desculpe, Bolti, só escutei o trovão. Você disse que não tem nada? Mas estou vendo quatro mulheres, e três são bastante jovens. — Ele sorriu. — São suas mulheres?

— Minha mulher e minhas filhas, senhor.

— Mulheres e filhas, como nós as amamos — disse Sven, depois olhou para mim, e mesmo eu sabendo que tinha o rosto envolto em preto e que meus olhos estavam sombreados pelo elmo, senti a pele se arrepiar sob sua observação.

— Quem é aquele? — perguntou Sven.

Ele devia estar curioso porque eu parecia um rei. Minha cota de malha, o elmo e as armas eram dos melhores, ao passo que os braceletes denotavam um guerreiro de alto status. Bolti me lançou um olhar aterrorizado e não disse nada.

— Eu perguntei — disse Sven, mais alto agora — quem é aquele.

— Seu nome — respondeu Bolti, e sua voz era um guincho trémulo — é

Thorkild, o Leproso.

Sven fez uma careta involuntária e apertou o amuleto do martelo pendurado ao pescoço, e eu não poderia culpá-lo por isso. Todos os homens temem a carne cinza e sem nervos dos leprosos, e a maioria dos leprosos é mandada para os ermos, para viver como possa e morrer como deve.

— O que você está fazendo com um leproso? — perguntou Sven a Bolti.

Bolti não tinha resposta.

— Estou viajando para o norte — falei pela primeira vez, e minha voz ditorcida pareceu estrondear dentro do elmo fechado.

— Por que veio para o norte? — perguntou Sven.

— Porque estou cansado do sul.

Ele ouviu a hostilidade em minha voz engrolada e a descartou como sendo impotente. Devia ter adivinhado que Bolti me contratara como escolta, mas eu não era ameaça, Sven tinha cinco homens a poucos passos de distância, todos armados com espadas ou lanças, e tinha pelo menos mais quarenta dentro do povoado.

Sven bebeu um pouco de cerveja.

— Ouvi dizer que há encrenca em Eoferwic, não é? — perguntou a Bolti.

Bolti assentiu. Pude ver sua mão direita abrindo-se e fechando-se convulsivamente sob a mesa.

— Alguns dinamarqueses foram mortos — disse ele.

Sven balançou a cabeça como achasse essa notícia perturbadora.

— Ivarr não vai ficar feliz.

— Onde está Ivarr? — perguntou Bolti.

— Na última vez em que ouvi dizer ele estava no vale do Tuede, e Aed, da Escócia, dançava ao redor dele. — Sven parecia

estar gostando da costumeira troca de notícias, como se seus roubos e sua pirataria recebessem uma capa de respeitabilidade ao se falar de outros. Então, ele disse que e parou por um momento. — O que você comercia, Bolti?

— Couro, peles, tecido, cerâmica — disse Bolti, então sua voz ficou no ar, como se decidisse que havia falado demais.

— E eu comercio escravos — disse Sven. — Este Gelgill — mostrou o homem do lado — Ele compra escravos de nós, e você tem três moças que acho que podem ser muito lucrativas para ele e para mim. Então, quanto você me pagará por elas? Pague o suficiente e poderá mantê-las. — Ele sorriu como a sugerir que estava sendo totalmente razoável.

Bolti pareceu golpeado por um raio, mas conseguiu tirar uma bolsa de baixo do casaco e colocar um pouco de prata na mesa. Sven olhou as moedas uma a uma e, quando Bolti hesitou, Sven simplesmente sorriu e Bolti continuou contando a prata até haver 38 xelins na mesa.

— É tudo o que tenho, senhor — disse ele com humildade.

— Tudo o que você tem? Duvido, Bolti Ericson — disse Sven. — E se for, vou deixar você ficar com uma orelha de uma de suas filhas. Só uma orelha como lembrança. O que acha, Gelgill?

Era um nome estranho, Gelgill, e suspeitei de que o sujeito tivesse vindo do outro lado do mar, já que os mercados de escravos mais lucrativos ficavam em Dyflin ou na distante Frankia. Ele disse algo, baixo demais para eu captar, e Sven assentiu.

— Tragam as garotas aqui — disse ele a seus homens, e Bolti estremeceu.

Olhou-me de novo como se esperasse que eu impedisse o que Sven estava planejando, mas não fiz nada enquanto os dois guardas caminhavam até nosso grupo, que esperava.

Sven ficou batendo papo sobre as perspectivas de colheita enquanto os guardas ordenavam que Hild e as filhas de Bolti descessem dos cavalos. Os homens que Bolti havia contratado não fizeram nada para impedir. A mulher de Bolti gritou em protesto, depois caiu num choro histérico enquanto suas filhas e Hild eram obrigadas a caminhar até a mesa. Sven as recebeu com educação exagerada, depois Gelgill se levantou e inspecionou as três. Passou as mãos pelo corpo delas como se estivesse comprando cavalos. Vi Hild estremeecer enquanto ele puxava seu vestido para baixo para sondar os seios, mas o estranho estava menos interessado nela do que nas duas meninas.

— Cem xelins cada uma — disse depois de inspecioná-las —, mas aquela

— e olhou para Hild — cinquenta — falou com sotaque estranho.

— Mas aquela é bonita — questionou Sven. — As outras parecem duas leitoas.

— São gêmeas — disse Gelgill. — Posso ganhar muito dinheiro com gêmeas. E a garota alta é velha demais. Deve ter 19 ou 20 anos.

— A virgindade é uma coisa muito valiosa — disse Sven a Bolti. — Não concorda?

Bolti estava tremendo.

— Cem xelins cada. É o que posso pagar por minhas filhas — disse desesperado.

— Ah, não — disse Svein. — Isso é o que Gelgill quer. Eu também tenho de lucrar um pouco. Você pode ficar com as três, Bolti, se me pagar seiscentos xelins.

Era um preço ultrajante, e era para ser mesmo, mas Bolti não se abalou.

— Somente duas são minhas, senhor — gemeu ele. — A terceira é mulher dele. — E apontou para mim.

— Sua? — Sven me olhou. — Você tem uma mulher, leproso? Então aquele pedaço ainda não caiu? — Ele achou isso engraçado e os dois homens que haviam trazido as mulheres riram junto. — E então, leproso — perguntou Sven

—, quanto me paga por sua mulher?

— Nada — respondi.

Ele coçou a bunda. Seus homens estavam rindo. Estavam acostumados ao desafio, e a derrotá-lo, e gostavam de ver Sven tosquiando os viajantes. Sven serviu-se de mais cerveja.

— Você tem uns belos braceletes, leproso — disse ele —, e suspeito de que esse elmo não vai lhe servir de grande coisa quando você estiver morto, portanto em troca de sua mulher vou pegar seus braceletes e seu elmo, e então você pode seguir seu caminho.

Não me mexi, não falei, mas apertei gentilmente as pernas nos flancos de Witnere e senti o enorme cavalo tremer. Era um animal de luta e queria que eu o liberasse, e talvez tenha sido a tensão de Witnere que Sven sentiu. Só conseguia ver meu elmo funesto com os buracos escuros para os olhos, a crista de lobo, e estava começando a se preocupar. Havia aumentado o preço cheio de petulância, mas não poderia recuar se quisesse manter a dignidade. Agora tinha de jogar para ganhar.

— Perdeu a língua de repente? — zombou, depois fez um gesto para os dois homens que haviam trazido as mulheres. — Egil! Atsur! Tirem o elmo do leproso!

Sven deve ter achado que estava em segurança. Tinha pelo menos o equivalente a uma tripulação no povoado e eu estava sozinho, e isso o convenceu de que eu fora derrotado antes mesmo que seus dois homens se aproximassem.

Um deles tinha uma lança, o outro estava desembainhando a espada, mas a espada nem chegou à metade da bainha antes que eu tivesse Bafo de Serpente na mão e Witnere em movimento. Ele estivera desesperado para atacar e saltou com a velocidade de Sleinnir, o famoso cavalo de oito patas de Odin. Peguei primeiro o homem da direita, que ainda estava desembainhando a espada e Bafo de Serpente veio do chão como um relâmpago. Gelgill atravessou o elmo do sujeito como se fosse feito de pergaminho. Witnere, obediente à pressão de meu joelho, já estava se virando para Sven enquanto o lanceiro vinha em minha direção. Ele deveria ter tentado cravar a lâmina no peito ou no pescoço de Witnere, mas em vez disso tentou enfiá-la nas minhas costas e Witnere se virou para sua direita e mordeu o rosto dele com seus dentes grandes. O

sujeito cambaleou para trás, evitando por pouco a mordida, e perdeu o pé esparramando-se no capim, enquanto eu mantinha Witnere virando à esquerda.

Meu pé direito já estava livre do estribo e então me joguei da sela e pulei com força sobre Sven. Ele estava meio embolado no banco enquanto tentava se levantar, e eu o derrubei, arrancando o ar de sua barriga. Em seguida me desvencilhei dele, levantei-me e Bafo de Serpente estava na garganta de Sven.

— Egil! — gritou Sven ao lanceiro que fora afastado por Witnere, mas Egil não ousou me atacar enquanto minha espada estava na goela de seu senhor.

Bolti gemeu. Havia se mijado. Eu podia sentir o cheiro e ouvir os pingos.

Gelgill estava de pé, imóvel, me olhando com o rosto estreito inexpressivo. Hild sorria. Meia dúzia dos outros homens de Sven estava me encarando, mas nenhum ousava se mexer porque a ponta de Bafo de Serpente, com a lâmina manchada de sangue, se encontrava na garganta de Sven. Witnere estava ao meu lado, com os dentes à mostra, um casco dianteiro pateando o chão e batendo muito perto da cabeça de Sven. Este me espiava com seu olho único cheio de ódio e medo, e de repente me afastei dele.

— De joelhos — ordenei.

— Egil! — implorou Sven de novo.

Egil, de barba preta e com narinas abertas porque a **frente do** nariz fora cortada em alguma luta, ergueu a lança.

— Se você atacar, ele morre — avisei a Egil, tocando Sven com a ponta de Bafo de Serpente. Egil, sensatamente, recuou, e eu passei Bafo de Serpente no rosto de Sven, tirando sangue. — De joelhos — ordenei de novo, e quando ele estava ajoelhado, me abaixei e tirei suas duas espadas das bainhas e as coloquei ao lado do elmo do meu pai sobre a mesa.

— Quer matar o traficante de escravos? — gritei para Hild, indicando as espadas.

— Não.

— Iseult o teria matado — disse eu. Iseult havia sido minha amante e amiga de Hild.

— Não matarás — disse Hild. Era um mandamento cristão e quase tão inútil, eu achava, quanto ordenar que o sol andasse para trás.

— Bolti — falei em dinamarquês agora —, mate o traficante de escravos.

— Eu não queria Gelgill às minhas costas.

Bolti não se mexeu. Estava apavorado demais para me obedecer, mas, para minha surpresa, suas duas filhas vieram e pegaram as espadas de Sven. Gelgill tentou correr, mas a mesa estava no caminho e uma das garotas deu um giro rápido que cortou seu crânio e ele caiu de lado. Em seguida elas o destroçaram.

Não olhei, porque estava vigiando Sven, mas ouvi os gritos do traficante e o som de Hild ofegando de surpresa, e pude ver a perplexidade no rosto dos homens diante de mim. As gêmeas grunhiam enquanto cortavam. Gelgill demorou muito para morrer e nenhum dos homens de Sven tentou salvá-lo nem resgatar seu senhor. Todos tinham armas desembainhadas e se ao menos um deles possuísse qualquer bom senso teria percebido que eu não ousaria matar Sven, porque sua vida era minha vida. Se eu tirasse sua alma, eles teriam me inundado de lâminas, mas sentiam medo do que Kjartan faria com eles se seu filho morresse, e não fizeram nada. E eu pressionei com mais força a espada contra a garganta de Sven, de modo que ele deu um ganido de medo meio estrangulado.

Atrás de mim Gelgill foi finalmente esfaqueado até a morte. Arrisquei um olhar e vi que as gêmeas de Bolti estavam encharcadas de sangue e rindo.

— São filhas de Hei — disse aos homens que olhavam, e senti orgulho dessa invenção súbita, porque Hei é a deusa-cadáver, repugnante e terrível, que reina sobre os mortos que não morrem em batalha. — E eu sou Thorkild

— continuei — e enchi o castelo de Odin com homens mortos. — Sven estava tremendo abaixo de mim. Seus homens pareciam prender o fôlego. De repente minha história ganhou asas e tornei a voz o mais profunda que pude. —

Sou Thorkild, o Leproso — anunciei em voz alta —, e morri há muito tempo, mas Odin me mandou do castelo dos cadáveres para levar a alma de Kjartan e de seu filho.

Eles acreditaram. Vi homens tocando os amuletos. Um lanceiro chegou a cair de joelhos. Senti vontade de matar Sven ali mesmo, e talvez devesse ter feito isso, mas seria preciso apenas um homem para romper a teia de absurdo mágico que eu havia tecido para eles. O que eu precisava no momento não era da alma de Sven, e sim de nossa segurança, assim trocaria uma coisa pela outra.

— Deixarei este verme viver — anunciei — para levar ao seu pai a notícia de minha chegada, mas vocês irão primeiro.

Todos vocês! Voltem para o outro lado do povoado e eu o libertarei. Vocês deixarão seus cativos aqui. — Eles apenas me olharam e eu torci a lâmina, fazendo Sven ganir outra vez. — Vão! — gritei.

Eles foram. Foram depressa, cheios de pavor. Bolti estava olhando com espanto suas filhas adoradas. Eu disse às meninas que elas haviam agido bem e que deviam pegar um objeto mágico por onde elas quiserem e seguir para perto da mãe, ambas levando prata e espadas sangrentas.

— São boas meninas — disse eu a Bolti e ele não falou nada, mas foi correndo atrás delas.

— Eu não poderia matá-lo — disse Hild. Ela parecia ter vergonha do próprio escrupulo.

— Não faz mal. — Mantive a espada na garganta de Sven até ter certeza de que seus homens haviam recuado uma boa distância a leste. As pessoas que haviam sido cativas, na maioria garotos e garotas, permaneceram no povoado, mas nenhuma ousou se aproximar de mim.

Fiquei tentado a contar a verdade a Sven, deixar que ele soubesse que fora humilhado por um velho inimigo, mas a história de Thorkild, o Leproso, era boa demais para ser desperdiçada. Também me senti tentado a perguntar por Thyra, a irmã de Ragnar, mas temi que se ela vivesse e eu demonstrasse qualquer interesse ela não viveria muito mais tempo, por isso não falei nada a seu respeito. Em vez disso, segurei o cabelo de Sven e puxei sua cabeça para trás de modo que ele me olhasse.

— Vim até essa terra do meio para matar você e seu pai. Vou encontrá-lo de novo, Sven Kjartanson, e da próxima vez vou matá-lo. Sou Thorkild, caminho à noite e não posso ser morto porque já sou um cadáver. Portanto, leve meus cumprimentos a seu pai e diga que o guerreiro morto foi mandado para pegá-lo e que nós três navegaremos no *Skidbladnir* de volta a Niflheim. — Niflheim era o poço pavoroso dos mortos sem honra, e *Skidbladnir* era o navio dos deuses que podia ser dobrado e escondido numa bolsa. Então soltei Sven e o chutei com força nas costas, de modo que ele se esparramou de cara no chão. Ele poderia ter se arrastado para longe, mas não ousou se mexer. Agora era um cão espancado, e ainda que eu quisesse matá-lo achei que seria melhor deixar que ele levasse minha história fantasmagórica ao pai. Sem dúvida Kjartan saberia que Uhtred de Bebbanburg fora visto em Eoferwic, mas também ouviria falar do guerreiro cadáver que viera buscá-lo, e eu queria que seus sonhos se entretecessem de terror.

Sven continuou sem se mexer enquanto eu me curvava sobre seu cinto e puxava uma bolsa pesada. Então arranquei seus sete braceletes de prata. Hild havia cortado parte do manto de Gelgill e estava usando-o para fazer uma bolsa para as moedas da bandeja do traficante de escravos. Dei-lhe o elmo do meu pai para carregar, depois montei de novo na sela de Witnere. Dei um tapinha no pescoço dele e o animal sacudiu a cabeça de modo extravagante, como se entendesse que naquele dia havia sido um grande ganhão lutador.

Eu já ia sair quando aquele dia esquisito ficou mais estranho ainda. Alguns cativos, como se percebessem que estavam realmente libertos, haviam partido em direção à ponte, enquanto outros sentiam-se tão confusos, perdidos ou desesperados que haviam seguido os homens armados para o leste. De repente houve um canto parecido com o dos monges e, de uma das casas baixas com teto de turfa onde haviam sido prisionados, saiu uma fila de monges e padres.

Eram sete e foram os homens mais sortudos daquele dia, porque eu descobrira que Kjartan, o Cruel, de fato sentia ódio dos cristãos e matava todo padre ou monge que capturava. Agora aqueles sete lhe escaparam, e com eles havia um rapaz com algemas de escravos. Era alto, forte, de muito boa aparência, vestido com trapos e mais ou menos da minha idade. Seu cabelo comprido e cheio de cachos era tão dourado que parecia quase branco, e ele tinha cílios claros, olhos muito azuis e uma pele escurecida pelo sol e sem qualquer marca de doença. Seu rosto parecia esculpido em pedra, de tão pronunciados que eram os maldados, o nariz e o maxilar, no entanto a dureza do rosto era suavizada por uma expressão alegre que sugeria que ele considerava a vida uma surpresa constante e uma diversão contínua. Quando viu Sven encolhido sob meu cavalo, deixou os padres que cantavam e correu em nossa direção, apenas se curvando para pegar a espada do homem que eu havia matado. O rapaz segurou a espada desajeitadamente, porque suas mãos estavam unidas por elos de corrente, mas levou-a até Sven e segurou-a sobre o pescoço dele.

— Não — disse eu.

— Não? — O rapaz sorriu para mim e eu gostei instintivamente dele. Seu rosto era aberto e sincero.

— Eu lhe prometi a vida — expliquei. O rapaz pensou nisso por um instante.

— Você prometeu, mas eu não. — Falava em dinamarquês.

— Mas se você tirar a vida dele, terei de tirar a sua. Ele pensou nessa barganha com diversão nos olhos.

— Por quê? — perguntou. Não alarmado, mas como se quisesse genuinamente saber.

— Porque essa é a lei.

— Mas Sven Kjartanson não conhece nenhuma lei.

— É a minha lei, e eu quero que ele leve uma mensagem ao pai.

— Que mensagem?

— Que o guerreiro morto veio pegá-lo.

O rapaz inclinou a cabeça, pensativo, enquanto avaliava a mensagem e evidentemente aprovou-a, porque enfiou a espada sob um dos braços e desamarrou desajeitadamente a corda que prendia sua calça.

— Pode levar uma mensagem minha também — disse ele a Sven. — É

essa. — E mijou sobre ele. — Eu te batizo em nome de Tor, de Odin e de Loki.

Os sete religiosos, três monges e quatro padres, olharam solenemente aquele batismo, mas nenhum protestou contra a blasfêmia implícita nem tentou impedi-la. O rapaz mijou por longo tempo, apontando o jato de modo a encharcar totalmente o cabelo de Sven, e quando finalmente acabou, amarrando de novo os elos da corrente, ofereceu outro de seus sorrisos ofuscantes.

— Você é o guerreiro morto?

— Sou.

— Pare de gemer — disse o rapaz a Sven, depois sorriu de novo para mim. — Então, talvez possa me fazer a honra de me servir.

— Servi-lo? — perguntei. Foi a minha vez de achar engraçado.

— Sou Guthred — disse, como se isso explicasse tudo.

— De Guthrum já ouvi falar — respondi. — Conheço um Guthwere e conheci dois homens chamados Guthlac, mas não sei de nenhum Guthred.

— Sou Guthred, filho de Hardicnut — disse ele.

O nome ainda não significava nada para mim.

— E por que eu deveria servir Guthred, filho de Hardicnut?

— Porque até você chegar eu era escravo, mas, bem, como você veio, agora sou rei! — Ele falava com tanto entusiasmo que tinha dificuldade para fazer com que as palavras saíssem como queria.

Sorri por trás da echarpe de linho.

— Você é um rei. Mas de quê?

— Da Nortúmbria, claro — disse ele, animado.

— Ele é, senhor, é mesmo — disse sério um dos padres.

E assim o guerreiro morto conheceu o rei escravo, e Sven, o Caolho, se arrastou até seu pai, e a estranheza daquela Nortúmbria infeccionada ficou mais estranha ainda.

Dois

o mar, algumas vezes, se você leva um navio muito longe da terra, se o vento aumenta, a maré puxa com força venenosa e as ondas saltam acima dos prendedores de escudos, você não tem opção além de ir aonde os deuses quiserem. A vela deve ser enrolada antes de se rasgar e os remos compridos se movem sem qualquer efeito, assim você bate as pás com força, tira água do navio, reza, olha o céu escuro, escuta o vento uivar, sofre os espinhos da chuva e espera que a maré, as ondas e o vento não o atirem nas pedras.

Era assim que eu me sentia na Nortúmbria. Havia escapado da loucura de Hrothweard em Eoferwic só para humilhar Sven, que agora não queria nada mais do que me matar, se de fato acreditasse que eu poderia ser morto. Isso significava que eu não ousava ficar naquela parte sofrível da Nortúmbria porque meus inimigos na região eram numerosos demais,

nem poderia ir mais para o norte porque eu deixaria no território de Bebbanburg, minhas próprias terras, onde as orações diárias de meu tio eram para que eu morresse deixando-o como dono legítimo do que havia roubado, e eu não queria facilitar a realização dessas preces. Assim, os ventos do ódio de Kjartan e da vingança de Sven e a maré da inimizade do meu tio me impulsionaram para o oeste, para as vastidões de Cumbreland.

Seguimos a muralha romana que atravessa as colinas. Essa muralha é algo extraordinário que cruza toda a terra de um mar ao outro. É feita de pedra e sobe e desce com os morros e os vales, jamais parando, sempre implacável e brutal. Encontramos um pastor que não tinha ouvido falar dos romanos e ele disse que gigantes haviam construído a muralha nos tempos antigos, afirmou que quando o mundo terminasse os homens selvagens do norte distante fluiriam por cima daquela fortificação como uma enchente trazendo morte e horror. Naquela tarde pensei em sua profecia enquanto olhava uma loba correr pelo topo da muralha, a língua pendendo, e ela nos lançou um olhar, saltou para baixo por trás de nossos cavalos e correu para o sul. Hoje em dia, partes da muralha desmoronaram, flores brotam entre as pedras e o capim é alto ao longo do topo largo da fortificação, mas ainda é algo impressionante. Construímos algumas igrejas e mosteiros de pedra, e vi um punhado de castelos de pedra, mas não consigo imaginar nenhum homem fazendo uma muralha daquelas hoje em dia. E não era apenas uma muralha. Ao lado havia um fosso largo, e atrás dele uma estrada de pedra. A cada quilômetro e meio, aproximadamente, havia uma torre de vigia, e duas vezes por dia passávamos por fortalezas de pedra nas quais os soldados romanos haviam vivido. Os tetos de seus alojamentos se foram há muito e as construções são lares de raposas e corvos, mas num desses fortes descobrimos um homem nu com o cabelo crescido até a cintura. Era velhíssimo, dizia ter setenta anos, e sua barba cinza era tão comprida quanto o cabelo branco emaranhado. Era uma criatura imunda, nada além de pele, sujeira e ossos, mas Willibald e os sete homens de igreja que eu havia libertado de Sven se ajoelharam diante dele porque era um eremita famoso.

— Ele já foi bispo — disse-me Willibald em voz de espanto depois de ter recebido a bênção daquele farrapo humano. — Já teve riqueza, mulher, servos e honra, e entregou tudo para adorar Deus em solidão. É um homem muito santo.

— Talvez seja apenas um louco desgraçado — sugeri —, ou então a mulher era uma vaca maligna que o expulsou de casa.

— Ele é filho de Deus — disse Willibald reprovando —, e com o tempo será chamado de santo.

Hild havia apeado e me olhou como se pedisse permissão para se aproximar do eremita. Obviamente queria a bênção do eremita, por isso apelou a mim, mas não era da minha conta o que ela fizesse, de modo que apenas dei de ombros e ela se ajoelhou diante da criatura imunda. Ele espiou-a maliciosamente, coçou a virilha e em seguida fez o sinal-da-cruz nos dois peitos dela, empunhando o martelete com força para se atirar aos anéis, e a empunhou de novo e a encoçou-a.

Fiquei tentado a chutar o velho desgraçado para o martírio imediato. Mas Hild estava chorando de emoção enquanto ele palmeava seu cabelo, depois o sujeito habou algum tipo de oração e ela pareceu agradecida. Ele me lançou um mau-olhado e estendeu a mão suja como se esperasse que eu me dessemelhara, mas em vez disso mostrei o martelo de Tor e ele sibilou uma praga contra mim através dos dois dentes amarelos. Então o abandonamos com a charneca, o céu e suas orações.

Eu havia deixado Bolti. Ele estava bastante seguro a norte da muralha, porque havia entrado no território de Bebbanburg onde os cavaleiros de Elfric e os cavaleiros dos dinamarqueses que viviam nas minhas terras estariam patrulhando as estradas. Seguimos a muralha para o oeste e agora eu guiava o padre Willibald, Hild, o rei Guthred e os sete religiosos libertos. Eu havia conseguido quebrar a corrente das algemas de Guthred, de modo que o rei escravo, que agora montava a égua de Willibald, usava duas pulseiras de ferro das quais pendiam pequenos pedaços de corrente enferrujada. Ele conversava comigo incessantemente.

— O que faremos — disse ele no segundo dia de viagem — é montar um exército em Cumbreland. Em seguida vamos atravessar os morros e capturar Eoferwic.

— E depois? — perguntei secamente.

— Vamos para o norte! — respondeu ele entusiasmado. — Para o norte!

Teremos de tomar Dunholm e depois vamos capturar Bebbanburg. Você quer que eu faça isso, não quer?

Eu tinha dito meu nome a Guthred e que eu era o senhor de direito de Bebbanburg, e agora lhe disse que Bebbanburg jamais fora capturada.

— É um lugar difícil, hein? — respondeu Guthred. — Como Dunholm?

Bem, veremos o que fazer com Bebbanburg. Mas claro que primeiro teremos de acabar com Ivarr. — Ele falava como se destruir o dinamarquês mais poderoso da Nortúmbria não fosse importante. — Portanto, vamos cuidar de Ivarr — disse ele, e se empolgou de súbito. — Ou será que Ivarr me aceitaria como rei?

Ele tem um filho e eu tenho uma irmã que já deve estar com idade de se casar.

Será que eles poderiam fazer uma aliança?

— A não ser que sua irmã já esteja casada — interrompi.

— Não imagino quem iria querer. Ela tem cara de cavalo.

— Com cara de cavalo ou não, sua irmã é filha de Hardicnut. Deve haver alguma vantagem para quem se casar com ela.

— Deve ter havido, antes de meu pai morrer — disse Guthred em dúvida. — Mas agora?

— Agora você é rei — lembrei-lhe. Não acreditava de fato que ele fosse rei, claro, mas ele acreditava, por isso fui

condescendente.

— É verdade! Alguém vai querer Gisela, não é? Apesar da cara!

— Ela se parece mesmo com um cavalo?

— Tem cara comprida — disse ele, e fez uma careta —, mas não é

completamente feia. E já está na hora de se casar. Deve ter uns 15 ou 16 anos!

Acho que talvez devêssemos casá-la com o filho de Ivarr. Isso formará uma aliança com Ivarr e ele vai nos ajudar a cuidar de Kjartan, e depois teremos de garantir que os escoceses não causem problema. E, claro, teremos de impedir que aqueles bandidos em Strath Clota incomodem.

— Claro que sim — respondi.

— Eles mataram meu pai, sabe? E me tornaram escravo! — Ele riu.

Hardicnut, o pai de Guthred, fora um *earl* dinamarquês que fizera seu lar em Cair Ligualid, a principal cidade de Cumbraland. Hardicnut havia se declarado rei da Nortúmbria, o que era pretensioso, mas coisas estranhas acontecem a oeste das colinas e lá um homem pode se declarar rei da lua se quiser, porque ninguém fora de Cumbraland vai ficar sabendo. Hardicnut não havia representado ameaça para os maiores senhores ao redor de Eoferwic, na verdade não representava ameaça para ninguém, porque Cumbraland era um lugar triste e selvagem, sempre atacado pelos nórdicos da Irlanda ou pelos horrores selvagens de Strath Clota cujo rei, Eochaid, se dizia rei da Escócia, título disputado por Aed, que agora estava lutando contra Ivarr.

Não existe fim para a insolência dos escoceses, dizia meu pai. Ele tinha motivos para dizer isso, porque os escoceses reivindicavam a maior parte das terras de Bebbanburg, e até a chegada dos dinamarqueses nossa família vivia lutando contra as tribos do norte. Quando criança me ensinaram que havia muitas tribos na Escócia, porém as duas mais próximas da Nortúmbria eram os escoceses propriamente ditos, de quem Aed era agora rei, e os selvagens de Strath Clota, que viviam no litoral oeste e jamais chegavam perto de Bebbanburg. Em vez disso, atacavam Cumbraland, e Hardicnut havia decidido puni-la. Por essa razão liderou um pequeno exército para o norte, entrando em suas colinas, onde Eochaid de Strath Clota o emboscou e depois o destruiu.

Guthred havia marchado com o pai, fora capturado e, já havia dois anos, fora feito escravo.

— Por que não o mataram? — perguntei.

— Eochaid deveria ter me matado — admitiu ele, alegre —, mas a princípio não sabia quem eu era, e quando descobriu não estava realmente com vontade de matar. Por isso me chutou a jul nas pernas e depois disse que eu seria seu escravo. Gostava de me ver esvaziar seu balde de merda. Eu era um escravo doméstico, sabe? Era outro insulto.

— Ser escravo doméstico?

— Trabalho de mulher — explicou Guthred —, mas isso significa que eu passava o tempo com as garotas. Gostei bastante.

— E como escapou de Eochaid?

— Não escapei. Gelgill me comprou. Pagou muito por mim! — Ele disse isso com orgulho.

— E Gelgill ia vendê-lo a Kjartan?

— Ah, não! Ia me vender aos padres de Cair Ligualid! — Guthred assentiu para os sete religiosos que também haviam sido resgatados. — Eles haviam concordado com o preço antes, veja bem, mas Gelgill queria mais dinheiro. Então todos encontraram Sven, e, claro, Sven não quis que a venda fosse realizada. Queria que eu ficasse em Dunholm e Gelgill faria qualquer coisa por Sven e seu pai, de modo que todos estávamos condenados até você chegar.

Parte disso fazia sentido e, conversando com os sete religiosos e interrogando Guthred mais ainda, consegui montar o restante da história. Gelgill, conhecido dos dois lados da fronteira como traficante de escravos, havia comprado Guthred de Eochaid pagando um preço enorme, não porque Guthred valesse, mas porque os padres haviam contratado Gelgill para fazer a compra.

— Duzentas peças de prata, oito bezerros, dois sacos de malte e um chifre engastado em prata. Esse foi o meu preço — disse Guthred animado.

— Gelgill pagou tudo isso? — Eu estava atônito.

— Ele, não. Os padres. Gelgill só negociou a venda.

— Os padres pagaram por você?

— Devem ter esvaziado a prata de Cumbraland — **disse Guthred com orgulho.**

— E Eochaid concordou em vender?

— Por esse preço? Claro que sim! Por que não concordaria?

— Ele matou seu pai. Seu dever é matá-lo. Ele sabe disso.

— Ele gostava de mim — disse Guthred, e achei isso digno de crédito porque era fácil gostar de Guthred. Ele encarava cada dia como se fosse lhe trazer apenas felicidade, e em sua companhia, de algum modo, a vida parecia mais luminosa.

— Mesmo assim me fazia limpar seu balde de merda — admitiu Guthred, continuando a história de Eochaid —, mas parou de me chutar sempre que eu fazia isso. E gostava de conversar comigo.

— Sobre o quê?

— Ah, sobre tudo! Os deuses, o tempo, pesca, como fazer bom queijo, mulheres, tudo. E achava que eu não era guerreiro, e não sou mesmo. Agora sou rei, claro, por isso tenho de ser guerreiro, mas não gosto muito. Eochaid me fez jurar que eu nunca faria guerra contra ele.

— E você jurou?

— Claro! Gosto dele. Vou roubar seu gado, claro, e matar qualquer homem que ele mandar a Cumbraland, mas isso não é guerra, é?

Assim, Eochaid havia levado a prata da igreja e Gelgill trouxera Guthred para a Nortúmbria, no sul, mas em vez de entregá-lo aos padres, o levava para o leste, achando que poderia ganhar mais dinheiro vendendo Guthred a Kjartan do que honrando o contrato que fizera com os religiosos. Os padres e monges foram atrás, implorando a libertação de Guthred, e foi então que todos encontraram Sven, que viu sua chance de lucrar com Guthred. O escravo liberto era filho de Hardicnut, o que significava que era herdeiro de terras em Cumbraland, e isso sugeria que valia uma bolsa de prata maior como resgate.

Sven havia planejado levar Guthred de volta a Dunholm, onde sem dúvida mataria todos os sete religiosos. Então eu cheguei com o rosto enrolado em linho preto e agora Gelgill estava morto, Sven tinha o cabelo fedendo e molhado e Guthred estava livre.

Tudo isso eu entendia, mas o que não fazia sentido era por que sete religiosos saxões haviam chegado de Cair Ligualid para pagar uma fortuna por Guthred, que era dinamarquês e pagão.

— Porque sou o rei deles, claro — disse Guthred, como se a resposta fosse óbvia —, apesar de nunca ter pensado em virar rei. Principalmente depois de Eochaid me tornar cativo, mas é isso que o deus cristão quer, então quem sou eu para discutir?

— O deus deles quer você? — perguntei, olhando os sete religiosos que tinham viajado de tão longe para libertá-lo.

— O deus deles me quer porque sou o escolhido — disse Guthred, sério.

— Acha que eu deveria virar cristão?

— Não.

— Acho que eu deveria, só para demonstrar gratidão — disse ele, ignorando minha resposta. — Os deuses não gostam de ingratidão, não é?

— Os deuses gostam de caos — respondi. Os deuses estavam felizes.

Cair Ligualid era um lugar amável e agradável, um lugar onde a magia havia se perdido, lugar depois de o pai de Guthred ser morto pelos escoceses, e a cidade ainda não fora reconstruída nem pela metade. O que restava dela ficava

na margem sul do rio Hedene, e era por isso que o novo castelo cristão já que fora construído no primeiro ponto de travessia do rio, um rio que oferecia alguma proteção contra os ataques escoceses. Não havia oferecido qualquer proteção contra a frota de vikings que subiram o Hedene, roubaram tudo que podiam, estupraram quem queriam, mataram quem não queriam e levaram os sobreviventes como escravos. Esses vikings tinham vindo de seus assentamentos na Irlanda e eram os inimigos dos saxões, dos irlandeses, dos escoceses e até mesmo, às vezes, de seus primos, os dinamarqueses, e não haviam poupado os dinamarqueses que viviam em Cair Ligualid. Passamos, então, por um portão quebrado num muro quebrado e entramos numa cidade arrasada. Era o crepúsculo, e a chuva do dia finalmente havia parado e um raio de sol vermelho vinha por trás das nuvens a oeste enquanto entrávamos na cidade arruinada.

Seguimos direto para a luz daquele sol inchado que se refletia em meu elmo com o lobo de prata na crista e brilhava na cota de malha, nos braceletes e nos punhos de minhas duas espadas, e alguém gritou que eu era o rei. Eu parecia um rei.

Montava Witnere, que balançava a grande cabeça e batia as patas no chão, e estava vestido com minha brilhante glória guerreira. Cair Ligualid estava apinhada. Aqui e ali uma casa fora reconstruída, mas a maior parte do povo estava acampado nas ruínas chamuscadas, com seus animais, e havia um número muito grande para serem sobreviventes dos antigos ataques dos nórdicos. Em vez disso, eram pessoas de Cumbraland que haviam sido trazidas a Cair Ligualid por seus padres ou senhores porque tinham recebido a promessa de que o novo rei chegaria. E agora, vindo do leste, com a cota de malha refletindo o brilho do sol poente, chegava um guerreiro luminoso num grande cavalo preto.

— O rei! — gritou outra voz. Mais vozes acompanharam o grito, e das casas destroçadas e dos abrigos improvisados as pessoas saíram atabalhoadas para me olhar. Willibald estava tentando silenciá-las, mas suas palavras saxãs do oeste se perdiam na balbúrdia. Achei que Guthred também protestaria, mas em vez disso puxou o capuz da capa sobre a cabeça para parecer um dos religiosos que lutavam para continuar andando enquanto a multidão nos comprimia.

Pessoas se ajoelhavam à nossa passagem, depois se levantavam para nos acompanhar. Hild estava rindo. Segurei sua mão de modo que ela cavalgava a meu lado como uma rainha, e a multidão crescente nos acompanhou por um morro comprido e baixo em direção a um novo castelo construído no cume. À

medida que nos aproximávamos vi que não era um castelo, e sim uma igreja, e que padres e monges vinham à porta nos receber.

Havia uma loucura em Cair Ligualid. Uma loucura diferente daquela que havia derramado sangue em Eoferwic, mas mesmo assim era loucura. Mulheres choravam, homens gritavam e crianças olhavam fixamente. Mães estendiam bebês

para mim como se meu toque pudesse curá-los.

— Você deve fazer com que eles parem! — Willibald conseguiu chegar ao meu lado e estava segurando meu estribo direito.

— Por quê?

— Porque estão equivocados, claro! Guthred é o rei.

Sorri para ele.

— Talvez — respondi lentamente, como se a ideia estivesse acabando de me chegar. — E se eu fosse o rei?

— Uhtred! — disse Willibald, chocado.

— Por que não? Meus ancestrais eram reis.

— Guthred é rei! — protestou Willibald. — O abade o nomeou!

Foi assim que teve início a loucura de Cair Ligualid. A cidade era um abrigo de raposas e pássaros quando o abade Eadred de Lindisfarena atravessou as colinas. Lindisfarena, claro, é o mosteiro perto de Bebbanburg. Fica no litoral leste da Nortúmbria, ao passo que Cair Ligualid fica na borda oeste, mas o abade, expulso de Lindisfarena por ataques noruegueses, viera a Cair Ligualid e construíra a nova igreja para a qual estávamos subindo. O abade também vira Guthred em sonhos. Hoje em dia, claro, todo Nortumbriano conhece a história de como São Cuthbert revelou Guthred ao abade Eadred, mas na época, no dia da chegada de Guthred a Cair Ligualid, a história parecia apenas outra insanidade além da loucura que borbulhava no mundo. Pessoas gritavam para mim, me chamando de rei. Willibald se virou e berrou para Guthred:

— Faça com que eles parem!

— O povo quer um rei — disse Guthred —, e Uhtred parece um rei.

Deixe que o tenham por enquanto.

Uma quantidade de jovens monges armados com paus mantinha o povo empolgado longe das portas da igreja. Eadred havia prometido um milagre à multidão e ela vinha esperando há dias, aguardando a chegada do novo rei, e então eu cheguei do leste na glória de um guerreiro, coisa que sou e sempre fui.

Toda a vida segui o caminho da espada. Tendo escolha, e tive muitas escolhas, prefiro desembainhar uma espada a resolver uma discussão com palavras, porque é isso que o guerreiro faz, mas a maioria dos homens e mulheres não é de guerreiros. Eles anseiam pela paz. Não querem matar e é de olhos fechados que os homens trabalham os campos e vivem para ver a colheita, adorar seu deus, amar a família e ser deixados em paz. No entanto, nosso destino foi nascer num tempo em que a violência nos governava. Os dinamarqueses apareceram e nossa terra foi despedaçada, e em todos os nossos litorais os navios longos com suas proas em arco vieram a sucata, a escravizar, roubar e matar. Em Cumbreland, que é a parte mais selvagem de todas as terras saxãs, os dinamarqueses chegaram, os nórdicos chegaram, os escoceses chegaram e ninguém podia viver em paz, e acho que quando a gente destrói os sonhos dos homens, quando destrói seus lares, arruina suas colheitas, estupra suas filhas e escraviza seus filhos, engendra uma loucura.

No fim do mundo, quando os deuses lutarão uns contra os outros, toda a humanidade será presa de um grande frenesi, os rios vão fluir com sangue, o céu vai se encher de gritos e a grande árvore da vida vai cair com um estrondo que será ouvido para além da estrela mais distante, mas tudo isso ainda está para vir.

Na época, em 878, quando eu era jovem, havia apenas uma loucura menor em Cair Ligualid. Era a loucura da esperança, a crença de que um rei, nascido no sonho de um religioso, acabaria com o sofrimento do povo.

O abade Eadred estava esperando atrás do cordão de monges e, à medida que meu cavalo se aproximava, levantou as mãos para o céu. Era um homem alto, velho e de cabelos brancos, magro e feroz, com olhos como de um falcão e — surpreendentemente para um padre — uma espada presa à cintura. A princípio não pôde ver meu rosto porque as placas faciais do elmo o escondiam, mas mesmo quando tirei o elmo ele continuou achando que eu era o rei. Olhou-me, levantou as mãos para o céu como se agradecesse minha chegada e fez uma reverência.

— Senhor rei — disse ele em voz estrondeante. Os monges se ajoelharam e me olharam. — Senhor rei — estrondeou o abade Eadred de novo.

— Bem-vindo!

Esse foi um momento interessante. Lembre-se de que Eadred havia escolhido Guthred para ser rei porque São Cuthbert lhe havia mostrado o filho de Hardicnut num sonho. No entanto, agora ele achava que eu era o rei, o que significava que Cuthbert lhe havia mostrado o rosto errado ou então que Eadred era um desgraçado mentiroso. Ou talvez São Cuthbert fosse um desgraçado mentiroso. Mas, como milagre — e o sonho de Eadred é sempre lembrado como milagre —, aquele foi decididamente suspeito. Uma vez contei essa história a um padre e ele se recusou a acreditar. Sibilou para mim, fez o sinal-da-cruz e saiu correndo para rezar. Toda a vida de Guthred seria dominada pelo simples fato de que São Cuthbert o havia revelado a Eadred, e a verdade é que Eadred não o reconheceu, mas hoje em dia ninguém acredita em mim.

Willibald, claro, estava dançando ao redor como alguém que tivesse duas vespas dentro dos calções, tentando corrigir o erro de Eadred, por isso chutei-o na lateral do crânio para quietá-lo enquanto fazia um gesto na direção de Guthred, que havia tirado o capuz da cabeça.

— Este — informei a Eadred — é o seu rei.

Por um instante Eadred não acreditou; depois acreditou, e uma expressão de raiva intensa atravessou seu rosto. Foi uma contorção súbita de fúria absoluta porque ele entendeu, ainda que ninguém mais entendesse, que deveria ter reconhecido Guthred a partir do sonho. A raiva chamejou, depois ele dominou-a, fez uma reverência a Guthred, e este a devolveu com sua alegria costumeira. Dois monges correram para segurar seu cavalo, Guthred apeou e foi levado à igreja.

O

restante de nós seguiu do melhor modo que pôde. Ordenei que alguns monges segurassem Witnere e a égua de Hild. Eles não queriam, queriam estar dentro da igreja, mas eu disse que quebraria suas cabeças tonsuradas se os cavalos se perdessem, e eles me obedeceram.

Estava escuro na igreja. Havia velas fracas acesas no altar, outras no piso da nave, onde um grande grupo de monges fazia reverências e cantava, mas as pequenas luzes enfumaçadas mal conseguiam romper a densa escuridão. Como igreja, não era grande coisa. Era grande, maior até do que a igreja que Alfredo estava construindo em Wintanceaster, mas fora erguida às pressas e as paredes eram de troncos não aparados. Quando meus olhos se acostumaram à escuridão, vi que o teto era irregular, com palha rústica. Provavelmente havia dentro cinquenta ou sessenta religiosos e pouco menos de trinta *thegns*, se é que os homens de Cumbraland aspiravam a esse título. Eram os mais ricos da região e estavam de pé com seus seguidores. Notei, com curiosidade, que alguns usavam a cruz e outros, o martelo. Havia dinamarqueses e saxões naquela igreja, misturados, e não eram inimigos. Em vez disso, haviam se reunido para apoiar Eadred, que lhes prometera um rei mandado por Deus.

E ali estava Gisela.

Notei-a quase imediatamente. Era uma garota alta, de cabelos escuros, com rosto muito comprido e muito sério. Vestia um manto cinza e blusa branca, de modo que a princípio achei que fosse uma freira, depois vi as pulseiras de prata e o broche pesado prendendo o manto ao pescoço. Havia lágrimas de alegria em seu rosto e, quando Guthred a viu, correu até ela e os dois se abraçaram. Ele a apertou com força, depois se afastou, segurando suas mãos, e vi que ela estava meio chorando e meio rindo, e ele a trouxe impulsivamente até onde eu estava.

— Minha irmã Gisela — apresentou ele. Ainda estava segurando as mãos da garota. — Estou livre por causa do senhor Uhtred.

— Obrigada — disse-me ela, e não fez nada. Estava cor-de-rosa e parecia feliz, mas eu não sabia quem ela era, pois eu não era mais consciente ainda de Gisela. Quinze? Dezesesseis anos?

Mas não era casada, porque o cabelo preto ainda estava solto. O que o irmão tinha dito? Que seu rosto era como o de um cavalo, mas achei que era um rosto de sonhos, um rosto para agradecer a deus, um rosto para assombrar um homem.

Ainda vejo seu rosto, tantos anos depois. Era comprido, com o nariz longo, olhos escuros que algumas vezes pareciam distantes e algumas vezes eram maliciosos e, quando me olhou daquela primeira vez, fiquei perdido. As fiandeiras que faziam nossa vida a haviam mandado e eu soube que nada seria igual outra vez.

— Você não é casada, é? — perguntou Guthred ansioso.

Ela tocou o cabelo que ainda caía livre como o de uma menina. Quando se casasse, ele estaria preso.

— Claro que não — disse ela, ainda me olhando, depois se virou para o irmão. — E você?

— Não — disse ele.

Gisela olhou para Hild e de novo para mim. Nesse momento o abade Eadred veio levar Guthred para longe e Gisela voltou para a mulher que era sua guardiã. Dirigiu-me um olhar virando o rosto para trás, e ainda posso ver aquele olhar. As pálpebras abaixadas e o pequeno tropeço quando se virou para me dar um último sorriso.

— Garota bonita — disse Hild.

— Prefiro ter uma mulher bonita — respondi.

— Você precisa se casar.

— Eu sou casado — lembrei, e era verdade. Tinha uma esposa em **Wessex**, uma esposa que me odiava, mas Mildrith estava agora num convento, de modo que eu não sabia nem me importava se ela se considerava casada comigo ou com Cristo.

— Você gostou dessa garota — disse Hild.

— Gosto de todas as garotas — respondi evasivamente. Perdi Gisela de vista enquanto a multidão pressionava para assistir à cerimônia, que começou quando o abade Eadred tirou da cintura o cinto da espada e prendeu-o ao redor das roupas maltrapilhas de Guthred. Em seguida cobriu o novo rei com uma bela capa verde com acabamento de pele e pôs um aro de bronze sobre seu cabelo claro. Os monges cantaram enquanto tudo isso era feito e continuaram cantando enquanto Eadred guiava Guthred ao redor da igreja para que todo mundo o visse. O abade mantinha a mão direita do rei no alto e sem dúvida muitas pessoas achavam estranho que o novo rei fosse aclamado usando correntes de escravo penduradas nos pulsos. Homens se ajoelhavam diante dele. Guthred conhecia muitos dos dinamarqueses que haviam sido seguidores de seu pai e os cumprimentava alegre. Representava bem o papel de rei, porque era inteligente além de afável, mas vi uma expressão divertida em seu rosto. Será que ele realmente acreditava que era rei, na época? Acho que

via tudo aquilo como uma aventura, mas uma aventura que certamente era preferível a esvaziar o balde de merda de Eochaid.

Eadred fez um sermão abençoadamente curto, mesmo falando em inglês e em dinamarquês. Seu dinamarquês não era bom, mas bastava para dizer aos colegas compatriotas de Guthred que Deus e São Cuthbert haviam escolhido o novo rei, e ali estava ele, e que a glória deveria se seguir inevitavelmente. Em seguida guiou Guthred para as velas acesas no centro da igreja. Os monges que estavam reunidos ao redor daquelas chamas enfumaçadas se moveram rapidamente para abrir caminho para o novo rei, e vi que eles estavam reunidos ao redor de três baús, que, por sua vez, eram rodeados pelas pequenas luzes.

— O juramento real será feito agora! — anunciou Eadred à igreja. Os cristãos se ajoelharam de novo e alguns dinamarqueses pagãos seguiram desajeitados o exemplo.

Deveria ser um momento solene, mas Guthred o estragou virando-se e me olhando.

— Uhtred! — gritou ele. — Você deveria estar aqui! Venha! Eadred se eriçou, mas Guthred me queria a seu lado porque os três baús o preocupavam. Eram dourados, com as tampas sustentadas por grandes fechos de metal, e estavam rodeados pelas velas tremeluzentes. Tudo isso sugeria a ele que alguma feitiçaria cristã estava para acontecer e Guthred queria que eu compartilhasse o risco. O abade Eadred me encarou irritado.

— Ele o chamou de Uhtred? — perguntou cheio de suspeitas.

— O senhor Uhtred comanda minha guarda pessoal — disse Guthred com grandiosidade. Isso me tornou comandante de nada, mas mantive a cara impassível. — E se há juramentos a fazer, ele deve fazê-los comigo.

— Uhtred — disse o abade Eadred sem emoção na voz. Ele conhecia o nome, claro que conhecia. Vinha de Lindisfarena, onde minha família governava, e havia um azedume em sua voz.

— Sou Uhtred de Bebbanburg — falei suficientemente alto para todo mundo na igreja escutar, e o anúncio causou um sibilo entre os monges. Alguns se persignaram e outros só me olharam com ódio aparente.

— Ele é seu companheiro? — perguntou Eadred a Guthred.

— Ele me resgatou — disse Guthred — e é meu amigo.

Eadred fez o sinal-da-cruz. Havia desgostado de mim desde o momento em que me confundiu com o rei nascido em sonhos, mas agora estava praticamente cuspidando malevolência em mim. Ele me odiava porque nossa família deveria ser guardiã do mosteiro de Lindisfarena, mas o mosteiro estava em ruínas, e Eadred, seu abade, fora obrigado a partir para o exílio.

— Elfric o mandou? — perguntou ele.

— Elfric — cuspi o nome — é um usurpador, um ladrão, um desracado. E um dia vou abrir a barriga podre dele e mandá-lo para a árvore onde a Estripadora de Calavele se alimenta dele.

Então Eadred me situou.

— Você é o filho do senhor Uhtred — disse ele, em seguida olhou meus braceletes, minha cota de malha, a qualidade de minhas espadas e o martelo em meu pescoço. — É o garoto criado pelos dinamarqueses.

— Sou o garoto que matou Ubba Lothbrokson ao lado de um mar no sul

— respondi sarcástico.

— Ele é meu amigo — insistiu Guthred.

O abade Eadred estremeceu, depois fez uma meia reverência como que mostrando que me aceitava como companheiro de Guthred.

— Você fará um juramento de servir fielmente o rei Guthred — rosnou ele para mim.

Dei meio passo atrás. Juramento é uma coisa séria. Se eu jurasse servir a esse rei que fora escravo, não seria mais um homem livre. Seria homem de Guthred, jurado para morrer por ele, obedecer-lhe e servi-lo até a morte, e essa ideia me incomodava. Guthred viu minha hesitação e sorriu.

— Vou liberá-lo — sussurrou para mim em dinamarquês, e eu entendi que ele, como eu, via essa cerimônia como um jogo.

— Jura? — perguntei.

— Por minha vida — disse ele em tom afável.

— Os juramentos serão feitos! — anunciou Eadred, querendo restaurar dignidade à igreja, que agora estava cheia de murmúrios. Ele olhou furioso para a congregação até que todos ficassem quietos, depois abriu um dos dois baús menores. Dentro havia um livro com a capa incrustada de pedras preciosas. —

Este é o grande livro dos evangelhos de Lindisfarena — disse Eadred em voz de espanto. Em seguida tirou o livro do baú e o ergueu, para que a luz fraca brilhasse nas jóias. Todos os monges fizeram o sinal-da-cruz, em seguida Eadred entregou o livro pesado a um padre ajudante cujas mãos tremeram ao aceitar o volume. Eadred se curvou diante do segundo baú pequeno. Fez o sinal-da-cruz, abriu a tampa e ali, encarando-me com olhos fechados, estava uma cabeça cortada.

Guthred não conseguiu suprimir um grunhido de nojo e, temendo a feitiçaria, segurou meu braço direito. — Este é o santíssimo Santo Oswald — disse Eadred —, que já foi rei da Nortúmbria e agora é um santo muito amado por Deus Todo-poderoso. — Sua voz tremia de emoção.

Guthred deu meio passo atrás, repellido pela cabeça, mas soltei-o e me adiantei para olhar Oswald. Ele fora o senhor de Bebbanburg em seu tempo, e também fora rei da Nortúmbria, mas isso havia acontecido duzentos anos antes. Havia morrido em batalha contra os mércios, que o despedaçaram, e me perguntei como sua cabeça fora resgatada da sepultura dos derrotados. A cabeça, com as bochechas encolhidas e a pele escura, parecia bastante incólume. O cabelo era comprido e emaranhado e o pescoço fora escondido por um pedaço de linho amarelado. Um aro de bronze dourado servia de coroa.

— Amado Santo Oswald — disse Eadred fazendo o sinal-da-cruz —, proteja-nos, guie-nos e ore por nós. — Os lábios do rei haviam se encolhido, de modo que três dentes apareciam. Eram como pinos amarelos. Os monges ajoelhados mais perto de Oswald balançavam a cabeça para cima e para baixo em oração silenciosa e fervorosa. — Santo Oswald — anunciou Eadred — é um guerreiro de Deus, e com ele do nosso lado nada pode ser contra nós.

Ele passou pela cabeça do rei morto e foi até o último baú, o maior. A igreja ficou em silêncio. Os cristãos, claro, sabiam que ao revelar as relíquias, Eadred estava invocando os poderes do céu para testemunhar os juramentos, ao passo que os dinamarqueses pagãos, mesmo não entendendo exatamente o que acontecia, ficavam espantados pela magia que sentiam no grande prédio. E

sentiam que mais magia, e mais grandiosa, estava para acontecer, porque agora os monges se prostraram deitados no chão de terra enquanto Eadred rezava silenciosamente ao lado da última caixa. Rezou por longo tempo, as mãos cruzadas juntas, os lábios se movendo e os olhos erguidos para os caibros onde pardais voavam, e finalmente abriu os dois pesados fechos de bronze do baú e levantou a grande tampa.

Havia um cadáver dentro do grande baú. O cadáver estava enrolado em um pano de linho, mas pude ver claramente a forma do corpo. Guthred havia segurado meu braço de novo como se eu pudesse protegê-lo contra a magia de Eadred. Enquanto isso Eadred desenrolava gentilmente o tecido, revelando um bispo morto vestido de branco e com o rosto coberto por um pequeno quadrado de tecido branco com bainha de fio dourado. O cadáver tinha um escapulário bordado pendurado no pescoço e uma velha mitra havia caído de sua cabeça.

Uma cruz de ouro, enfeitada com granadas, estava meio escondida por suas mãos cruzadas com força diante do peito. Um anel de rubi brilhava num dedo encolhido. Alguns monges estavam boquiabertos, como se não pudessem suportar o poder sagrado que fluía do cadáver, e até mesmo Eadred pareceu humilde. Ele encostou a testa na beira do caixão, depois se empertigou para me olhar.

— Sabe quem é este? — perguntei.

— Não.

— Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo — disse ele. Em seguida tirou o quadrado de linho com acabamento em ouro para revelar um rosto amarelo com narinas mais escuras. — É São Cuthbert. — Disse Eadred com um tom lacrimoso na voz. — É o muito abençoado, o santíssimo, o muito amado Cuthbert. Ah, doce e santo Deus — ele se balançou para trás e para a frente sobre os joelhos —, este é o próprio São Cuthbert.

Até os dez anos fui criado ouvindo histórias de Cuthbert. E aprendi como ele havia treinado um coro de focas para cantar salmos e como as águias haviam trazido comida à pequena ilha perto de Bebbanburg onde o santo viveu em solidão por um tempo. Ele podia acalmar tempestades com orações e havia resgatado incontáveis marinheiros do afogamento. Anjos vinham conversar com ele. Uma vez salvou uma família ordenando retornar ao inferno as chamas que haviam consumido sua casa, e o fogo desapareceu milagrosamente. Entrava no mar durante o inverno até que a água fria chegasse ao pescoço e ficava ali a noite inteira, rezando, e quando voltava à praia de manhã seus mantos de monge estavam secos.

Fez brotar água do chão ressequido durante uma seca e, quando pássaros roubavam o centeio recém-semeado, ele ordenava que devolvessem, e era obedecido. Pelo menos era o que me diziam. Era certamente o maior santo da Nortúmbria, o homem sagrado que nos guardava e a quem deveríamos dirigir as orações para que ele as sussurrasse ao ouvido de Deus, e ali estava, numa caixa de olmo esculpida e dourada, deitado de costas, narinas escancaradas, boca ligeiramente aberta, bochechas fundas e com cinco dentes amarelos enegrecidos dos quais as gengivas haviam recuado fazendo com que parecessem presas de animal. Uma presa estava quebrada. Seus olhos estavam fechados. Minha madrastra havia possuído o pente de São Cuthbert e gostava de me dizer que encontrara alguns fios de cabelo do santo nos dentes do pente e que o cabelo tinha a cor do ouro mais fino, mas este cadáver tinha cabelos pretos como piche. Eram compridos, lisos e escovados, deixando livre a testa alta e a tonsura de monge. Eadred recolocou gentilmente a mitra no lugar, depois se inclinou e beijou o anel de rubi.

— Vocês notarão — disse ele numa voz rouca de emoção — que a carne santa não foi corrompida — e parou para acariciar uma das mãos ossudas do santo —, e esse milagre é um sinal certo de sua santidade. — Em seguida se inclinou e desta vez beijou o santo em cheio nos lábios abertos e encolhidos. —

Ó, santíssimo São Cuthbert — rezou alto —, guie-nos, lidere-nos e nos leve para sua glória em nome d'Aquele que morreu por nós e a cuja mão direita está agora sentado em esplendor eterno, amém.

— Amém — entoaram os monges. Os monges mais próximos haviam se levantado do chão para ver o santo não-corrompido e a maioria chorou enquanto olhava o rosto amarelado.

Eadred me espiou de novo.

— Nesta igreja, rapaz — disse ele —, está a alma espiritual da Nortúmbria. Aqui, nestes baús, estão nossos milagres, nossos tesouros, nossa glória e os meios pelos quais falamos com Deus para buscar Sua proteção.

Enquanto essas coisas preciosas e santas estiverem em segurança, estamos seguros. E um dia — ele se levantou enquanto dizia essa última palavra e sua voz ficou muito mais dura —, um dia tudo isso esteve sob a proteção dos senhores de Bebbanburg, mas essa proteção falhou! Os pagãos vieram, os monges foram trucidados e os homens de Bebbanburg se encolheram atrás de suas muralhas, em vez de cavalgar para matar os pagãos. Mas nossos ancestrais em Cristo salvaram essas relíquias, e desde então estivemos vagueando, vagueando pelas terras selvagens, e continuamos guardando tudo isso, mas um dia faremos uma grande igreja e elas brilharão numa terra santa. É para essa terra santa que eu guio este povo! — Ele balançou a mão indicando as pessoas que esperavam do lado de fora da igreja. — Deus me enviou um exército — gritou ele —, e esse exército triunfará, mas não sou o homem para liderá-lo. Deus e São Cuthbert me mandaram um sonho mostrando o rei que irá levar todos nós à nossa terra prometida. Ele me mostrou o rei Guthred! Ele se ergueu e levantou a mão de Guthred bem alto, e o gesto provocou aplausos da congregação. Guthred pareceu mais surpreso do que régio, e eu simplesmente olhei para o santo morto.

Cuthred fora abade e bispo de Lindisfarena, a ilha logo ao norte de Bebbanburg, e durante quase duzentos anos seu corpo ficou numa cripta na ilha até que os ataques vikings se tornaram ameaçadores demais e, para salvar o cadáver santo, os monges levaram o morto para a terra firme. Desde então vinham andando pela Nortúmbria. Eadred não gostava de mim porque minha família não havia protegido as relíquias santas, mas a força de Bebbanburg estava em sua posição no penhasco golpeado pelo mar, e só um idiota levaria sua guarnição para lutar fora das muralhas. Se eu tivesse de escolher entre manter Bebbanburg e abandonar uma relíquia, abriria mão de todo o calendário de santos mortos. Cadáveres santos são baratos, mas fortalezas como Bebbanburg são raras.

— Vejam! — gritou Eadred, ainda segurando o braço de Guthred no alto. — O rei de Haliwerfolkland!

Rei de quê? Pensei ter ouvido mal, mas não. Haliwerfolkland, dissera Eadred, e isso significava Terra do Povo do Homem Santo. Esse era o nome de Eadred para o reino de Guthred. São Cuthbert, claro, era o homem santo, mas quem quer que fosse o rei desta terra seria uma ovelha em meio aos lobos. Ivarr, Kjartan e meu tio eram os lobos. Eram os homens que lideravam forças de verdade, com soldados treinados, ao passo que Eadred esperava fazer um reino nos fundos de um sonho, e eu não tinha dúvida de que essa ovelha nascida em sonho terminaria destroçada pelos lobos. Mesmo assim, por enquanto, Cair Ligualid era meu melhor refúgio na Nortúmbria, porque meus inimigos precisariam atravessar os morros para me encontrar e, não sei dizer, eu sei bem uma que eu não desse nada de lutar. Na sua raiva, na sua raiva está a mudança, na mudança está a oportunidade, e na oportunidade estão as riquezas.

— Agora — Eadred soltou a mão de Guthred e se virou para mim — você jurará fidelidade ao nosso rei e a seu país.

Nesse momento Guthred piscou para mim. Obviamente, foi ele quem jurou e seguiu sua mão direita, mas Eadred afastou minhas mãos.

— Você vai jurar ao santo — sibilou ele.

— Ao santo?

— Ponha as mãos nas mãos santíssimas de São Cuthbert — ordenou Eadred — e diga as palavras.

Pus as mãos sobre os dedos de São Cuthbert e pude sentir o grande anel de rubi sob meus dedos, e torci ligeiramente a jóia para ver se a pedra estava solta e saíria, mas ela parecia fixa no engaste.

— Juro ser seu homem — disse ao cadáver — e servi-lo fielmente. —

Tentei mexer o anel de novo, mas os dedos mortos eram rígidos e o rubi não se mexia.

— Jura por sua vida? — perguntou Eadred, sério.

Dei outra torção no anel, mas realmente era impossível movê-lo.

— Juro pela minha vida — falei respeitosamente e nunca, em toda aquela vida, havia levado um juramento tão pouco a sério. Como um juramento a um morto pode ser verdadeiro?

— E jura servir fielmente o rei Guthred?

— Juro — respondi.

— E ser inimigo de todos os inimigos dele?

— Juro.

— E servirá a São Cuthbert até o fim de sua vida?

— Sim.

— Então pode beijar o santíssimo Cuthbert — disse Eadred. Inclinei-me sobre a borda do caixão para beijar as mãos cruzadas. — Não! — protestou Eadred. — Nos lábios! — Arrastei os joelhos, curvei-me e beijei o cadáver nos lábios.

— Deus seja louvado — disse Eadred. Em seguida fez Guthred jurar que serviria a Cuthbert e a igreja ficou olhando o rei escravo se ajoelhar e beijar o cadáver. Os monges cantaram enquanto o povo na igreja tinha a permissão de ver Cuthbert pessoalmente. Hild estremeceu ao chegar ao caixão e caiu de joelhos, com lágrimas escorrendo pelo rosto, e precisei levantá-la e levá-la para longe. Willibald ficou igualmente abalado, mas seu rosto apenas luzia de felicidade. Gisela, pelo que notei, não se curvou para o cadáver. Olhou-o com curiosidade, mas estava claro que aquilo não significava nada para ela e deduzi que ainda era pagã. Olhou o morto, depois me olhou e sorriu. Seus olhos, pensei, eram mais brilhantes que o

rubi no dedo do santo morto.

Assim Guthred chegou a Cair Ligualid. Na época pensei, e ainda penso, que era tudo absurdo, mas era um absurdo mágico, o guerreiro morto prestara vassalagem a um morto e o escravo havia se tornado rei. Os deuses estavam rindo. Mais tarde, muito mais tarde, percebi que eu estava fazendo o que Alfredo desejaria que eu fizesse. Estava ajudando os cristãos. Havia duas guerras naqueles anos. A luta óbvia era entre saxões e dinamarqueses, mas também havia combate entre pagãos e cristãos. A maioria dos dinamarqueses era de pagãos e a maioria dos saxões era de cristãos, de modo que as duas guerras pareciam a mesma, mas na Nortúmbria tudo ficou confuso, e essa foi a esperteza do abade Eadred. O que Eadred fez foi acabar com a guerra entre saxões e dinamarqueses em Cumbraland — e fez isso escolhendo Guthred. Guthred, claro, era dinamarquês, e isso significava que os dinamarqueses de Cumbraland estavam prontos para segui-lo e, como ele fora proclamado rei por um abade saxão, os saxões estavam igualmente preparados para apoiá-lo. As duas maiores tribos em guerra em Cumbraland, os dinamarqueses e os saxões, estavam portanto unidas, ao passo que os britânicos — e um bom número de britânicos ainda vivia em Cumbraland — também eram cristãos e seus padres lhes disseram para aceitar a escolha de Eadred, e eles aceitaram.

Uma coisa é proclamar um rei e outra coisa é o rei governar, mas Eadred havia feito uma escolha esperta. Guthred era um bom homem, mas também era o filho de Hardicnut, que havia se chamado de rei da Nortúmbria, por isso Guthred podia reivindicar a coroa, e nenhum dos *thegns* de Cumbraland tinha força suficiente para desafiá-lo. Eles precisavam de um rei porque, por tempo demais, haviam brigado entre si e sofrido com os ataques dos nórdicos da Irlanda e as incursões selvagens de Strath Clota. Unindo dinamarqueses e saxões, agora Guthred poderia reunir forças maiores para enfrentar aqueles inimigos. Havia um homem que poderia ter sido um rival. Ulf, era como se chamava, e era um dinamarquês que possuía terras ao sul de Cair Ligualid e tinha mais riquezas do que qualquer outro *thegn* de Cumbraland, mas era velho, manco e sem filhos, assim ofereceu lealdade a Guthred, e o exemplo de Ulf convenceu os outros dinamarqueses a aceitar a escolha de Eadred. Ajoelharam-se diante dele um a um, e Guthred os cumprimentou pelo nome, levantou-os e os abraçou.

— Eu realmente deveria virar cristão — disse-me ele na manhã seguinte a nossa chegada.

— Por quê?

— Já disse por quê. Para demonstrar gratidão. Você não deveria me chamar de senhor?

— Sim, senhor.

— Dói?

— Chamá-lo de senhor, senhor?

— Não! — ele riu. — Virar cristão?

— Por que deveria doer?

— Não sei. Eles não pregam a gente numa cruz?

— Claro que não — respondi com escárnio. — Só dão um banho.

— Eu tomo banho de qualquer modo — disse ele, depois franziu a testa.

— Por que os saxões não tomam banho? Você, não, você toma, mas a maioria dos saxões não toma. Não tanto quanto os dinamarqueses. Eles gostam de ficar sujos?

— Pode-se pegar um resfriado tomando banho.

— Eu não. Então é isso? Um banho?

— Chama-se batismo.

— E a gente precisa abrir mão dos outros deuses?

— Deveria abrir.

— E só ter uma mulher?

— Só uma mulher. Eles são rígidos com relação a isso. Guthred pensou a respeito.

— Ainda acho que devo fazer, porque o deus de Eadred tem poder realmente. Olhe aquele morto! É um milagre não ter apodrecido!

Os dinamarqueses estavam fascinados com as relíquias de Eadred. A maioria não compreendia por que um grupo de monges iria carregar um cadáver, a cabeça de um rei morto e um livro repleto de jóias por toda a Nortúmbria, mas eles entendiam que essas coisas eram sagradas e estavam impressionados. As coisas sagradas têm poder. São um caminho do nosso mundo para os mundos mais vastos, além, e mesmo antes de Guthred chegar a Cair Ligualid alguns dinamarqueses haviam aceitado o batismo como um modo de atrair para si o poder das relíquias.

Eu não sou cristão. Hoje em dia não é bom confessar isso, porque os bispos e abades têm influência demais e é mais fácil fingir uma fé do que lutar contra ideias furiosas. Fui criado como cristão, mas aos dez anos, quando fui levado para a família de Ragnar, descobri os antigos deuses saxões que também eram deuses dos dinamarqueses e dos nórdicos, e seu culto sempre fez mais sentido para mim do que me curvar para um deus que pertence a um país tão distante que não conheci ninguém que já tenha estado lá. Tor e Odin caminhavam por nossos morros, dormiam em nossos vales, amavam nossas mulheres e bebiam em nossos riachos, e isso faz com que pareçam vizinhos. A outra coisa de que gosto em nossos deuses é que eles não são obcecados conosco. Têm suas próprias brigas, seus casos amorosos e parecem nos ignorar na

maior parte do tempo, mas o deus cristão não tem nada de melhor a fazer do que criar regras para nós. Ele cria regras, mais regras, proibições e mandamentos, e precisa de centenas de sacerdotes e monges com mantos pretos para garantir que obedecemos a essas leis. Parece-me um deus muito rabugento, esse, ainda que seus padres vivam afirmando que ele nos ama. Nunca fui idiota a ponto de achar que Tor, Odin ou Oder me amavam, mas às vezes espero que me considerem digno deles.

Mas Guthred queria que o poder das santas relíquias cristãs funcionasse para ele e por isso, para deleite de Eadred, pediu para ser batizado. A cerimônia foi realizada ao ar livre, do lado de fora da grande igreja, onde Guthred foi imerso num grande barril de água do rio e todos os monges balançaram as mãos para o céu e disseram que a obra de Deus é maravilhosa de se ver. Em seguida Guthred foi enrolado num manto e Eadred o coroou pela segunda vez, colocando o aro de bronze dourado do falecido rei Oswald em seu cabelo úmido.

Logo depois a testa de Guthred foi melada com óleo de bacalhau, ele recebeu uma espada e um escudo, e o abade pediu-lhe que beijasse o evangelho de Lindisfarena e os lábios do cadáver de Cuthbert, que fora trazido ao sol para que toda a multidão visse o santo. Guthred pareceu gostar de toda a cerimônia, e o abade Eadred ficou tão comovido que tirou a cruz incrustada de granadas das mãos do morto e pendurou-a no pescoço do novo rei. Não a deixou ali por muito tempo; colocou-a de volta no cadáver depois de Guthred ser apresentado ao seu povo maltrapilho nas ruínas de Cair Ligualid. Naquela noite houve um festim. Havia pouco a comer, apenas peixe defumado, carneiro cozido e pão duro, mas havia bastante cerveja. E na manhã

seguinte, com a cabeça latejando, fui ao primeiro *witanegemot* de Guthred. Sendo dinamarquês, claro, ele não estava acostumado a essas reuniões de conselho em que cada *thegn* e religioso importante era convidado a aconselhar, mas Eadred insistiu em que o Witan se reunisse, e Guthred o presidiu.

A reunião realizou-se na grande igreja. Durante a noite havia começado a chover e a água pingava através da grosseira cobertura de palha, de modo que os homens ficavam tentando desviar dos pingos. Não havia cadeiras ou bancos suficientes, e nos sentamos no piso coberto de junco, formando um grande círculo ao redor de Eadred e Guthred, que estavam entronados ao lado do caixão aberto de São Cuthbert. Havia 46 homens, metade clérigos e a outra metade os maiores senhores de terras de Cumbraland, tanto dinamarqueses quanto saxões, mas comparado a um *witanegemot* dos saxões do oeste, aquele era um encontro insignificante. Não havia grande riqueza à mostra. Alguns dinamarqueses usavam braceletes e uns poucos saxões tinham broches elaborados, porém na verdade mais parecia uma reunião de javali-de-ouro que um conselho de estado.

Mas Eadred tinha visões de grandeza. Começou dando notícias do restante da Nortúmbria. Sabia dos acontecimentos porque recebia relatórios de religiosos de toda a terra, e esses relatórios diziam que Ivarr continuava no vale do rio Tuede, onde travava uma guerra difícil, de pequenos escaramuçes, contra o rei Aed do Escócia.

— Kjartan, o Cruel, espreita em sua fortaleza — disse Eadred — e não sairá para lutar. O que deixa Egbert de Eoferwic, e ele é fraco.

— E Elfric? — intervim.

— Elfric de Bebbanburg jurou proteger São Cuthbert — disse Eadred — e não fará nada para ofender o santo.

Talvez fosse verdade, mas sem dúvida meu tio exigiria meu crânio como recompensa para manter o cadáver intacto. Não falei mais nada, porém ouvi enquanto Eadred propunha que formássemos um exército e marchássemos com ele através dos morros para capturar Eoferwic. Isso provocou perplexidade.

Homens se entreolhavam, mas tamanha era a confiança de Eadred, que a princípio ninguém ousou questioná-lo. Haviam esperado ouvir que deveriam estar com os homens prontos para lutar contra os vikings nórdicos da Irlanda ou rechaçar outro ataque de Eochaid de Strath Clota, mas em vez disso era pedido que fossem para longe, depor o rei Egbert.

Ulf, o dinamarquês mais rico de Cumbraland, interveio finalmente. Era velho, devia ter uns 40 anos, e fora aleijado e queimado nas frequentes refregas em Cumbraland, mas ainda podia trazer quarenta ou cinquenta guerreiros treinados para Guthred. Não era muito, segundo os padrões da maior parte da Britânia, mas era uma força substancial em Cumbraland. Agora exigiu saber por que deveria levar esses homens para o outro lado dos morros.

— Não temos inimigos em Eoferwic — declarou —, mas há muitos bandidos que atacam nossas terras quando tivermos saído. — A maioria dos outros dinamarqueses murmurou concordando.

Mas Eadred conhecia sua plateia.

— Há grande riqueza em Eoferwic — disse ele.

Ulf gostou dessa ideia, porém continuou cauteloso.

— Riqueza? — perguntou.

— Prata — respondeu Eadred —, ouro e jóias.

— Mulheres? — perguntou um homem.

— Eoferwic é um poço de corrupção — anunciou Eadred —, é um esconderijo de demónios e lugar de mulheres lascivas.

É uma cidade do mal que precisa ser lavada por um exército santo. — A maioria dos dinamarqueses comemorou a perspectiva de mulheres lascivas e nenhum fez mais protestos com relação a atacar Eoferwic.

Assim que a cidade fosse capturada, feito que Eadred dava como certo, deveríamos marchar para o norte. E os homens

de Eoferwic, afirmou ele, fariam aumentar nossas fileiras.

— Kjartan, o Cruel, não vai nos enfrentar — declarou Eadred — porque é covarde. Irá para sua fortaleza como uma aranha correndo para a teia e ficará lá, e vamos deixá-lo apodrecer até que chegue a época de derrotá-lo. Elfric de Bebbanburg não lutará contra nós porque é cristão.

— Ele é um desgraçado indigno de confiança — resmunguei, e fui ignorado.

— E derrotaremos Ivarr — disse Eadred, e me perguntei como nossa escória deveria vencer a parede de escudos de Ivarr, mas Eadred não tinha dúvidas. — Deus e São Cuthbert lutarão por nós, então seremos senhores da Nortúmbria e Deus Todo-poderoso terá estabelecido Haliwerfolkland e construiremos para São Cuthbert um templo que deixará perplexo o mundo inteiro. Era isso que Eadred realmente queria, um templo. Era disso que se tratava toda aquela loucura, um templo para um santo morto, e com esse objetivo Eadred tornara Guthred rei e agora iria fazer guerra contra toda a Nortúmbria. E

no dia seguinte chegaram os oito cavaleiros negros.

Tínhamos 354 homens em idade de luta. Desses, menos de vinte possuíam cota de malha, e somente cerca de cem tinham armadura de couro decente. Os homens com couro ou malha, na maioria, possuíam elmos e armas adequadas, espadas ou lanças, enquanto os demais estavam armados com machados, enxós, foices e enxadas afiadas. Eadred chamou aquilo, grandiosamente, de Exército do Homem Santo, mas se eu fosse o homem santo, teria disparado de volta para o céu e esperado algo melhor.

Um terço de nosso exército era dinamarquês, o restante, na maioria, era saxão, mas havia alguns britânicos armados com longos arcos de caça, que podem ser armas temíveis, por isso chamei os britânicos de Guarda do Homem Santo e disse que eles deveriam ficar com o cadáver de São Cuthbert, que evidentemente iria nos acompanhar na marcha de conquista. Não que pudéssemos começar a conquista por enquanto, porque precisávamos juntar comida para os homens e forragem para os cavalos, dos quais tínhamos apenas 87.

O que tornou bem-vinda a chegada dos cavaleiros negros. Eram oito, todos com cavalos pretos ou marrons e trazendo quatro montarias de reserva.

Quatro usavam cota de malha e os demais tinham boas armaduras de couro e todos usavam capas pretas e escudos pintados de preto. Chegaram a Cair Ligualid vindos do leste, seguindo a muralha romana que levava à outra margem do rio, e ali atravessaram o vau porque a velha ponte fora derrubada pelos nórdicos.

Os oito cavaleiros não eram os nórdicos e não chegaram. Aparentemente não pareciam a cada um. Muitos eram monges, mas alguns eram lutadores que vinham dos morros e geralmente chegavam com um machado ou um cajado com ponta de ferro. Poucos vinham com armadura ou cavalo, mas os oito cavaleiros negros chegaram com equipamento de guerra completo. Eram dinamarqueses e usavam a Cruzada que pertencia à propriedade de Hergist, que possuía terras num local chamado Heagostealdes. Hergist era velho, disseram eles, e não podia vir pessoalmente, mas havia mandado seus melhores homens. O líder se chamava Tekil e parecia um guerreiro útil porque usava quatro braceletes, tinha uma espada longa e rosto duro e confiante. Parecia ter cerca de trinta anos, como a maioria de seus homens, mas um deles era muito mais novo, só um garoto, e era o único sem braceletes.

— Por que Hergist mandaria homens de Heagostealdes? — perguntou Guthred a Tekil.

— Estamos muito perto de Dunholm, senhor — respondeu Tekil —, e Hergist deseja que o senhor destrua aquele ninho de vespas.

— Então vocês são bem-vindos — disse Guthred, e deixou que os oito homens se ajoelhassem diante dele e jurassem fidelidade. — Você deve levar os homens de Tekil para minha guarda pessoal — disse-me mais tarde. Estávamos num campo a sul de Cair Ligualid onde eu fazia essas tropas treinarem. Havia escolhido trinta rapazes, mais ou menos aleatoriamente, e garanti que metade fosse de dinamarqueses e metade de saxões, e insisti em que formassem uma parede de escudos em que cada dinamarquês tinha um vizinho saxão, e agora estava ensinando-os a lutar e rezando aos meus deuses para que nunca tivessem de fazer isso, porque não sabiam praticamente nada. Os dinamarqueses eram melhores, porque são criados para a espada e o escudo, mas nenhum ainda havia aprendido a disciplina da parede de escudos.

— Seus escudos precisam se tocar — gritei —; caso contrário, estarão mortos. Querem morrer? Querem ter as tripas se desenrolando nos pés? Toquem os escudos. Assim não, seu *earsling!* O lado direito do seu escudo fica na frente do lado esquerdo do escudo dele. Entendeu? — Falei de novo em dinamarquês e depois olhei para Guthred. — Não quero os homens de Tekil na guarda pessoal.

— Por quê?

— Porque não os conheço.

— Você não conhece esses homens — disse Guthred, indicando sua guarda pessoal.

— Sei que são idiotas e sei que suas mães deveriam ter mantido os joelhos juntos. O que está fazendo, Clapa? — gritei para um jovem dinamarquês grandalhão. Eu havia esquecido seu nome verdadeiro, mas todo mundo o chamava de Clapa, que significava desajeitado. Era um enorme rapaz de fazenda, com a força de dois outros homens, mas não era o mais inteligente dos mortais.

Ficou me espiando com olhos idiotas enquanto eu ia em direção à fileira. — O

que você deve fazer, Clapa?

— Ficar perto do rei, senhor — disse ele com expressão perplexa.

— Bom! — respondi, porque essa era a primeira e mais importante lição que precisava ser enfiada à força nos trinta rapazes. Eles eram a guarda pessoal do rei, portanto deviam ficar com o rei, mas não era essa a resposta que eu queria de Clapa. — Na parede de escudos, idiota — falei, batendo em seu peito musculoso. — O que você deve fazer na parede de escudos?

Ele pensou um tempo, depois se iluminou.

— Manter o escudo levantado, senhor.

— Isso mesmo — falei, levantando seu escudo da altura dos tornozelos.

— Você não pode pendurá-lo em volta dos dedos dos pés! De que você está

rindo, Rypere? — Rypere era um saxão, tão magricelo quanto Clapa era sólido, e esperto como uma doninha. Rypere era um apelido que significava ladrão, porque era isso que Rypere era, e se houvesse alguma justiça, ele teria sido marcado a fogo e chicoteado, mas eu gostava da inteligência em seus olhos jovens e ele iria se mostrar um matador. — Sabe o que você é, Rypere? — falei, batendo seu escudo contra o peito dele. — Você é um *earsling*. O que é um *earsling*, Clapa?

— Um cagalhão, senhor.

— Isso mesmo, cagalhões! Escudos para cima! Para cima! — gritei a última palavra. — Querem que as pessoas riem de vocês? — Apontei para outros grupos de homens travando batalhas de mentira na grande campina. Os guerreiros de Tekil também se encontravam presentes, mas estavam sentados à sombra, só olhando, dando a entender que não precisavam treinar. Voltei para Guthred. — Você não pode ter todos os melhores homens em sua guarda pessoal.

— Por quê?

- Porque vai terminar cercado quando todos os outros tiverem fugido.

Então você morre. Não é bonito.

— Foi o que aconteceu quando meu pai lutou contra Eochaid — admitiu ele.

— Então, é por isso que você não pode ter todos os melhores homens na guarda pessoal. Colocaremos Tekil num dos flancos e Ulf e seus homens no outro. — Ulf, inspirado por um sonho de prata ilimitada e mulheres lascivamente malignas, agora estava rindo e falando sobre Eochaid. Não sei se ele conta a história. Quando os cavaleiros negros chegaram, havia levado seus homens para coletar forragem e comida.

Dividi a guarda pessoal em dois grupos e fiz com que lutassem, mas primeiro ordenei que enrolassem as espadas em pano para não acabarem se trucidando mutuamente. Em uns usos, mas imprevisíveis. Rompi as duas paredes de escudos no tempo de uma piscadela, mas eles acabariam aprendendo como lutar, a não ser que encontrassem primeiro as tropas de Ivarr, caso em que morreriam. Depois de um tempo, quando estavam cansados e o suor escorria pelos rostos, ordenei que descansassem. Notei que os dinamarqueses se sentavam com os outros dinamarqueses e os saxões com os saxões, mas isso era de esperar.

E com o tempo, pensei, eles aprenderiam a confiar. Podiam falar mais ou menos uns com os outros porque eu havia notado que na Nortúmbria as línguas dinamarquesa e saxã estavam ficando emboladas. De qualquer modo as duas línguas eram parecidas, e a maioria dos dinamarqueses podia ser entendida pelos saxões se gritasse suficientemente alto, mas agora as duas iam ficando cada vez mais parecidas. Em vez de falar sobre sua capacidade com a espada — *swordcraft* —, os *earsling* saxões da guarda pessoal de Guthred alardeavam sua habilidade —

skill — com uma espada, mesmo não tendo nenhuma, e comiam *eggs* — ovos — em vez de *eyren*. Enquanto isso, os dinamarqueses chamavam cavalos de *horse* em vez de *hros* e algumas vezes era difícil saber se alguém era dinamarquês ou saxão.

Frequentemente eram as duas coisas, filhos de pai dinamarquês e mãe saxã, mas jamais o contrário.

— Eu deveria me casar com uma saxã — disse-me Guthred. Havíamos caminhado até a beira do campo, onde um grupo de mulheres cortava palha e a misturava com aveia. Levaríamos a mistura para alimentar **os cavalos** enquanto atravessássemos os morros.

— Por que se casar com uma saxã? — perguntei.

— Para mostrar que Haliwerfolkland é para as duas tribos.

— Nortúmbria — falei mal-humorado.

— Nortúmbria?

— O nome é Nortúmbria — respondi —, não Haliwerfolkland. Ele deu de ombros como se o nome não importasse.

— Mesmo assim eu deveria me casar com uma saxã, e **gostaria que** fosse bonita. Bonita como Hild, talvez. Só que ela é velha demais.

— Velha demais?

— Preciso de uma com uns 13 anos, talvez 14. Pronta para gerar alguns bebês. — Ele pulou uma cerca baixa e desceu um barranco íngreme até um pequeno riacho que seguia para o norte em direção ao Hedene. — Será que há

algumas saxãs bonitas em Eoferwic?

— Mas o senhor quer uma virgem, não?

— Provavelmente — disse ele, depois assentiu. — É.

— Talvez ainda haja uma ou duas em Eoferwic.

— Uma pena, a Hild — disse Guthred vagamente.

— Como assim?

— Se você não estivesse com ela — disse ele com vigor —, **poderia ser** marido de Gisela.

— Hild e eu somos amigos — respondi. — Só amigos. — O que era verdade. Tínhamos sido amantes, mas desde que Hild vira o corpo de São Cuthbert mergulhara num estado de contemplação. Estava sentindo o chamado de seu deus, eu sabia, e perguntei se ela queria vestir de novo o manto de freira, mas ela balançou a cabeça e disse que não estava pronta.

— Mas eu provavelmente deveria casar Gisela com um rei — disse Guthred, ignorando minhas palavras.— Talvez Aed da Escócia. Mantê-lo quieto com uma noiva? Ou talvez seja melhor ela se casar com o filho de Ivarr. Você acha que ela é suficientemente bonita?

— Claro que é!

— Cara de cavalo! — disse ele, e riu do velho apelido. — Nós dois costumávamos pegar peixinhos aqui. — Em seguida tirou as botas, deixou-as na margem e começou a vadear rio acima. Acompanhei-o, permanecendo na margem, onde fui passando sob amieiros e pelo capim alto. Moscas zumbiam ao redor. Era um dia quente.

— O senhor quer peixinhos? — perguntei, ainda pensando em Gisela.

— Estou procurando uma ilha.

— Não pode ser uma ilha muito grande. — O riacho poderia ser atravessado em dois passos e jamais subia acima das panturrilhas de Guthred.

— Era grande o bastante quando eu tinha 13 anos.

— Grande o bastante para quê? — perguntei, depois bati numa mutuca, esmagando-a na cota de malha. Fazia calor a ponto de eu desejar não ter saído com a malha, mas há muito havia aprendido que um homem deve se acostumar com a armadura pesada; caso contrário, na batalha ela se torna um estorvo, e por isso eu a usava na maior parte dos dias, de modo a se tornar uma segunda pele.

Quando tirava a malha, era como se o sol me tivesse queimado depois de dias.

— Era grande o bastante para mim e uma saxã chamada Edith — disse ele, rindo. — Foi minha primeira. Era uma coisinha doce.

— Provavelmente ainda é.

Ele balançou a cabeça.

— Foi chifrada por um touro e morreu. — Ele continuou andando na água, passando por algumas pedras nas quais cresciam samambaias, e uns cinquenta ou sessenta passos depois deu um grito feliz ao descobrir sua ilha. E senti pena de Edith, porque não era mais do que um banco de pedras que deviam ter sido afiadas como navalhas em suas costas magras.

Guthred sentou-se e começou a jogar pedrinhas na água.

— Nós podemos vencer? — perguntou.

— Provavelmente podemos tomar Eoferwic desde que Ivarr não tenha retornado.

— E se tiver?

— Então o senhor está morto.

Diante disso, ele franziu a testa.

— Podemos negociar com Ivarr — sugeri.

— É o que Alfredo faria.

— Bom! — Guthred se animou. — E posso oferecer Gisela para o filho dele.

Ignorei isso.

— Mas Ivarr não vai negociar com o senhor — falei. — Vai lutar. Ele é

um Lothbrok. Não negocia a não ser para ganhar tempo. Acredita na espada, na lança, no escudo, no machado de guerra e na morte dos inimigos. O senhor não vai negociar com Ivarr, terá de lutar com ele, e não temos exército para isso.

— Mas se tomarmos Eoferwic — disse ele energicamente —, as pessoas de lá irão se juntar a nós. O exército vai crescer.

— O senhor chama isso de exército? — perguntei, e balancei a cabeça.

— Ivarr comanda dinamarqueses endurecidos pela guerra. Quando os enfrentarmos, senhor, a maioria dos nossos dinamarqueses se juntará a ele.

Guthred me olhou com perplexidade no rosto honesto.

— Mas eles juraram a mim!

— Mesmo assim vão se juntar a ele — respondi sério.

— Então o que faremos?

NON-ACTIVATED VERSION
www.avs4you.com

— Tomamos Eoferwic, saqueamos e voltamos para cá. Ivarr não seguirá o senhor. Ele não se interessa por Cumbraland. Assim, governe aqui e eventualmente Ivarr se esquecerá do senhor.

— Eadred não gostaria disso.

— O que ele quer?

— O templo.

— Ele pode construí-lo aqui. Guthred balançou a cabeça.

— Ele o quer no litoral oeste porque é lá que vive a maioria das pessoas.

O que Eadred queria, acho, era um templo que atraísse milhares de peregrinos que encheriam sua igreja com moedas. Podia construir seu templo aqui em Cair Ligualid, mas era um local remoto e os peregrinos não viriam aos milhares.

— Mas o senhor é o rei, o senhor dá as ordens. Não Eadred.

— Certo — disse ele secamente e jogou outra pedra na água. Depois franziu a testa para mim. — O que torna Alfredo um bom rei?

— Quem diz que ele é bom?

— Todo mundo. O padre Willibald diz que ele é o maior rei desde Carlos Magno.

— Isso porque Willibald é um *earsling* abestalhado.

— Você não gosta de Alfredo?

— Odeio aquele canalha.

— Mas ele é um guerreiro, um legislador...

— Ele não é guerreiro! — interrompi com escárnio. — Ele odeia lutar!

Precisa fazer isso, mas não gosta, e é doente demais para ficar de pé numa parede de escudos. Mas é um legislador. Adora leis. Acha que se inventar leis suficientes vai criar um céu na terra.

— Mas por que dizem que ele é bom? — perguntou Guthred, perplexo.

Olhei uma águia deslizando na cuia azul do céu.

— O que Alfredo é — respondi tentando ser honesto — é justo. Ele lida direito com as pessoas, ou com a maioria. É possível confiar na palavra dele.

— Isso é bom.

— Mas é um desgraçado devoto, que desaprova tudo, cheio de preocupação. Isso é o que ele realmente é.

— Serei justo — disse o rei. — Fará tudo que os vovós exigem de mim.

— Eles já gostam do senhor, mas também precisam temê-lo.

— Temer? — Ele não gostou da ideia.

— O senhor é um rei.

— Serei um bom rei — disse Guthred com veemência, e nesse momento Tekil e seus homens nos atacaram.

Eu deveria ter adivinhado. Oito homens bem armados não atravessam uma vastidão para se juntar a um grupo de maltrapilhos. Eles haviam sido mandados, e não por algum dinamarquês chamado Hergild, em Heagostealdes. Tinham vindo de Kjartan, o Cruel, que, enfurecido pela humilhação do filho, mandara homens para rastrear o guerreiro morto, e eles não demoraram muito a descobrir que havíamos seguido a muralha romana. Agora Guthred e eu havíamos nos afastado num dia quente e estávamos no fundo de um pequeno vale enquanto os oito homens desciam as margens com espadas desembainhadas.

Consegui pegar Bafo de Serpente, mas ela foi empurrada de lado pela lâmina de Tekil. Então dois homens me atacaram, empurrando-me no riacho.

Lutei com eles, mas meu braço da espada estava preso, um homem havia se ajoelhado no meu peito e outro segurava minha cabeça sob a corrente, e senti o horror engasgado enquanto a água entrava na minha garganta. O mundo ficou escuro. Eu quis gritar, mas nenhum som saiu, então Bafo de Serpente foi tirada da minha mão e perdi a consciência.

Recuperei-me na ilhota de pedregulhos em que os oito homens estavam parados em volta de Guthred e de mim, com as espadas encostadas em nossa barriga e nossa garganta. Tekil, rindo, chutou a lâmina que cutucava minha goela e se ajoelhou ao meu lado.

— Uhtred Ragnarson — cumprimentou ele —, e creio que você se encontrou com Sven, o Caolho, há pouco tempo. Ele manda lembranças. — Não falei nada. Tekil deu um sorriso. — Você está com o *Skidbladnir* na bolsa? Vai navegar para longe de nós? De volta a Niflheim?

Continuei em silêncio. A respiração ardia em minha garganta e eu continuava tossindo água. Queria lutar, mas uma ponta de espada fazia força contra minha barriga. Tekil mandou que dois de seus homens pegassem os cavalos, mas com isso ainda restavam seis guerreiros nos guardando.

— É uma pena não termos pegado sua puta — disse Tekil. — Kjartan a queria. — Tentei juntar todas as forças para reagir, mas o homem que mantinha a espada na minha barriga me cutucou e Tekil simplesmente gargalhou para mim, depois desafiou meu cinto de espada e puxou-o de sob o meu corpo. Tateou a bolsa e riu ao ouvir as moedas tilintando. — Temos uma longa jornada, Uhtred Ragnarson, e não queremos que você escape. — Sihtric!

O garoto, o único sem braceletes, chegou perto. Parecia nervoso.

— Senhor? — disse ele a Tekil.

— Algemas — respondeu Tekil. Sihtric remexeu numa bolsa de couro e pegou dois conjuntos de algemas de escravos.

— Você podem deixá-lo aqui — falei, sacudindo a cabeça para Guthred.

— Kjartan quer conhecê-lo também — disse Tekil —, mas não tanto quanto quer retomar o contato com você. — Em seguida sorriu, como se fosse uma brincadeira particular, e tirou uma faca do cinto. Era uma faca de lâmina fina e tão afiada que os gumes pareciam serrilhados. — Ele mandou que eu cortasse os tendões de seus pés, Uhtred Ragnarson, porque um homem sem pernas não pode escapar, não é? Então vamos cortar seus tendões e depois vamos tirar um olho. Sven disse que eu deveria deixar um olho em você, para ele brincar, mas que se eu quisesse podia tirar o outro, se isso ajudasse a deixá-lo mais controlável, e eu quero que você fique controlável. Então, que olho você gostaria que eu tirasse, Uhtred Ragnarson? O esquerdo ou o direito?

Não falei nada outra vez e não me importo de confessar que estava apavorado. De novo tentei sair debaixo dele, mas ele estava com um dos joelhos sobre meu braço direito e outro homem segurava o esquerdo. Então a lâmina da faca tocou minha pele logo embaixo do olho esquerdo e Tekil deu um sorriso.

— Diga adeus ao seu olho, Uhtred Ragnarson.

O sol estava brilhando, refletindo-se na lâmina, de modo que meu olho esquerdo ficou cheio da luminosidade, e ainda posso ver aquela luz ofuscan-te, anos depois.

E ainda consigo ouvir o grito.

TRÊS

NON-ACTIVATED VERSION
www.avs4you.com

Foi Clapa que gritou. Era um guincho agudo como um jovem javali sendo castrado. Mais parecia um grito de terror do que um desafio, e isso não era surpreendente porque Clapa nunca havia lutado antes. Não fazia ideia de que estava gritando enquanto descia a encosta. O restante da guarda pessoal de Guthred o seguiu, mas era Clapa que vinha na frente, todo feito de desajeitamento e selvageria. Havia se esquecido de desamarrar o pedaço de pano que protegia o gume de sua espada, mas era tão grande e forte que a espada enrolada com pano funcionava como um porrete. Havia apenas cinco homens com Tekil, e os trinta rapazes desceram o barranco íngreme num jorro. Senti a faca de Tekil cortar acima de meu malar enquanto ele rolava de lado. Tentei agarrar sua mão da faca, mas ele foi rápido demais, então Clapa o acertou no crânio e ele cambaleou. Vi Rypere em vias de mergulhar a espada na garganta de Tekil e gritei dizendo que o queria vivo.

— Vivos! Deixem-nos vivos!

Dois homens de Tekil morreram apesar do meu grito. Um fora golpeado e retalhado por pelo menos uma dúzia de espadas e se retorcia e se sacudia no riacho que corria vermelho com seu sangue. Clapa havia abandonado a espada e lutava corpo a corpo com Tekil na margem de pedregulhos, onde o segurava no chão com a simples força bruta.

— Muito bem, Clapa! — falei, dando-lhe um tapa no ombro, e ele riu para mim enquanto eu tirava a faca e a espada de Tekil. Rypere acabou com o homem que se sacudia na água. Um de meus garotos havia recebido um golpe de espada na coxa, mas os demais não foram feridos e agora todos estavam rindo no riacho, querendo elogios como filhotes que haviam caçado sua primeira raposa. —

Vocês fizeram bem — disse eu, e era verdade, porque agora tínhamos como prisioneiros Tekil e três de seus homens.

Sihtric, o garoto, era um dos cativos e continuava segurando as algemas de escravo. Na minha raiva, peguei-as bruscamente e golpeei-as contra seu crânio. — Quero os outros dois homens — falei a Rypere.

— Que outros dois homens, senhor?

— Ele mandou dois homens pegar os cavalos. Encontrem-nos. — Bati de novo com força em Sihtric, querendo que ele chorasse, mas ele ficou em silêncio mesmo com o sangue escorrendo da têmpora.

Guthred ainda estava sentado no cascalho, com uma expressão de perplexidade no rosto bonito.

— Perdi minhas botas — disse ele. Isso parecia preocupá-lo mais do que a escapada por pouco.

— O senhor as deixou rio acima — respondi.

— As botas?

— Estão rio acima — falei e chutei Tekil, fazendo meu pé doer mais do que machucando suas costelas cobertas pela cota de malha, mas estava surrada.

Fora um idiota e me sentia humilhado. Prendi as espadas à cintura, depois me ajoelhei e tirei os quatro braceletes de Tekil. Ele me olhou e devia saber qual era seu destino, mas o beto não demonstrou nada.

Os prisioneiros foram levados de volta à cidade, e enquanto isso, descobrimos que os dois homens que haviam sido mandados para pegar os cavalos de Tekil deviam ter escutado a agitação, pois haviam cavalgado para o leste. Demoramos tempo demais para colocar as selas nos cavalos e partir em perseguição, e eu estava xingando porque não queria que os dois homens levassem notícias minhas de volta a Kjartan. Se os fugitivos fossem sensatos, teriam atravessado o rio e cavalgado ao longo de toda a muralha, mas talvez tenham achado que era arriscado atravessar Cair Ligualid e que era mais seguro ir para o sul e o leste. Também deveriam ter abandonado os cavalos sem cavaleiros, mas eram gananciosos e os levaram. Isso significou que os rastros eram fáceis de seguir, mesmo com o chão seco. Os dois homens estavam em terreno desconhecido e foram muito para o sul. Isso nos deu a chance de bloquear os caminhos para o leste. À noite tínhamos mais de sessenta homens caçando-os e ao alvorecer descobrimos que haviam se escondido num bosque de bétulas.

O mais velho saiu lutando. Sabia que lhe restava pouco tempo de vida e estava decidido a ir para o castelo dos cadáveres de Odin e não para os horrores de Niflheim, e atacou saindo das árvores em seu cavalo cansado, gritando um desafio.

Toquei os calcanhares nos flancos de Witnere, mas Guthred me conteve.

— É meu — disse Guthred. Em seguida desembainhou sua espada e o cavalo saltou para longe, principalmente porque Witnere, ofendido por ser bloqueado, havia mordido a anca do garanhão menor.

Guthred estava se comportando como um rei. Jamais gostou de lutar e era muito menos experiente em batalha do que eu, mas sabia que precisava fazer essa matança pessoalmente; caso contrário, os homens diriam que ele se escondia atrás da minha espada. Consegui sair bastante bem. Seu cavalo tropeçou pouco antes de encontrar o homem de Kjartan, mas isso foi uma vantagem, porque o tropeço o afastou do inimigo cujo golpe louco passou inofensivo junto à sua cintura, enquanto o movimento desesperado de Guthred acertava o pulso do sujeito, quebrando-o. Depois disso foi simples derrubá-lo do cavalo e matá-lo a golpes de espada. Guthred não gostou, mas sabia que precisava fazer isso, e com o tempo essa morte se tornou parte de sua lenda. Foram feitas canções cantando como Guthred da Nortúmbria trucidou seis malfeitores em combate, mas foi apenas um homem, e Guthred teve sorte porque seu cavalo tropeçou. Mas isso é bom num rei. Os reis precisam de sorte. Mais tarde, quando voltamos a Cair Ligualid, dei-lhe o antigo elmo do meu pai como recompensa por sua coragem, e ele ficou satisfeito.

Ordenei que Rypere matasse o segundo homem, o que fez com um prazer encorajador. Isso não foi difícil para Rypere, porque o segundo homem era um covarde e só queria se render. Jogou longe a espada e se ajoelhou, tremendo, gritando

que se entregava, mas eu tinha outros planos para ele.

— Mate-o! — disse a Rypere, que deu um riso lupino e baixou a espada com força.

Pegamos os 12 cavalos, tiramos as armaduras dos homens e deixamos os cadáveres para os animais, mas primeiro mandei Clapa usar sua espada para cortar as cabeças. Clapa me espiou com olhos de boi.

- As cabeças, senhor?

— Corte fora, Clapa. E isso é para você. — Dei-lhe dois dos braceletes de Tekil.

Ele olhou para os aros de prata como se jamais tivesse visto maravilhas como aquelas.

— Para mim, senhor?

— Você salvou nossas vidas, Clapa.

— Foi Rypere que nos levou — admitiu ele. — Disse que não deveríamos sair de perto do rei e que os senhores haviam se afastado, por isso tínhamos de ir atrás.

Então dei a Rypere os outros dois braceletes. Em seguida Clapa decapitou os mortos e aprendeu como é difícil cortar pescoços, mas assim que o serviço estava feito, levamos as cabeças sangrentas de volta a Cair Ligualid e quando chegamos à cidade arruinada mandei que os dois primeiros cadáveres fossem tirados do rio e decapitados.

O abade Eadred queria enforcar os quatro prisioneiros remanescentes, mas eu o convenci a me dar Tekil, pelo menos por aquela noite, e mandei que ele fosse trazido às ruínas de uma velha construção que acho que devia ter sido feita pelos romanos. As paredes altas eram feitas de pedra coberta de argamassa e abertas por três janelas altas. Não havia teto. O piso era feito de minúsculos ladrilhos pretos e brancos que já haviam formado algum padrão, mas esse padrão fora destruído havia muito. Fiz uma fogueira no maior trecho em que restavam ladrilhos e as chamas lançaram um tremor sinistro nas paredes antigas. Uma luz fraca entrava pelas janelas quando as nuvens saíam da frente da lua. Rypere e Clapa me trouxeram Tekil e quiseram ficar e olhar o que eu faria com ele, mas mandei-os embora.

Tekil havia perdido sua armadura e agora vestia um gibão sujo. O rosto tinha hematomas e os punhos e tornozelos estavam unidos pelas algemas de escravo que ele pretendia colocar em mim. Sentou-se numa extremidade da sala e eu me sentei do outro lado da fogueira. Ele simplesmente ficou me olhando.

Tinha um rosto bom, um rosto forte, pensei que eu poderia gostar de Tekil se fôssemos colegas em vez de inimigos. Ele pareceu achar divertida minha inspeção.

— Você era o guerreiro morto — disse ele depois de um tempo.

— Era?

— Sei que o guerreiro morto usava um elmo com um lobo de prata na crista, e vi o mesmo elmo com você. — Ele deu de ombros. — Ou será que ele lhe empresta o elmo?

— Talvez.

Ele deu um meio sorriso.

— O guerreiro morto quase matou Kjartan e o filho de medo, mas era isso que você pretendia, não era?

— Era o que o guerreiro queria — respondi.

— Agora você cortou a cabeça de quatro dos meus homens e vai mandar as cabeças de volta a Kjartan, não é?

-É.

— Porque quer amedrontá-lo ainda mais? -É.

— Mas tem de haver oito cabeças. Não é?

— É — respondi de novo.

Diante disso ele fez uma careta, depois se encostou na parede e olhou para as nuvens que corriam ao lado da lua crescente. Cães uivavam nas ruínas e Tekil virou a cabeça para escutar.

— Kjartan gosta de cães — disse ele. — Mantém uma matilha. Bichos malignos. Precisam lutar uns contra os outros e ele só fica com os mais fortes. O

canil é um castelo em Dunholm e ele os usa para duas coisas. — Então Tekil parou e me olhou inquisitivamente. — É isso que você quer, não é? Que eu conte tudo sobre Dunholm? Os pontos fortes, os pontos fracos, quantos homens há, e como você pode invadir o local?

— Tudo isso — disse eu. — E mais.

— Porque essa é a sua rixa de sangue, não é? A vida de Kjartan em vingança pela morte do *earl* Ragnar?

— O *earl* Ragnar me criou e eu o amava como um pai.

— E o filho dele?

— Alfredo o guarda como refém.

- Então você vai cumprir o dever de um filho? — perguntou ele, depois deu de ombros como se minha resposta fosse óbvia. — Você vai achar difícil, e mais difícil ainda se tiver de lutar contra os cães de Kjartan. Ele os mantém num castelo próprio. Eles vivem como senhores, e sob o piso do castelo está o tesouro de Kjartan. Muito ouro e prata. Um tesouro para o qual ele nunca olha.

Mas está tudo lá, enfiado na terra embaixo dos cães.

— Quem guarda o tesouro?

— Esse é um dos trabalhos deles, mas o segundo é matar pessoas. É como Kjartan vai matar você. Primeiro vai arrancar seus olhos, depois você vai ser despedaçado pelos cães. Ou talvez ele arranque sua pele centímetro a centímetro.

Já o vi fazer isso.

— Kjartan, o Cruel.

— Ele não é chamado assim à toa.

— Então por que você o serve?

— Ele é generoso. Há quatro coisas que Kjartan ama. Cães, tesouro, mulheres e o filho. Eu gosto de duas dessas coisas, e Kjartan é generoso com ambas.

— E as duas das quais você não gosta?

— Odeio os cachorros dele — admitiu o prisioneiro — e seu filho é um covarde.

— Sven? — fiquei surpreso. — Na infância ele não era covarde. Tekil esticou uma perna, depois fez uma careta quando as algemas contiveram seu pé.

— Quando Odin perdeu um olho — disse ele —, ganhou sabedoria, mas quando Sven perdeu um olho, aprendeu o medo. Ele é bastante corajoso quando está lutando contra os fracos, mas não gosta de enfrentar os fortes. Mas seu pai não é covarde.

— Lembro-me de que Kjartan era corajoso.

— Corajoso, cruel e brutal, e agora você também ficou sabendo que ele tem um castelo senhorial cheio de cães que vão fazê-lo em pedaços sangrentos. E

isso, Uhtred Ragnarson, é tudo o que irei lhe dizer.

Balancei a cabeça.

— Vai me dizer mais.

Ele ficou olhando enquanto eu colocava um pedaço de lenha na fogueira.

— Por que vou contar mais?

— Porque tenho uma coisa que você **quer**.

— Minha vida?

— O modo como você vai morrer.

Ele entendeu e deu um meio sorriso.

— Ouvi dizer que os nórdicos querem te enforcar, é?

— Querem — respondi —, porque não têm imaginação. Mas não deixarei que o enforcem.

— E o que fará em vez disso? Vai me dar àqueles garotos que você chama de soldados? Deixar que treinem comigo?

— Se você não falar, é exatamente isso que vai acontecer, porque eles precisam do treino. Mas vou tornar fácil para eles. Você não terá espada.

Sem espada ele não iria para o castelo dos cadáveres, e essa era ameaça suficiente para fazer Tekil falar. Disse-me que Kjartan tinha o equivalente a três tripulações em Dunholm, o que significava cerca de cento e cinquenta guerreiros, mas havia outros em propriedades perto da fortaleza, que lutariam por ele se fossem convocados, de modo que, se desejasse, Kjartan poderia liderar quatrocentos guerreiros bem treinados.

— E eles são leais — alertou Tekil.

— Porque ele é generoso?

— Mulheres e prata nunca são demais. O que mais um guerreiro pode querer?

— Ir para o castelo dos cadáveres — respondi, e Tekil assentiu diante dessa verdade. — Então, de onde os escravos vêm?

— Dos comerciantes como aquele que você matou. Ou n'ós mesmos encontramos.

— Vocês os mantêm em Dunholm?

Tekil balançou a cabeça.

— Só as garotas vão para lá, o restante vai para Gyruum. — Isso fazia sentido. Eu já estivera em Gyruum, um local em que existira um famoso mosteiro antes de Ragnar, o Velho, destruí-lo. Era uma pequena cidade na margem sul do rio Tyne, muito perto do mar, o que a tornava um local conveniente para os navios de escravos vindos do outro lado da água. Havia uma antiga fortaleza romana na ponta de terra de Gyruum, mas a fortaleza nem de longe era tão defensável quanto Dunholm, o que não importava muito porque, se houvesse problema, a guarnição de Gyruum teria tempo de marchar para o sul, para a fortaleza maior, e encontrar refúgio, levando os escravos. — E Dunholm não pode ser tomada — disse Tekil.

— Não pode? — perguntei com ceticismo.

— Estou com sede.

— Rypere! — gritei. — Sei que você está aí fora! Traga um pouco de cerveja!

Dei um pote de cerveja a Tekil, um pouco de pão e carne de cabra fria, e enquanto comia ele falou de Dunholm e garantiu que o local era realmente inexpugnável.

— Um exército suficientemente grande poderia tomá-la — sugeri.

Ele zombou da ideia.

— Só é possível se aproximar pelo norte, e essa área de aproximação é íngreme e estreita, de modo que, mesmo tendo o maior exército do mundo, você só pode levar alguns poucos homens contra as defesas.

— Alguém já tentou?

— Ivarr foi dar uma olhada, ficou durante quatro dias e marchou para longe. Antes disso o filho do *earl* Ragnar veio e nem ficou tanto tempo assim.

Você poderia fazer com que o local passasse fome, acho, mas isso vai lhe custar um ano, e quantos homens podem se dar ao luxo de manter uma força de cerco, com comida, durante um ano? — Ele balançou a cabeça. — Dunholm é como Bebbanburg, inexpugnável.

Meu destino, no entanto, estava me levando aos dois lugares. Fiquei sentado em silêncio, pensando. Até que Tekil fez força contra as algemas como se quisesse ver se conseguiria arrebatá-las. Não conseguiu.

— Então diga como será minha morte — pediu ele.

— Tenho mais uma pergunta.

Ele deu de ombros.

— Faça.

— Thyra Ragnarsdottir.

Isso o surpreendeu e ele ficou em silêncio por um tempo, depois percebeu que, claro, eu havia conhecido Thyra na infância.

— A adorável Thyra — disse com sarcasmo.

— Está viva?

— Ela deveria ser a esposa de Sven.

— E é?

Ele gargalhou.

— Ela foi obrigada a ir para a cama dele, o que você acha? Mas agora ele não a toca. Tem medo dela. Por isso Thyra está trancada e Kjartan ouve os sonhos dela.

— Os sonhos?

— Os deuses falam através dela. É o que Kjartan acha.

— E o que você acha?

— Acho que a vaca é doída.

Encarei-o através das chamas.

— Mas está viva?

— Se você pode chamar aquilo de vida — disse ele secamente.

— Louca?

— Ela se corta — disse Tekil passando a borda da mão pelo braço. — Ela grita, corta a carne e roga pragas. Kjartan tem medo dela.

— E Sven?

Tekil fez uma careta.

— Morre de medo. Quer que ela morra.

— Então por que não está morta?

— Porque os cães não a tocam e porque Kjartan acredita que ela tem o dom da profecia. Ela lhe disse que o guerreiro morto vai matá-lo, e parece que ele acredita.

— O guerreiro morto vai matar Kjartan. E amanhã vai matar você.

Ele aceitou esse destino.

— Os galhos de aveleira?

— Sim.

— E com uma espada na mão?

— Nas duas mãos, se você quiser, porque o guerreiro morto vai matá-lo de qualquer jeito.

Ele assentiu, depois fechou os olhos e se encostou na parede outra vez.

— Sihtric é filho de Kjartan — disse ele. Sihtric era o garoto que fora capturado com Tekil.

— É irmão de Sven?

— Meio-irmão. A mãe de Sihtric era uma escrava saxã. Kjartan deu-a aos cães quando achou que ela quis envenená-lo.

Talvez ela tenha feito isso, ou talvez ele só tenha tido uma dor de barriga. Mas de qualquer modo deu-a de comer aos cães e ela morreu. Ele deixou Sihtric viver porque o garoto é meu serviçal e eu implorei. É um bom garoto. Você faria bem em deixá-lo viver.

— Mas preciso de oito cabeças — lembrei.

— É — respondeu ele cansado —, precisa. O destino é inexorável.

O abade Eadred queria que os quatro homens fossem enforcados. Ou afogados. Ou estrangulados. Queria-os mortos,

desonrados e esquecidos.

— Eles atacaram nosso rei! — declarou veemente. — E devem sofrer uma morte vil, uma morte vil! — Continuava repetindo essas palavras com um prazer raro. Simplesmente dei de ombros e disse que havia prometido uma morte honrada a Tekil, uma morte que o mandasse ao Valhalla em vez de ao Niflheim, e Eadred olhou para meu amuleto do martelo e berrou que, em Haliwerfolkland, não poderia haver misericórdia para os homens que haviam atacado o escolhido de Cuthbert.

Estávamos discutindo na encosta logo abaixo da nova igreja, e os quatro prisioneiros, todos presos com algemas ou cordas, estavam sentados no chão, vigiados pela guarda pessoal de Guthred, e muitas pessoas da cidade estavam ali, esperando a decisão de Guthred. Eadred arengava com o rei, dizendo que uma demonstração de fraqueza iria solapar a autoridade de Guthred. Os religiosos concordavam com o abade, o que não era surpresa, e os principais apoiadores eram dois monges recém-chegados que haviam atravessado as colinas vindo do leste da Nortúmbria. Chamavam-se Jaenberht e Ida, ambos tinham vinte e poucos anos e ambos deviam obediência a Eadred. Evidentemente haviam estado do outro lado dos morros em alguma missão para o abade, mas agora haviam retornado a Cair Ligualid e eram veementes com relação a que os prisioneiros deveriam morrer de modo ignominioso e doloroso.

— Queime-os como os pagãos queimaram tantos santos! — instava Jaenberht. — Asse-os nas chamas do inferno!

— Enforque-os! — insistia o abade Eadred.

Eu podia sentir, mesmo que Eadred não pudesse, que os dinamarqueses de Cumbraland que haviam se juntado a Guthred estavam se ofendendo com a veemência dos padres, por isso chamei o rei de lado.

— O senhor acha que pode permanecer rei sem os dinamarqueses? — perguntei.

— Claro que não.

— Mas se torturar outros dinamarqueses até a morte, eles não vão gostar.

Vão achar que o senhor prefere os saxões.

Guthred ficou perturbado. Devia seu trono a Eadred e não iria mantê-lo se o abade o abandonasse, mas também não iria mantê-lo se perdesse o apoio dos dinamarqueses de Cumbraland.

— O que Alfredo faria? — perguntou.

— Rezaria — respondi — e mandaria que todos os seus monges e padres rezassem, mas no fim faria o necessário para manter o reino intacto. — Guthred apenas ficou olhando. — O necessário — repeti lentamente.

Guthred assentiu, depois franziu a testa, depois olhou para Eadred.

— Em um ou dois dias — disse Guthred suficientemente alto para que a maioria da multidão escutasse —, marcharemos para o leste. Vamos atravessar as colinas e levar nosso santo abençoado para um novo lar numa terra santa. Vamos derrotar nossos inimigos, quaisquer que sejam, e vamos estabelecer um novo reino. — Estava falando em dinamarquês, mas suas palavras eram traduzidas para o inglês por três ou quatro pessoas. — Isso acontecerá — disse ele, agora falando com mais força — porque meu amigo, o abade Eadred, recebeu um sonho enviado por Deus e pelo sagrado São Cuthbert, e quando partirmos daqui para atravessar as colinas iremos com as bênçãos de Deus e a ajuda de São Cuthbert, e faremos um reino melhor, um reino santo que será guardado pela magia da Cristandade. — Eadred franziu a testa diante da palavra magia, mas não protestou. A percepção de Guthred da nova religião ainda era um esboço, mas no geral ele estava dizendo o que Eadred queria ouvir. — E teremos um reino de justiça! — disse Guthred muito alto. — Um reino em que todos os homens terão fé em Deus e no rei, mas em que nem todos os homens adorarão o mesmo deus.

— Agora todos estavam escutando, escutando atentamente, e Jaenberht e Ida começaram a se levantar como se fossem protestar contra a última proposta de Guthred, mas Guthred continuou falando. — E não serei rei de uma terra em que forçarei os homens a seguir os costumes de outros homens, e o costume destes homens — ele indicou Tekil e seus companheiros — é morrer com uma espada na mão, e isso acontecerá. E Deus terá misericórdia de suas almas.

Houve silêncio. Guthred se virou para Eadred e falou muito mais baixo:

— Há algumas pessoas — disse ele em inglês — que não acham que podemos vencer os dinamarqueses numa luta. Então, que eles vejam isso acontecer agora.

Eadred se enrijeceu, depois se obrigou a assentir.

— Como ordenar, senhor rei.

E assim os galhos de aveleira foram trazidos.

Os dinamarqueses entendiam as regras de uma luta dentro de uma área marcada por galhos de aveleira desfolhados. É uma luta em que só um homem pode sair vivo, e se algum deles fugir do espaço marcado pelas aveleiras, pode ser morto por qualquer pessoa, pois se tornou um nada. Guthred queria lutar pessoalmente com Tekil, mas senti que ele só fez a sugestão porque era isso que se esperava dele, mas na verdade ele não queria enfrentar um guerreiro experiente.

— Eu lutarei com todos — insisti, e ele não discutiu.

Agora estou velho. Velho demais. Algumas vezes perco a conta de quanto, mas deve fazer oitenta anos desde que minha mãe morreu me dando à luz, e poucos homens vivem tanto, e muito poucos que frequentam a parede de escudos vive metade disso. Vejo pessoas me olhando, esperando que eu morra, e sem dúvida vou realizar esse desejo em breve. Elas baixam a voz quando estão perto de mim para não me perturbar, e isso é uma chateação porque não ouço tão bem

quanto antes e não vejo tão bem quanto antes, e mijo a noite toda, meus ossos estão rígidos e meus velhos ferimentos doem, e todo anoitecer, quando me deito, certifico-me de que Bafo de Serpente ou outra de minhas espadas esteja ao lado da cama, para que possa segurar o cabo se a morte vier me buscar. E na escuridão, enquanto ouço o mar bater na areia e o vento agitar a palha do teto, lembro-me de como era ser jovem, alto, forte e rápido. E arrogante.

Eu era tudo isso. Era Uhtred, matador de Ubba, e em 878, o ano em que Alfredo derrotou Guthrum e o ano em que Guthred chegou ao trono da Nortúmbria, eu tinha apenas 21 anos e meu nome era conhecido onde quer que os homens afixassem espadas. Era um guerreiro. Um guerreiro de espada, e tinha orgulho disso. Tekil sabia. Ele era bom, havia travado uma quantidade de batalhas, mas quando atravessou o galho de aveleira, soube que estava morto.

Não direi que eu não estava nervoso. Homens já me olharam em campos de batalha em toda a ilha da Britânia e se perguntaram se eu não tinha medo, mas claro que tinha. Todos temos medo. Ele se arrasta por dentro da gente como um animal, gada a tripa, enfraquece os músculos, tenta soltar as entranhas e quer que a gente se encolha e chore, mas o medo deve ser empurrado para longe e a habilidade deve ser liberada, e a selvageria vai levar a gente até o final, e ainda que muitos homens tenham tentado me matar e com isso merecer a vanglória de ter matado Uhtred, até agora essa selvageria me permitiu viver. E agora, acho, estou velho demais para morrer em batalha, de modo que em vez disso vou me esvaír até o nada. *Wyrd bi ðu fari*, é como dizemos, e é verdade. O destino é inexorável.

O destino de Tekil era morrer. Lutou com espada e escudo. Eu havia lhe devolvido sua cota de malha e, para que ninguém dissesse que eu tinha vantagem, lutei sem qualquer armadura. Nem escudo. Eu era arrogante e tinha consciência de que Gisela estava olhando, e na minha cabeça dediquei a ela a morte de Tekil.

A luta demorou pouco mais do que um instante, mesmo que eu estivesse mancando. Manco um pouquinho desde o golpe de lança na coxa em Ethandun, mas isso não me deixou mais lento. Tekil veio correndo, esperando me derrubar com o escudo e depois me cortar com a espada, mas virei-o com facilidade e continuei me movendo. Esse é o segredo de vencer uma luta de espadas.

Continuar em movimento. Dançar. Na parede de escudos o homem não pode se mexer, apenas estocar, bater, cortar e manter o escudo alto, mas dentro dos galhos de aveleira a rapidez significa vida. Faça o outro homem reagir e o mantenha desequilibrado, e Tekil era lento porque estava usando cota de malha e eu não tinha armadura, mas mesmo com armadura eu era rápido e ele não tinha chance de igualar minha velocidade. Veio para mim de novo e deixei-o passar, depois tornei sua morte rápida. Ele estava se virando para me encarar, mas eu não dei tempo para isso. Bafo de Serpente acertou sua nuca, logo acima da borda da cota. E como Tekil não tinha elmo, a lâmina atravessou sua coluna e ele desmoronou na poeira. Matei-o rapidamente e ele foi para o castelo dos cadáveres, onde um dia irá me receber.

A multidão aplaudiu. Acho que os saxões tinham medo da minha presença, que os prisioneiros fossem queimados, afogados ou pisoteados por cavalos, mas um número suficiente deles apreciava o trabalho da espada e bateu palmas para mim.

Gisela estava rindo. Hild não olhava. Estava na borda da multidão com o padre Willibald. Os dois passavam longas horas conversando e eu sabia que eram assuntos cristãos que eles discutiam, mas isso não era da minha conta.

Os outros dois prisioneiros estavam aterrorizados. Tekil fora seu líder, e um homem lidera outros porque luta melhor. Na morte súbita de Tekil eles tinham visto a sua própria morte, e nenhum dos dois lutou de verdade. Em vez de atacar tentaram se defender, e o segundo teve habilidade suficiente para aparar meus golpes várias vezes, até que estoquei alto, seu escudo subiu e eu chutei seu tornozelo, derrubando-o. E a multidão aplaudiu enquanto ele morria.

Com isso restou Sihtric, o garoto. Os monges, que queriam enforcar os dinamarqueses mas agora sentiam uma alegria pagã com as mortes honradas, empurraram-no para o círculo de aveleiras. Pude ver que Sihtric não sabia como segurar a espada e que seu escudo não passava de um fardo. Sua morte estava a um instante de distância, para mim não era mais problema do que esmagar uma mosca. Ele também sabia disso e estava chorando.

Eu precisava de oito cabeças. Tinha sete. Olhei para o garoto e ele não conseguia me encarar. Em vez disso, olhou para longe, e viu as marcas de sangue na terra onde os três primeiros corpos haviam sido arrastados para longe, e caiu de joelhos. A multidão zombou. Os monges gritavam para que eu o matasse. Ao contrário, esperei para ver o que Sihtric faria e o vi dominar o medo. Vi o esforço que ele fez para parar de chorar, para controlar o fôlego, para forçar as pernas trêmulas a obedecer, de modo que conseguisse ficar de pé. Levantou o escudo, fungou e me encarou nos olhos. Indiquei sua espada e ele a ergueu obedientemente, para morrer como um homem. Havia cascas de ferida sangrando em sua testa, onde eu o havia acertado com as algemas.

— Qual era o nome da sua mãe? — perguntei. Ele me encarou e pareceu incapaz de falar. Os monges gritavam pedindo sua morte. — Qual era o nome da sua mãe? — perguntei de novo.

— Elflaed — gaguejou ele, mas tão baixo que não pude ouvir. Franzi a testa, esperei, e ele repetiu o nome. — Elflaed.

— Elflaed, senhor — corrigi.

— Ela se chamava Elflaed, senhor.

— Era saxã?

— Sim, senhor.

— E tentou envenenar seu pai?

Ele fez uma pausa, então percebeu que não haveria mal em contar a verdade agora.

— Sim, senhor.

— Como? — precisei levantar a voz acima do barulho da multidão.

— Com as frutinhas pretas, senhor.

— Meimendro?

— Sim, senhor.

— Quantos anos você tem?

— Não sei, senhor. Quatorze, supus.

— Seu pai gosta de você?

Essa pergunta o deixou perplexo.

— Se gosta de mim?

— Kjartan. Ele é seu pai, não é?

— Praticamente não conheço ele, senhor — disse Sihtric, e isso provavelmente era verdade. Kjartan devia ter gerado uma centena de filhotes em Dunholm.

— E sua mãe?

— Eu a adorava, senhor — disse Sihtric, e estava de novo à beira das lágrimas.

Cheguei um passo mais perto dele, e seu braço com a espada hesitou, mas ele tentou se firmar.

— De joelhos, garoto — ordenei. Então ele pareceu desafiador.

— Vou morrer direito — disse numa voz esganiçada pelo medo.

— De joelhos! — rosnei. O tom de minha voz o aterrorizou e ele caiu de joelhos, parecendo incapaz de se mexer

enquanto eu me aproximava. Ele se encolheu quando reverti Bafo de Serpente, esperando que eu o acertasse com o cabo pesado, mas então a descrença apareceu em seus olhos enquanto eu estendia o punho da espada para ele. — Segure —

falei — e diga as palavras. —

Ele continuou me encarando, depois conseguiu largar o escudo e a espada e pôs as mãos no punho de Bafo de Serpente.

— Diga as palavras — falei de novo.

— Serei seu homem, senhor — disse ele me olhando —, e irei servi-lo até a morte.

— E mais além — disse eu.

— E mais além, senhor — disse ele.

Jaenberht e Ida lideraram o protesto. Os dois monges atravessaram os galhos de aveleira e gritaram que o garoto tinha de morrer, que era a vontade de Deus que ele morresse, e Sihtric se encolheu enquanto eu arrancava Bafo de Serpente de suas mãos e girava-a. A lâmina, recém-então enfiada e com moças, recobriu a direção dos monges e eu a segurei imóvel com a ponta no pescoço de Jaenberht. Então chegou a fúria, a fúria da batalha, a sede de sangue, o júbilo da matança, e tive de me esforçar ao máximo para não deixar Bafo de Serpente tirar outra vida. Ela queria, dava para senti-la tremendo na minha mão.

— Sihtric é meu homem — disse eu ao monge —, e se alguém fizer mal a ele, será meu inimigo, e eu o mataria, monge, se você fizesse mal a ele, mataria sem pensar duas vezes. — Agora eu estava gritando, forçando-o para trás. Eu não era nada além de fúria e névoa rubra, querendo sua alma. — Alguém aqui — gritei, finalmente conseguindo afastar a ponta de Bafo de Serpente da garganta de Jaenberht e girando a espada para abarcar a multidão — nega que Sihtric é meu homem?

Alguém?

Ninguém falou. O vento soprou através de Cair Ligualid e todos puderam sentir o cheiro da morte naquela brisa. Ninguém falou, mas o silêncio não satisfaz minha raiva.

— Alguém? — gritei, desesperadamente ansioso para que alguém aceitasse meu desafio. — Porque vocês podem matá-lo agora, de joelhos, mas primeiro terão de me matar.

Jaenberht ficou me olhando. Tinha rosto estreito e moreno e olhos inteligentes. Sua boca era torta, talvez por causa de algum acidente na infância, e isso lhe dava uma aparência de estar rindo com desprezo. Eu quis despedaçar sua alma podre arrancando-a do corpo magro. Ele queria minha alma, mas não ousava se mexer. Ninguém se mexeu até que Guthred atravessou os galhos de aveleira e estendeu a mão para Sihtric.

— Bem-vindo — disse ao garoto.

O padre Willibald, que viera correndo ao escutar meu desafio furioso, também passou pelos galhos de aveleira.

— Pode guardar a espada, senhor — disse ele com gentileza. Estava apavorado demais para chegar perto, mas tinha coragem suficiente para ficar diante de mim e empurrar Bafo de Serpente de lado. — Pode guardar a espada

— repetiu.

— O garoto vive! — rosnei para ele.

— Sim, senhor — disse Willibald baixinho —, o garoto vive. Gisela estava me espiando, olhos brilhantes como quando havia recebido seu irmão de volta da escravidão. Hild estava olhando Gisela.

E eu ainda precisava de uma cabeça decepada.

Partimos ao amanhecer, um exército indo para a guerra.

Os homens de Ulf eram a vanguarda, depois vinha a horda de religiosos carregando as três preciosas caixas do abade Eadred. Gisela caminhava ao lado do irmão e eu ia logo atrás, enquanto Hild guiava Witnere, mas quando se cansou insistiu em que montasse no garanhão.

Hild parecia uma freira. Havia trançado o cabelo dourado e comprido e depois torcido as tranças em volta da cabeça. Sobre isso usava um capuz cinza-claro. Sua capa era do mesmo cinza-claro e no pescoço havia pendurado uma cruz de madeira que ela ficava segurando enquanto cavalgava.

— Eles andaram incomodando você, não foi? — perguntei.

— Quem?

— Os padres. O padre Willibald. Andou dizendo para você voltar ao convento.

— Deus andou me incomodando — disse ela. Olhei-a e ela sorriu como se para garantir que não iria colocar seu dilema sobre mim. — Rezei a

São Cuthbert.

— Ele respondeu? Ela segurou a cruz.

— Só rezei — disse ela calmamente —, e isso é um começo.

— Não gosta de ser livre? — perguntei asperamente. Hild riu disso.

— Sou mulher, como posso ser livre? — Não falei nada e ela sorriu. —

Sou como o visgo, preciso de um galho no qual crescer. Sem o galho não sou nada. — Ela falava sem amargura, como se meramente declarasse uma verdade óbvia. E era verdade. Ela era uma mulher de boa família e, se não tivesse sido dada à igreja na época, seria dada a um homem, como a pequena Ethelflaed. Esse é o destino da mulher. Com o tempo conheci uma mulher que desafiou esse destino, mas Hild era como o boi que sentia falta da canga num dia de festa.

— Você é livre agora.

— Não, sou dependente de você. — Ela olhou para Gisela, que estava rindo de algo que seu irmão acabara de dizer. — E você está tomando muito cuidado para não me envergonhar, Uhtred. — Queria dizer que eu não a humilhava abandonando-a para ir atrás de Gisela, e isso era verdade, mas por pouco. Viu minha expressão e riu. — Em muitos sentidos você é um bom cristão.

— Sou?

— Você tenta fazer o que é certo, não é? — Ela riu da minha expressão chocada. — Quero que me faça uma promessa.

— Se eu puder — respondi — vou fazer.

— Prometa que não vai roubar a cabeça de São Oswald para ser a oitava.

Ri, aliviado porque a promessa não envolvia Gisela.

— Eu estava pensando nisso — admiti.

— Sei que estava, mas não vai dar certo. É velha demais. E você deixaria Eadred infeliz.

— O que há de errado com isso? Ela ignorou a pergunta.

— Sete cabeças bastam.

— Oito seria melhor.

— Uhtred, seu ganancioso.

Agora as sete cabeças estavam dentro de um saco que Sihtric pusera num jumento que puxava por uma corda. Moscas zumbiam ao redor do saco, cujo fedor era tamanho que Sihtric andava sozinho.

Éramos um exército estranho. Sem contar os religiosos, totalizávamos 318

homens, e conosco marchavam pelo menos um número igual de mulheres, crianças e os cachorros de sempre. Havia sessenta ou setenta padres e monges e eu teria trocado cada um deles por mais cavalos ou mais guerreiros. Dos 318 homens, eu duvidava de que valeria a pena colocar ao menos cem numa parede de escudos. Na verdade, não era um exército, e

sim uma turba.

Os monges cantavam caminhando. Acho que cantavam em latim, porque eu não entendia as palavras. Havia coberto o caixão de São Cuthbert com um rico tecido verde bordado com cruces, e naquela manhã um corvo havia sujado o pano de merda. A princípio achei que era mau presságio, mas depois decidi que, como o corvo era o pássaro de Odin, estava meramente demonstrando o desprazer com o cristão morto, por isso aplaudi a piada do deus, recebendo um olhar maligno dos irmãos Ida e Jaenberht.

— O que faremos se chegarmos a Eoferwic e descobirmos que Ivarr retornou? — perguntou Hild.

— Vamos fugir, claro.

Ela riu.

— Você está feliz, não está?

— Estou.

— Por quê?

— Porque estou longe de Alfredo — respondi, e percebi que era verdade

— Alfredo é um bom homem — censurou Hild.

— É, mas você fica ansiosa pela companhia dele? Prepara uma cerveja especial para ele? Lembra-se de uma piada para contar a ele? Alguém alguma vez se senta junto a uma fogueira e propõe charadas a ele? Nós cantamos com ele?

Tudo o que ele faz é se preocupar com o que seu deus quer, e faz regras para agradar ao seu deus, e se a gente faz algo por ele, nunca é suficiente porque seu deus desgraçado simplesmente quer mais.

Hild me deu seu sorriso paciente, o mesmo de todas as vezes em que eu insultava seu deus.

— Alfredo quer você de volta — disse ela.

— Ele não me quer, quer minha espada.

— Você vai voltar?

— Não — respondi com firmeza e tentei ver o futuro para testar a resposta, mas não sabia o que as fiandeiras que fazem nosso destino planejavam para mim. De algum modo, com essa turba de homens, eu esperava destruir Kjartan e capturar Bebbanburg, e o bom senso dizia que isso não poderia ser feito, mas o bom senso nunca imaginou que um escravo liberto seria aceito como rei por saxões e dinamarqueses.

— Você nunca vai voltar? — perguntou Hild, cética com a primeira resposta.

— Nunca — respondi, e pude ouvir as fiandeiras rindo de mim e temia, que o destino tivesse me amarrado a Alfredo. E fiquei ressentido, porque isso sugeria que eu não era meu senhor. Talvez eu também fosse como o visgo, só que tinha um dever. Tinha uma rixa de sangue para terminar.

Seguimos pelas estradas romanas atravessando os morros. Demoramos cinco dias, lentamente, mas não podíamos ir mais depressa do que os monges carregando o cadáver do santo nos ombros. Toda noite eles rezavam, e todo dia novas pessoas se juntavam a nós, de modo que, enquanto marchávamos no último dia pela planície em direção a Eoferwic, éramos quase quinhentos homens. Ulf, que agora se dizia *earl* Ulf, liderava a marcha sob seu estandarte com uma cabeça de águia. Ele passara a gostar de Guthred, e Ulf e eu éramos os conselheiros mais próximos do rei. Eadred também era próximo, claro, mas Eadred tinha pouco a dizer sobre questões de guerra. Como a maioria dos religiosos, presumia que seu deus nos daria a vitória, e era só isso que tinha para contribuir. Ulf e eu, por outro lado, tínhamos muito a dizer, e o essencial era que quinhentos homens mal treinados nem de longe bastariam para capturar Eoferwic caso Egbert quisesse defendê-la.

Mas Egbert estava desesperado. Há uma história no livro sagrado cristão sobre um rei que viu umas coisas escritas na parede. Ouvi a história algumas vezes, mas não lembro os detalhes, só que era um rei, que havia palavras em sua parede e elas o amedrontaram. Um dos padres cristãos e creia nas palavras, mas ele não sabia o que fazer. Eu poderia mandar chamar o padre da minha mulher, já

que hoje em dia permito que ela empregue uma criatura desleal, e poderia lhe perguntar os detalhes, mas ele apenas iria rastejar aos meus pés e implorar que eu aumentasse a coroa de ouro, cerveja e mel para sua família, o que não quero fazer, de modo que agora os detalhes não importam. Havia um rei, sua parede tinha palavras escritas e elas o apavoraram.

Foi Willibald que pôs aquela história em minha cabeça. Ele estava chorando quando entramos na cidade, chorando lágrimas de felicidade, e quando ficou sabendo que Egbert não resistiria a nós, começou a gritar que o rei tinha visto os escritos na parede. Gritava e gritava, e na época isso não fazia sentido para mim, mas agora sei o que ele queria dizer.

Queria dizer que Egbert havia perdido antes mesmo de começar a lutar.

Eoferwic estivera esperando o retorno de Ivarr, e muitos de seus cidadãos, temendo a vingança do dinamarquês, haviam partido. Egbert tinha uma guarda pessoal, claro, mas a maioria dos participantes havia desertado, de modo que agora suas tropas domésticas contavam com apenas 28 homens e nenhum deles queria morrer por um rei com escritos na parede, e os cidadãos que restavam não estavam no clima para fazer barricadas nos portões ou guardar a muralha, de modo que o exército de Guthred entrou sem encontrar qualquer resistência.

Fomos bem recebidos. Acho que o povo de Eoferwic achava que tínhamos vindo defendê-los contra Ivarr, e não tomar a coroa de Egbert, mas mesmo quando ficaram sabendo que tinham um novo rei, pareceram bastante satisfeitos.

O que mais os animava, claro, era a presença de São Cuthbert, e Eadred colocou o caixão santo de pé na igreja do arcebispo, abriu a tampa e o povo se apinhou para ver o morto e rezar a ele.

Wulfhere, o arcebispo, não estava na cidade, mas o padre Hrothweard permanecia lá e continuava pregando loucuras, e se ligou instantaneamente a Eadred. Acho que ele também tinha visto os escritos na parede, mas o único escrito que eu vi foram cruces rabiscadas nas portas. Estas deveriam indicar que cristãos moravam dentro, mas a maioria dos dinamarqueses sobreviventes também colocava a cruz como proteção contra saqueadores, e os homens de Guthred queriam saquear. Eadred havia prometido mulheres lascivas e montes de prata, mas agora o abade lutava tremendamente para proteger os cristãos da cidade contra os dinamarqueses de Guthred. Houve alguns problemas, mas não muitos. O povo teve o bom senso de oferecer moedas, comida e cerveja para não ser roubado. Guthred descobriu baús de prata dentro do palácio e distribuiu dinheiro ao seu exército. E havia bastante cerveja nas tavernas, de modo que, por enquanto, os homens de Cumbraland estavam bastante felizes.

— O que Alfredo faria? — perguntou-me Guthred naquela primeira noite em Eoferwic. Era uma pergunta à qual eu estava me acostumando, porque de algum modo Guthred havia se convencido de que Alfredo era um rei que valia a pena imitar.

Desta vez fazia a pergunta sobre Egbert, que fora descoberto em seu quarto. Egbert foi arrastado ao grande salão, onde se ajoelhou diante de Guthred e jurou lealdade. Era uma visão estranha, um rei se ajoelhando a outro, e o velho salão romano iluminado por braseiros que enchiam de fumaça a parte superior.

Atrás de Egbert estavam seus cortesãos e serviçais, que também se ajoelharam e se arrastaram à frente para prometer lealdade a Guthred. Egbert parecia velho, doente e infeliz, ao passo que Guthred era um monarca jovem e luminoso. Eu havia encontrado a cota de malha de Egbert e dei-a a Guthred, que usou a armadura porque o fazia parecer régio. Foi efusivo com o rei deposto, fazendo-o ficar de pé e beijando-o nas bochechas, depois, cortesmente, convidando-o a sentar-se a seu lado.

— Mate o velho desgraçado — disse Ulf.

— Estou inclinado a ser misericordioso — disse Guthred regiamente.

— O senhor está inclinado a ser idiota — retrucou Ulf. Ele estava de mau humor porque Eoferwic não rendera um quarto do saque que ele havia esperado, mas encontrara garotas gêmeas que o satisfiziam e elas o impediam de reclamar demais.

Quando as cerimônias terminaram, e depois de Eadred ter berrado uma oração interminável, Guthred caminhou comigo pela cidade. Acho que queria mostrar sua armadura nova, ou talvez só quisesse clarear a cabeça da fumaça no palácio.

Tomou cerveja em cada taverna, brincando com seus homens em inglês e em dinamarquês, e beijou pelo menos cinquenta garotas, mas depois me levou às fortificações e caminhamos por um tempo em silêncio até chegarmos ao lado leste da cidade. Ali parei e olhei para o campo onde o rio parecia uma folha de prata batida sob uma meia-lua.

— Foi aqui que meu pai morreu — contei.

— Com a espada na mão? -É.

— Isso é bom — disse ele, esquecendo-se por um momento que era cristão. — Mas foi um dia triste para você.

— Foi um bom dia. Conheci o *earl* Ragnar. E jamais gostei muito do meu pai.

— Não? — Ele pareceu surpreso. — Por quê?

— Ele era uma fera carrancuda. Os homens queriam sua aprovação, e ela era dada de má vontade.

— Então era como você — disse ele, e foi minha vez de ficar surpreso.

— Eu?

— Meu carrancudo Uhtred, todo feito de raiva e ameaças. Então diga: o que faço com Egbert?

— O que Ulf sugere, daí.

— Ulf mataria todo mundo, pois assim não teria problemas. O que Alfredo faria?

— Não importa o que Alfredo faria.

— Importa, sim — insistiu ele com paciência. — Portanto, diga: havia algo em você, eu sei que sempre me levava a dizer a verdade, ou a dizer principalmente a verdade, e me senti tentado a dizer que Alfredo arrastaria o velho rei à praça do mercado e arrancaria sua cabeça, mas sabia que não era verdade. Alfredo havia poupado a vida de seu primo traçoeiro depois de Ethandun e havia permitido que o sobrinho, thelwold, vivesse, quando esse sobrinho tinha mais direitos ao trono do que o próprio Alfredo.

Por isso suspirei.

Ele o deixaria viver, mas Alfredo é um idiota devoto.

— Não é, não — disse Guthred.

Ele morre de pavor da desaprovação de Deus.

— É sensato ter medo disso.

Mate Egbert, senhor — falei com veemência. — Se não o matar, ele tentará retomar o reino. Ele tem propriedades ao sul daqui. Pode juntar homens.

Se deixá-lo viver, ele vai levar esses homens a Ivarr, e Ivarr desejará recolocá-lo no trono- Egbert é inimigo!

- ele é velho, não tem boa saúde e está morrendo de medo — disse Guthred com paciência.

— Então acabe com o sofrimento do desgraçado. Eu faria isso pelo senhor. Nunca matei um rei.

— E gostaria?

— Eu mataria esse pelo senhor. Ele deixou seus saxões massacram dinamarqueses! Não é tão patético quanto o senhor acha.

Guthred me deu um olhar de reprovação.

Conheço você, Uhtred — disse com carinho. — Quer alardear que você é o homem que matou Ubba junto ao mar, derrubou Svein do Cavalo Branco e mandou o rei Egbert de Eoferwic para a sepultura.

Que matei Kjartan, o Cruel, e trucei Ifric, usurpador de Bebbanburg.

Fico feliz por não ser seu inimigo — disse ele em tom leve, depois fez uma careta. — A cerveja é azeda aqui.

— Eles fazem de um jeito diferente — expliquei. — O que o abade Eadred diz para o senhor fazer?

— O mesmo que você e Ulf, claro. Matar Egbert.

— Pela primeira vez Eadred está certo.

Mas Alfred não o mataria — disse ele com firmeza.

— Alfredo é rei de Wessex, não está enfrentando Ivan e não tem um rival como Egbert.

— Mas Alfredo é um bom rei — insistiu Guthred.

Chutei a paliçada, cheio de frustração.

— Por que o senhor deixaria Egbert viver? Para que as pessoas gostem do senhor?

— Quero que os homens gostem de mim.

— Eles devem temê-lo — respondi com veemência. — O senhor é um rei! Tem de ser implacável. Tem de ser temido.

— Alfredo é temido?

— É — respondi, e fiquei surpreso ao perceber que tinha dito a verdade.

— Porque é implacável? Balancei a cabeça.

— Os homens temem o seu desprazer. — Eu nunca havia percebido isso antes, mas de repente estava claro. Alfredo não era implacável. Era dado à

misericórdia, mas mesmo assim era temido. Acho que os homens reconheciam que Alfredo estava sob disciplina, assim como eles estavam sob seu governo. A disciplina de Alfredo era o medo do desprazer de seu Deus. Ele jamais poderia escapar disso. Jamais poderia ser tão bom quanto desejava, mas nunca parava de tentar. Eu havia aceitado há muito tempo que tinha defeitos, mas Alfredo jamais aceitaria isso em si mesmo.

— Eu gostaria que os homens temessem meu desprazer — disse Guthred em tom afável.

— Então deixe que eu mate Egbert. — Eu poderia ter economizado o fôlego. Inspirado pela reverência a Alfredo, Guthred poupou a vida de Egbert. E

no fim provou que estava certo. Fez o velho rei ir viver num mosteiro ao sul do rio e encarregou os monges de manter Egbert confinado às paredes do mosteiro, o que fizeram, e em um ano Egbert morreu de alguma doença que o transformou num farrapo dolorido feito de ossos e cartilagens. Foi enterrado na grande igreja de Eoferwic, mas não vi nada disso.

Agora era o auge do verão e todo dia eu temia ver os homens de Ivarr vindo para o sul, mas em vez disso chegou um boato de uma grande batalha entre Ivarr e os escoceses. Sempre havia esses boatos, e a maioria era inverídica, por isso não dei crédito, mas Guthred decidiu acreditar na história e deu permissão para a maior parte de seu exército voltar a Cumbreland a fim de fazer a colheita. Isso nos deixou com muito poucos soldados para guarnecer Eoferwic.

A guarda pessoal de Guthred ficou, e todas as manhãs eu fazia os homens treinarem com espadas, escudos e lanças, e toda tarde fazia com que eles trabalhassem no sertão da malha de Eoferwic, que se via em muitos lugares. Achei que Guthred era um idiota em deixar que a maioria de seus homens fosse embora, mas ele disse que sem uma colheita seu povo passaria fome, e tinha bastante certeza de que eles voltariam. E de novo estava certo. Eles voltaram. Ulf os liderou de volta de Cumbreland e eu fiquei sabendo que o exército inteiro seria usado.

— Marcharemos para o norte para resolver as coisas com Kjartan — disse Guthred.

— E Elfric — insisti.

— Claro — respondeu Guthred.

— O que Kjartan tem para ser pilhado? — quis saber Ulf.

— Vastas riquezas — disse eu, lembrando-me das histórias de Tekil. Não falei nada sobre os cães ferozes que guardavam a prata e o ouro. — Kjartan é rico além de qualquer sonho.

— Hora de afiar as espadas — disse Ulf.

— E Elfric tem um tesouro maior ainda — acrescentei, mesmo não fazendo ideia se falava a verdade.

Mas realmente acreditava que poderíamos capturar Bebbanburg. O local nunca fora tomado por um inimigo, mas isso não significava que não poderia ser tomado. Tudo dependia de Ivarr. Se ele pudesse ser derrotado, Guthred seria o homem mais poderoso da Nortúmbria. E Guthred era meu amigo e, pelo que eu acreditava, não somente me ajudaria a matar Kjartan vingando Ragnar, o Velho, mas me devolveria minhas terras e minha fortaleza junto ao mar. Esses eram meus sonhos naquele verão. Eu achava que o futuro seria dourado se ao menos pudesse garantir o reino para Guthred, mas havia me esquecido da malignidade das três fiandeiras que ficam na raiz do mundo.

O padre Willibald queria retornar a Wessex, e não o culpei por isso. Ele era saxão do oeste e não gostava da Nortúmbria.

Lembro-me de uma noite em que comíamos um prato de úbere de vaca comprimido e cozido, e eu estava devorando aquilo e dizendo que não comia tão bem desde a infância. O pobre Willibald não conseguiu terminar sequer um bocado.

Parecia com vontade de vomitar, e eu zombei dele por ser um sulista molenga. Sihtric, que agora era meu serviçal, lhe trouxe pão e queijo e Hild e eu dividimos seu úbere. Ela também era sulista, mas não tão melindrosa quanto Willibald. Foi naquela noite, enquanto ele fazia careta para a comida, que nos contou que desejava retornar a Alfredo.

Tínhamos poucas notícias de Wessex, só que estava em paz. Guthrum, claro, fora derrotado e aceitara o batismo como parte do tratado de paz feito com Alfredo. Ele havia recebido o nome batismal de Ethelstan, que significa "pedra nobre", e Alfredo era seu padrinho. Relatos do sul diziam que Guthrum, ou como quer que ele fosse chamado agora, estava mantendo a paz. Alfredo vivia, e era praticamente só isso que sabíamos.

Guthred decidiu que mandaria uma embaixada a Alfredo. Escolheu quatro dinamarqueses e quatro saxões para cavalgar

em direção ao sul, achando que um grupo assim poderia passar em segurança por território dinamarquês ou saxão, e escolheu Willibald para levar sua mensagem. Willibald anotou-a, com a pena fazendo barulho num pedaço de pergaminho recém-raspado.

— Com a ajuda de Deus — ditou Guthred —, tomei o reino da Nortúmbria...

— Que se chama Haliwerfolkland — interrompeu Eadred. Guthred acenou cortesmente, como a sugerir que Willibald poderia decidir sozinho se acrescentaria essa frase.

— E estou decidido — continuou Guthred —, pela Graça de Deus, a governar esta terra em paz e justiça...

— Não tão depressa, senhor — disse Willibald.

— E a ensinar-lhes a preparar cerveja decente — continuou **Guthred**.

— E a ensinar-lhes... — disse Willibald baixinho.

Guthred gargalhou.

— Não, não, padre! Não escreva isso!

Pobre Willibald. A carta era tão longa que outra pele de cordeiro teve de ser esticada, raspada e aparada. A mensagem continuava, falando do sagrado São Cuthbert e de como ele trouxera o exército do povo santo a Eoferwic, e como Guthred faria um templo dedicado ao santo. Mencionava que ainda havia inimigos que poderiam estragar essa ambição, mas não os levava a sério, como se Ivarr, Kjartan e Elfric fossem pequenos obstáculos. Pedia as orações do rei Alfredo e garantia ao rei de Wessex que os cristãos de Haliwerfolkland faziam orações por ele todos os dias.

— Eu deveria mandar um presente a Alfredo — disse Guthred. — De que ele gostaria?

— Uma relíquia — sugeri azedamente.

Era uma boa sugestão, porque não havia nada que Alfredo amasse tanto quanto uma relíquia sagrada, mas não havia grande coisa em Eoferwic. A igreja do arcebispo possuía muitos tesouros, incluindo a esponja em que haviam dado vinho para Jesus beber enquanto ele morria e também o cabresto do jumento de Balaão, ainda que eu não soubesse quem era Balaão, e o motivo para seu jumento ser santo era um mistério ainda maior. A igreja possuía uma dúzia dessas coisas, mas o arcebispo as havia carregado e ninguém tinha certeza do paradeiro de Wulfhere. Presumi que tivesse se reunido a Ivarr.

Hrothweard disse que tinha uma semente de um sicômoro mencionado no evangelho, mas quando abrimos a caixa de prata em que a semente era guardada, havia apenas poeira. No fim sugeri que tirássemos dois dos três dentes de São Oswald. Eadred se ericou diante disso, depois decidiu que a ideia não era tão ruim, de modo que trouxeram um alicate, o pequeno baú foi aberto e um dos dentes arrancou. Os dentes amarelos ficaram no chão e os outros dois foram postos num belo pote de prata que Egbert havia usado para guardar ostras defumadas.

A embaixada partiu no fim de uma manhã de agosto. Guthred chamou Willibald de lado e lhe deu uma última mensagem para Alfredo, garantindo que ele, Guthred, era um cristão, mas também um cristão, e implorando que, se a Nortúmbria fosse ameaçada por inimigos, Alfredo mandasse guerreiros para lutar pela terra de Deus. Isso era o mesmo que mijar contra o vento, pensei, porque Wessex possuía inimigos suficientes sem ter de se preocupar com o destino da Nortúmbria.

Também puxei Willibald de lado. Lamentava sua partida, porque gostava dele, que era um bom homem, mas podia ver que ele estava impaciente para rever Wessex.

— Você fará uma coisa por mim, padre — disse eu.

— Se for possível — respondeu ele com cautela.

— Dê minhas lembranças ao rei.

Willibald ficou aliviado como se esperasse que meu pedido fosse muitíssimo mais difícil de realizar. E era, como ele descobriria.

— O rei vai querer saber quando o senhor irá retornar — disse ele.

— No devido tempo — respondi, mas o único motivo que eu tinha agora para visitar Wessex era recuperar o tesouro que havia escondido em Fifhaden.

Agora lamentava ter enterrado aquele tesouro, porque em verdade nunca mais queria rever Wessex. — Quero que você encontre o *earl* Ragnar.

Seus olhos se arregalaram.

— O refém?

— Encontre-o e lhe dê uma mensagem minha.

— Se eu puder — disse ele, ainda cauteloso.

Segurei seus ombros para fazer com que ele prestasse atenção e ele fez uma careta por causa da força de minhas mãos.

— Você vai encontrá-lo — falei em tom de ameaça — e vai lhe dar uma mensagem. Diga que vou para o norte, matar

Kjartan. E diga que a irmã dele está

viva. Diga que farei todo o possível para encontrá-la e mantê-la em segurança.

Diga que juro isso pela minha vida. E diga que venha para cá assim que for libertado. — Fiz com que ele repetisse e

jurasse por seu crucifixo que daria a mensagem. Ele relutou em fazer esse juramento, mas sentia medo da minha raiva, de modo que segurou o pequeno crucifixo e fez a promessa solene.

E então foi embora.

E tínhamos um exército de novo, porque a colheita estava terminada e era hora de atacar o norte.

Guthred foi para o norte por três motivos. O primeiro era Ivarr, que precisava ser derrotado, o segundo era Kjartan, cuja presença na Nortúmbria era como um fermento infeccionado, e o terceiro era Elfric, que teria de se submeter à autoridade de Guthred. Ivarr era o mais perigoso e sem dúvida nos derrotaria se trouxesse seu exército para o sul. Kjartan era menos perigoso, mas precisava ser destruído porque não haveria paz na Nortúmbria enquanto ele vivesse. Elfric era o menos perigoso.

— Seu tio é rei em Bebbanburg — disse Guthred enquanto marchávamos para o norte.

— Ele se chama assim? — perguntei com raiva.

— Não, não! Ele tem bom senso. Mas com efeito é isso que ele é. A terra de Kjartan é uma barreira, não é? De modo que o domínio de Eoferwic não se estende para além de Dunholm.

— Nós éramos reis em Bebbanburg — disse eu.

— Eram? — Guthred ficou surpreso. — Reis da Nortúmbria?

— Da Bernícia. — Guthred nunca havia escutado esse nome. — Era todo o norte da Nortúmbria — disse eu —, e tudo ao redor de Eoferwic era o reino de Deira.

— Eles se juntaram? — perguntou Guthred.

— Nós matamos seu último rei, mas isso foi há anos. Antes da chegada do cristianismo.

— Então você pode reivindicar o reino aqui? — perguntou ele e, para minha perplexidade, havia suspeita em sua voz.

Encarei-o e ele ficou vermelho.

— Mas pode? — perguntou ele, tentando parecer que não se importava com minha resposta.

Ri dele.

— Senhor rei, se o senhor restaurar meu poder em Bebbanburg, me ajoelharei aos seus pés e jurarei lealdade eterna ao senhor e a seus herdeiros.

— Herdeiros! — disse ele, animado. — Você viu Osburh?

— Vi Osburh.

Era a sobrinha de Egbert, uma garota saxã, e morava no palácio quando tomamos Eoferwic. Tinha 14 anos, cabelos escuros e rosto gorducho, bonito.

— Se eu me casar com Osburh — perguntou Guthred —, Hild seria uma dama de companhia?

— Pergunte a ela — respondi, balançando a cabeça na direção de Hild, que nos acompanhava. Eu havia pensado que Hild poderia retornar a Wessex com o padre Willibald, mas ela dissera que ainda não estava pronta para encarar Alfredo. E eu não poderia culpá-la por isso, de modo que não pressionei.

Acho que ela ficaria honrada em ser dama de companhia de sua mulher.

Naquela primeira noite acampamos em Onhripum, onde um pequeno mosteiro deu abrigo a Guthred, Eadred e à horda de religiosos. Agora nosso exército somava quase seiscentos homens, quase metade estava montada e nossas fogueiras de acampamento iluminavam os campos ao redor do mosteiro. Como comandante da guarda pessoal, acampeei mais perto das construções. E meus rapazes, que agora eram quarenta, e cuja maioria possuía cotas de malha saqueadas de Eoferwic, dormiram perto dos portões do mosteiro.

Na primeira parte da noite montei guarda com Clapa e dois saxões. Sihtric estava comigo. Eu o chamava de serviçal, mas ele estava aprendendo a usar espada e escudo, e eu achava que em um ou dois anos o garoto seria um soldado útil.

— Você está com as cabeças em segurança? — perguntei-lhe.

— Dá para sentir o cheiro delas! — protestou Clapa.

— O cheiro não é pior do que o seu, Clapa — retruquei.

— Elas estão em segurança, senhor — disse Sihtric.

— Eu deveria ter oito cabeças — falei, e pus os dedos em volta da garganta de Sihtric. — Pescoço bem fininho, Sihtric.

— Mas é um pescoço duro, senhor — disse ele.

Nesse momento a porta do mosteiro se abriu e Gisela, com uma capa preta, saiu.

— A senhora deveria estar dormindo — censurei.

— Não consigo. Quero caminhar. — Ela me lançou um olhar de desafio.

Seus lábios estavam ligeiramente abertos e a luz da fogueira brilhava em seus dentes e se refletia nos olhos grandes.

— Onde quer caminhar?

Ela deu de ombros, ainda me olhando, e pensei em Hild dormindo no mosteiro.

— Vou deixá-lo no comando, Clapa — disse eu. — Se Ivarr aparecer, mate o desgraçado.

— Sim, senhor.

Ouvi os guardas dando risinhos enquanto nos afastávamos. Silenciei-os com um rosnado, depois levei Gisela em direção às árvores a leste do mosteiro, porque ali estava escuro. Ela segurou minha mão. Não disse nada, contente em caminhar ao meu lado.

— A senhora não tem medo da noite? — perguntei.